APENAS QUESTÃO DE MÉTODO

CUNHA DE LEIRADELLA

Edições Online.triplov.com

3 de Novembro de 2008
Britiande / Portugal

APENAS QUESTÃO DE MÉTODO

romance

CUNHA DE LEIRADELLA
Casa das Leiras
São Paio de Brunhais
4830-046 - Póvoa de Lanhoso
Portugal

Telefone: 253.943.773

E-mail: leiradella@sapo.pt

para

Maria Adelaide,
a bruxinha de Terê

E quando disserem que “o crime não compensa”
você tem de lembrar que isso é porque,
quando compensa,
não é crime.

MILLÔR FERNANDES

Livro Vermelho dos Pensamentos de Millôr

Capítulo 1

Eu não conhecia Belo Horizonte e foi um caso de amor à primeira vista. Para dizer a verdade, tirando o Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo, Nova Iguaçu, Teresópolis e alguns cafundós da Baixada Fluminense, eu não conhecia nada do Brasil. Não conhecia, assim, lembrava de alguns cascudos nas aulas de geografia do colégio, via na televisão ou lia nos jornais. O resto, era floresta na Amazônia, pantanal no Mato Grosso, churrasco no Rio Grande e seca no Nordeste, e o ministro da Fazenda prometendo baixar a inflação. Por isso, naquela segunda-feira, 21 de maio de 1984, Belo Horizonte foi um caso de amor à primeira vista, o avião sobrevoando o aeroporto de Confins e aquele céu azul e sem poluição estendendo-se debaixo dos meus olhos. Mas meu velho pai tinha razão, à primeira vista a gente não vê nada.

Antes de embarcar chequei tudo. Como o meu encontro era às dez horas, meia hora de viagem, outra meia para chegar no hotel, ainda sobrava tempo para descolar o telefone de alguma aeromoça e dar uma de turista. Nada. Informação mais fajuta só mesmo promessa de candidato em corrida de eleição. O aeroporto mal tinha sido inaugurado e o pouso foi feito na manivela. E a pior manivelada não foi o carro de bois quase parando, foi aquele frio pólo sul congelar até o mercúrio do termômetro. Para quem vinha do Rio de Janeiro habituado a voar nas pistas do Aterro do Flamengo e a tomar quarenta graus à sombra na poeira de Bangu, a catraca do pouso e as navalhadas do gelo doeram mais do que morte de papa em convento carmelita.

Terminada a prova dos obstáculos, o meu Casio alarm chrono mandou aviso, dez minutos para chegar no hotel. Fazer o quê? Rezar a Deus ou pedir ajuda a Santo Expedito, o santo das causas urgentes e dos negócios que precisam de pronta solução? Mais prudente ficar no primeiro degrau da magirus do que correr o risco de não ser escutado no último. Sorte minha ser malófobo, se carregasse mala de porão nem o Nélson Piquet me salvaria. Peguei as duas maletas e bati o queixo no balcão de informações, qual a forma mais rápida de chegar

no centro da cidade, senhorita? A recepcionista, educadíssima, sorriu e apontou o ponto de táxi.

– Se tiver pressa, mesmo, o senhor pode pegar um táxi.

– Mas não tem nenhum.

– Aqui é assim mesmo. O aeroporto é muito longe. Mas o senhor pode esperar, que vai chegar.

Pensei num daqueles palavrões cabeludos, do tempo em que a Praia de Botafogo ainda não fedia, mas aquele aqui é assim mesmo, era assim mesmo, não comportava tradução. Chacoalhei dentes e costelas no sambalelê daquele gelo, vinte e três minutos cravados no alarm do meu Casio chrono, e um bigorrilho apontou nos confins do horizonte. Nem o deixei parar direito. Mal encostou, abri a porta, joguei as maletas no assento e cuspi o gelo nos ouvidos do motorista.

– Pro centro. Rápido.

O carão moreno, muito limpo e asseado, cheirando a lavanda e tão à vontade numa camisa de manga curta como se estivesse rodando por Bangu, nem pestanejou. Olhou o assento, baixou a portaria das rugas, saiu do táxi e colocou as maletas no porta-malas.

– Chefe...

O lavanda chaveou a portaria das rugas, ajeitou o espelho retrovisor, experimentou os pedais da embreagem e do freio, firmou-se no assento e só então a oficina foi aberta e o carro entrou na pista. Mas entrou, assim, dez quilômetros depois o ponteiro do velocímetro ainda tremia nos sessenta e eu gelava no freezer. Quando o ponteiro pintou nos setenta, o manga curta sorriu, acendeu um cigarro e ofereceu o maço.

– O senhor fuma?

– Obrigado.

Que saudade das pistas do Aterro do Flamengo, os motoristas cravando cigarros dos passageiros no grito, mas os mirages ultrapassando a barreira do som em cada curva.

– Este aeroporto é danado de longe. Bom era o da Pampulha. Táxi barato...

Bom, bonito e barato seria chegar a tempo no hotel, mas, daquele jeito, fazer o quê? Demitir o lavanda e pegar no volante, ou bancar o Batman e inventar um batmóvel? Injuriado, embrulhei-me no paletó e subi no último degrau da magirus, quem sabe o vento mudava de direção e Deus empurrava o velocímetro? Nada. O manga curta continuou manivelando no é danado de longe e cheguei no hotel com mais de uma hora de atraso. E, o que foi pior ainda, mais pingüim do que bibelô de geladeira. Mas, mesmo assim, dei a gorjeta que os

mirages do Rio cobravam na mira da bazuca e zuni dentro do hotel. Só que, três passos corridos, o lavanda cheirou nas minhas costas, sorrindo e com duas notas estendidas na mão.

– Seu troco, moço. O senhor esqueceu.

– É uma cervejinha. E obrigado pelo vôo.

– Eu é que agradeço.

Fazer o quê? Emputecer ou sorrir e engolir as maniveladas da catraca? Com o pólo sul rosnando que nem cachorro fila na calçada, testa que mamãe benzeu não arrisca, abri um sorriso à virgem-mártir no motel Coliseu e cada um trata de si. Primeiro, verificar a reserva, depois, o mea-culpa, se o elemento de contato ainda estivesse à minha espera. Tudo certo, reserva nos conformes e apartamento com cama de casal. O recepcionista ainda perguntou pela minha senhora, mas a minha senhora não deu bola, cama de meio metro de largura, só maca, e, mesmo assim, só no necrotério, sacou, minha senhora?

– Tem algum recado?

O minha senhora fez de conta. Olhou a ficha, olhou a minha cara, olhou a carteira de identidade, revirou a ficha, revirou a carteira de identidade e voltou a olhar a minha cara, microfilmando a comparação do original com o retrato.

– Tem recado ou não?

– A profissão do senhor é esta mesmo?

Só não desfiei o rosário dos palavrões cabeludos por modéstia, seria tripudiar. Depois de anos catando bicharada perdida no Aterro do Flamengo o meu peagadê já estava para lá de jubilado.

– É, por quê? Alguma coisa errada?

– Não. Não. Absolutamente. E tem recado, sim.

Com a ficha ainda revirando na mão, apontou um homem sentado numa poltrona, lendo um jornal.

– Aquele senhor ali.

– Por quê que não disse logo?

– O senhor me desculpe, mas eu tinha que ter certeza. Já pensou dar um recado à pessoa errada?

Fazer o quê? Matar o pessoa errada ou creditar na minha conta de boas ações no banco de São Pedro? Como dizia meu velho pai, que morreu pobre mas entendia do riscado, só deve quem tem crédito. Dez mil cruzeiros em cima do balcão e resolvido o problema. Não era nada, não era nada, eram dois marechais na graciosa.

– Ele disse o nome?

– Disse, sim. Melquíades. Senhor Melquíades.

– Pode mandar a bagagem pro apartamento?

Marechal é sempre marechal. Mesmo com o exército do cruzeiro fugindo mais do que banqueiro na Receita Federal, o disse, sim, abriu logo a dentadura.

– Mas claro.

O meu bom-dia, o melhor que pude arrumar nas circunstâncias, entonação e vênia a condizer, só fez com que o jornal do senhor Melquíades baixasse uns dez, onze centímetros, no máximo. Mas deu para manjar a quadratura. Já descendo a ladeira, entre os sessenta e os setenta, calças cinzentas, sapatos pretos de solas grossas de borracha, casaco de couro marrom, o ex-cabelo louro colado na careca à força de brilhantina, o bigode fino e reto, pintado de preto, e as orelhas cobertas por duas enormes costeletas, o senhor Melquíades parecia mais um cantor de tangos aposentado do que o elemento de contato que estaria à minha espera. Mas, como era com um Melquíades que eu devia falar, estendi a mão.

– Eduardo. Eduardo da Cunha Júnior.

O senhor Melquíades dobrou o jornal com cuidado, colocou-o em cima da mesa, levantou-se e assoou o nariz tabaqueiro com a força de um panelaço em greve de servidores municipais.

– Melquíades. Melquíades da Silva Santos.

Parecia estar resfriado e também parecia usar dentadura. A voz era fanhosa e os dentes brilhavam demais. Nenhuma pasta de dentes conseguiria dar aquele polimento.

– O senhor me desculpe, mas lá no aeroporto...

– Aqui é assim mesmo. O aeroporto é longe demais.

Assoou o nariz outra vez, pegou o jornal, meteu-o debaixo do braço e olhou o relógio, um cebolão de ouro do tamanho da medalha-mor das Olimpíadas, que mal cabia no punho da camisa.

– Vamos, que o doutor Epaminondas já deve estar esperando.

Não gostei daquele já deve estar esperando, para quem tinha chegado com mais de uma hora de atraso, não era o melhor dos começos. Mas, enfim, como dizia meu velho pai, mais vale comer e não gostar do que não comer e aguar, um mau começo não significava, obrigatoriamente, um mau final. Eu próprio tinha começado que nem barnabé cata-cachorro e, agora, tinha até lista de espera na minha agenda. Tudo dependia dos conformes.

E dependeu. Mal botei os pés na rua, o fila pólo sul latiu, picou gelo no prato e lá se foram o nariz e as orelhas. Tranquei as sobras na gola do paletó e cuspi três quarenta negativos.

– Tem um táxi?

O senhor Melquíades mandou uma cornetada que disparou todos os alarmes dos meus tímpanos e apontou a pista de esqui da avenida.

– Vamos no meu carro. Está logo ali.

Não usava dentadura. Se usasse, nem solda elétrica teria agüentado o terremoto daquela explosão.

– Não tem estacionamento por aqui, não?

O senhor Melquíades repetiu a cornetada, devidamente polida pela cera do espanto e o coitado do não foi o que sobrou da pergunta.

– Cobram demais.

Cem graus negativos abaixo, o bendito apareceu. Um Mercedes vermelho, de duas portas, tinindo de novo, justo, justo, o oposto do carro que qualquer Carlos Gardel usaria, mesmo nos seus tangos mais Perón. Chispei dentro do carmesim e o senhor Melquíades trancou as portas mais rápido do que trombadinha no exercício da função.

– Belo Horizonte já não é mais o que era. O senhor devia ter conhecido Belo Horizonte há trinta anos, fícus na Avenida Afonso Pena, bondes, sem essa pivetada, aquilo é que era tempo. Agora...

Ainda bem que o Mercedes do senhor Melquíades não era o Puma do Riocentro e ninguém morreu na explosão, mas o estrondo da bomba foi igual. O tabaqueiro do senhor Melquíades mandou ver zilhões de decibéis e o chassi do carro só não voou porque Deus não o fez bem-te-vi. Mas o que tinha sobrado dos caninos do fila pólo sul virou pó. Catei as moléculas espalhadas no estofo e o senhor Melquíades, idem lavanda, ajeitou o espelho retrovisor, experimentou os pedais da embreagem e do freio, firmou-se no assento e só então a oficina foi aberta e o carro entrou na pista.

Na velocidade regulada pela comissão de frente do sambalelê do fila pólo sul, o senhor Melquíades dirigia o carmesim como o mestre-de-cerimônias do velório dirige o beija-mão da mulher do presidente, na maior dignidade, braço de fora, dobra à esquerda, braço por cima do teto, dobra à direita, e, de repente, pé no freio e motor desligado, acabou, senhoras e senhores, fim de linha. Abri a porta, a maçaneta ainda quente com a explosão dos decibéis, e o senhor Melquíades apontou o sinal de trânsito vermelho e recostou-se no assento. Fechei a porta, mais encabulado do que sola de sapato em borda de piscina, e o senhor Melquíades, mal o sinal jogou o modess na lixeira, ligou o motor e continuou mestre-de-cerimônias do velório.

Fazer o quê? Vomitar a vergonha ou subir no último degrau da magirus e olhar a paisagem? Olhar a paisagem, Belo Horizonte merecia. Não era sempre que se podia fotografar um fila pólo sul

dançando micaretas ao som de mil graus negativos, um taxista devolvendo gorjetas como troco, um recepcionista não transmitindo recados sem microfilmar a comparação dos originais com os retratos das carteiras e um motorista desligando o motor do carro nos sinais de trânsito para poupar gasolina. Meu velho pai tinha razão, cada terra tem seu uso e cada uso seu direito.

Capítulo 2

O meu primeiro escritório de olho vivo e boca-de-siri foi uma oficina de rádios e televisões, no Largo do Machado, caminho da zona sul do Rio de Janeiro. Era o alvará mais fácil e mais rápido de tirar, e eu precisava manducar e outras necessidades. Aí, peguei um curso de rádiotécnico por correspondência, paguei as mensalidades todas de uma vez, e, diploma na mão, registrei a firma e enchi a sala de chassis e cinescópios arrematados num ferro-velho. No início, amarguei aquela velharia, não tinha nada a ver, mas logo descobri que ter ou não ter não tinha a menor das importâncias. Esse negócio de detetive à Hollywood, salão, sala de espera, loura peituda e tudo mais, só mesmo em Hollywood. E, mesmo assim, só nos filmes. Os meus clientes queriam era resultados, não água gelada nos corredores e outras firulices, luxo é para quem deve e tem que aparentar que não deve. E me dei bem. Me dei bem, assim, fui levando. Como ninguém imaginava que um rádiotécnico pudesse ser detetive, o ferro-velho passou por disfarce. E um disfarce muito inteligente, me disse a dona do primeiro sagüi que consegui pegar inteiro num dos quintais da vizinhança. Aí, pronto, de sagüi em sagüi, a fama da minha inteligência correu mundo e bicharada perdida em Laranjeiras, Botafogo e Flamengo era comigo.

Mas não comecei já Humphrey Bogart. Comecei no boteco do meu pai, um português aterrado em Niterói que só falava numa tal de Serra do Gerês, lá de Portugal, bati muita continência a cabo e a sargento, e, depois de muito agora vai, tem que ir, ancorei na Polícia, arquivista dos berros que os padres confessores da Central da Rua da Relação, mais papistas do que o papa e não querendo ficar atrás do mais católico convento militar, arrancavam aos pecadores na porrada. E fui levando. Mas fui levando, assim, doido por me mandar, que daqueles padres confessores eu queria era distância. E, sempre na maciota, sempre nada vendo, sempre nada ouvindo e sempre nada falando, um dia consegui largar aquele cemitério numa boa e me mandei. Só que, quatro anos depois, já lotado na 9ª DP (Catete), na Rua Pedro Américo, de repente, de técnico do Flamengo virei técnico

do São Cristóvão. Candidato a candidato numa de deputado federal, o Secretário de Segurança resolveu bancar o limpador de pára-brisa e danou tudo. Os jornais nadaram de braçada na “Operação Dignidade” e alguém tinha que dançar. E quem dançou? Eu e mais meia dúzia de barnabés, justo, justo, os zês, os ultiminhos da fila da folha de pagamento dos bicheiros. Missão cumprida, os jornais foram aporrinhar outro puteiro e o Rio de Janeiro voltou a paraíso. Só que nem as putas mudaram, mudou foi o nome dos zês e eu tive que nadar em mar de tubarão. Como dizia meu velho pai, que nunca conseguiu porra nenhuma, nem comprar sequer uma passagem para morrer na tal de Serra do Gerês, quando não se quer que nada mude é só fazer um cagaçal de mudanças.

Correr atrás de bicharada perdida, fosse cão, fosse gato, papagaio ou sagüi, dava para levar. Dava, assim, pagava as contas, pegava uma ou outra mina, um cineminha e um pôquer por semana, e um ou outro porre. Mas um dia o carteiro virou compadre e tocou duas vezes na minha campainha. Não sou muito chegado a gatos, mas tenho, até hoje, a maior estima por eles. Tenho mesmo. Não fosse um resolver pular a cerca e ainda agora estaria correndo atrás da bicharada. A sorte é como banco, é filha da puta mesmo, se a gente precisa, nunca tem, se não precisa, até gerente vira pai.

Olha só, uma madame trata um gato a pão-de-ló, um dia o bicho enjoa e sai de casa e a madame quer morrer, e o marido me procura com um cheque, uma foto e o pedigree do siamês. Binóculos e máquina fotográfica a tiracolo, lá vou eu, e, uma semana depois de muito mato e muito farejar, eis o fujão que se esgueira, sorrateiro, pelos fundos do Hotel das Paineiras. Não deu nem para ver a maloca do esgueiro, o que vi e fotografei num dos quartos foi suficiente. Me deu um carro, um apartamento e uma sala na Rua Buenos Aires, bem no centro da cidade. E, o que foi ainda mais importante, me deu um livre-trânsito nos elevadores e corredores das empresas mais privadas.

Televisão é uma merda, mas não é, ensina muito. Se nas novelas a honra é coisa séria, na real também é. E aí é que entra o ventilador, quando a merda é jogada na parede, se não tem cenário que agüente, também nenhuma empresa deixa de feder. Só que a novela termina no último capítulo e a empresa termina na falência. Por isso, eu tenho a maior estima por gatos. Foi graças a um que descobri o primeiro enunciado da ***Lei siamesa de bem cavalgar qualquer hipótese*** e deixei de correr no zoológico: *a pessoa jurídica da empresa tem muito mais medo do escândalo do que a pessoa física de qualquer dos componentes*. Aos trinta e cinco anos, solteiro e sem

nenhum compromisso, se não sou nenhum Humphrey Bogart, detetive em P&B, traço meus Ballantine's no capricho e posso, se quiser, passar até férias nessa tal de Serra do Gerês, coisa que meu velho pai, infelizmente, nunca pôde.

A primeira aplicação da ***Lei siamesa de bem cavalgar qualquer hipótese***, reconheço, não foi cavada por mim. Foi madame, reconhecendo a minha competência na captura do fujão, e o marido, agradecendo a minha discrição como fotógrafo, que distribuíram aos amigos as sobras do meu profissionalismo. E a progressão do efeito foi ainda mais do que algébrica. Em menos de um ano a reação em cadeia prendeu todo mundo, de **A** a **Z**, nem **K**, nem **W**, e muito menos **Y**, deixaram de considerar a proficiência dos meus métodos e o quilate da minha honestidade, uma verdadeira corrente, *prá frente, Brasil!*

O meu escritório não é nenhum terreiro Joãozinho da Goméia, mas a minha lista de espera também é de espantar o mais penitente dos frades capuchinhos. Só para este ano de 1984, considerando uma média de três meses por trabalho, a fila pegava uma indústria de pescado de São Gonçalo até março, uma companhia de seguros do Rio de Janeiro até junho, uma financeira de Minas Gerais até setembro e um supermercado de Niterói até dezembro. A sorte é, realmente, como um banco, quanto menos se precisa, mais ele quer oferecer. Mesmo que tivesse mais dez vidas ainda sobraria muita letra no alfabeto.

Consertada a rede da indústria de pescado, comecei a trabalhar no buraco da companhia de seguros, que me parecia muito mais pinguelante. Mas não foi, foi entrar por uma porta e sair pela outra. Entrar por uma porta e sair pela outra, assim, eu entrando e o presidente saindo com a secretária a tiracolo, direto à criação de tartarugas do mar livre de taxas e impostos das Ilhas Cayman. Pago por três meses, fazer o quê? O que mandava o figurino, dar uma parada e liberar uma geral. Há muito que não atravessava a Galeria Alaska, nem criava calo no chope do Amarelinho. Mas uma coisa era certa, a tal de Serra do Gerês não pecava por esperar. Como dizia meu velho pai, mais vale deitar tarde e dormir logo do que deitar cedo e não dormir.

Tudo nos conformes, alma nova e carcaça quase idem, foi a vez da financeira. Matriz em Belo Horizonte, sucursais no Rio de Janeiro e em São Paulo, e filiais até em Miquelino da Serra. Questão: sumiço de numerário. Solução: pegar o larápio no maior particular, sem lamiré ao mercado. Para quem esqueceu o traçado, ver o primeiro enunciado da ***Lei siamesa de bem cavalgar qualquer hipótese***.

Contrato assinado, o de sempre. Escritório fechado, um exército de marechais na portaria de Seu Manuel Joaquim para as despesas fuleiras, luz, água, telefone e outros bacalhaus, o velho Taurus 38, cano longo, suando no sovaco, e lá vou eu dar mais uma de Humphrey Bogart, detetive em P&B. O elemento de contato que me esperaria às dez horas da manhã, no saguão do Hotel Financial, na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, atendia pelo nome de Melquíades.

Capítulo 3

A sede da Mercúrio S/A, Crédito, Financiamento e Investimentos me espantou. Espantou mesmo. Aquelas paredes caiadas e aquelas portas e janelas de madeira pareciam muito mais o casarão de quatro andares e sem elevador do meu escritório do que a sede de uma empresa que rolava bilhões de cruzeiros no asfalto na maior tranqüilidade. Se o porteiro fosse português, se chamasse Seu Manoel Joaquim, fosse mais velho do que meu avô, se vivo fosse, cada andar tivesse duas salas, ainda de tábuas corridas, eu não estaria em Belo Horizonte, estaria na Rua Buenos Aires, no Rio de Janeiro.

O meu espanto foi tão grande, que até o fila pólo sul abanou a rabiceira e foi mijar em outro poste, e nem o senhor Melquíades mandou ver os decibéis quando me viu olhar aqueles paredões de boca aberta.

– Isto ainda é do tempo do velho Sandoval. O Epaminondas, que não saiu ao pai, não gosta muito, não, o senhor deve ter visto a porcaria que ele comprou lá no Rio.

Certo, decibel, comparada com a sucursal do Rio de Janeiro, a matriz da Mercúrio parecia um daqueles antigos puteiros da Rua Alice querendo trocar figurinhas com os puteiros cinco estrelas de Ipanema, e o senhor Melquíades, pelos vistos, não aprovava a putaria paga em dólar. Fez um gesto largo, tão largo que deu a volta ao casarão e sorriu, a baba da antigüidade escorrendo pelo queixo.

– Mas isto aqui é outra coisa.

Não babei nem respondi, e o senhor Melquíades começou a verificar se as portas do carro estavam bem trancadas. Eu ainda tinha a boca aberta, mas o meu espanto já não era mais causado pelas paredes caiadas, pelas portas e pelas janelas de madeira, a causa era uma palavra que não tinha sido dita. O doutor Epaminondas já não era mais doutor, era apenas o Epaminondas, filho do velho Sandoval, que não tinha saído ao pai. Comparada com o fila pólo sul que dançava micaretas ao som de mil graus negativos, com os taxistas que devolviam gorjetas como troco, com os recepcionistas que não transmitiam recados sem microfilmar a comparação dos originais com

os retratos das carteiras e com os motoristas que desligavam os motores dos carros nos sinais de trânsito para poupar gasolina, aquela transformação do doutor Epaminondas em simples filho do velho Sandoval parecia até velório de ameba em laboratório de análises. Mas não era. Era, era obra de bico, e tão bicuda, que o senhor Melquíades tinha esquecido até de assoar o nariz.

O senhor Melquíades olhou o relógio e o alarm do meu Casio chrono disparou, 12:01 21. O senhor Melquíades verificou, mais uma vez, as trancas das portas do carro e começou andando.

– Vamos. Se o doutor Epaminondas ainda não saiu, deve estar saindo.

Parou e assoou o nariz com tanta força, que a cornetada deve ter-se escutado até depois do fim da rua. Sorri, satisfeito da minha condição de Humphrey Bogart, detetive em P&B, o mistério das assoadelas estava explicado. O que provocava a alergia do senhor Melquíades não era nenhum resfriado, nem os caninos do fila pólo sul, era uma palavra, um fonema ou grupo de fonemas com uma significação, substantivo feminino, como ensina o Dicionário do Aurélio aos mais fanáticos ou mais píssicos. Enquanto o doutor Epaminondas foi só Epaminondas, o filho do velho Sandoval, que não tinha nem saído ao pai, nada contaminou o nariz do senhor Melquíades, mas bastou o som das seis letras daquele doutor dançar nas cordas e o tabaqueiro do senhor Melquíades virou possesso.

O porteiro não era português nem se chamava Seu Manoel Joaquim, nem cada andar tinha duas salas, ainda de tábuas corridas. Comparado com o meu escritório, por dentro, o casarão era a sede mundial da Hollywood Detectives Corp., estendida no 1.009º andar do Showy Building, Hollywood Boulevard, LA, paredes pintadas com esmalte e polvilhadas de quadros, madeiras laqueadas e corredores cobertos de tapetes. Só faltava a loura peituda e o decote misse mundo. O senhor Melquíades mandou ver mais alguns decibéis no capricho e subimos. As escadas terminavam numa saleta onde começavam diversos corredores e uma secretária, bem perfumada e bem pintada, parecia estar ali só para sorrir e dar as boas-vindas.

O senhor Melquíades tinha razão, para quem tinha comprado e mobiliado a sucursal do Rio de Janeiro, do velho Sandoval só poderiam restar, e, ainda assim, numa relação de nove por dois, no máximo, sete por três, o dinheiro e a memória. Retribuí o sorriso da misse e apostei um marechal no nariz do senhor Melquíades. Sabia que ia ganhar e ganhei. Estávamos no território do doutor Epaminondas e aquelas seis letras eram essência pura de pó-de-mico.

O senhor Melquíades dobrou o lenço com todo o vagar, fazendo ver à misse, nos gestos e nas dobras, a distância que ia de um amigo do velho Sandoval à funcionária do desnaturado Epaminondas, que nem ao pai tinha saído.

– O doutor Epaminondas, Luzinete?

Luzinete? A radiação eletromagnética capaz de provocar sensação visual num observador normal? Perfeito, pois eu era um observador mais do que normal.

– Saiu para o almoço, neste instante, senhor Melquíades.

O alarm do meu Casio chrono disparou, 12:04 27. Subi no último degrau da magirus e pedi a Deus que em todos os futuros a radiação da Luzinete pudesse dar uma trava na pontualidade do doutor Epaminondas. Um mau começo não significava, obrigatoriamente, etc., etc., etc., mas... Mandei o mas às urtigas e naveguei na segurança da minha lista de espera. Tranqüilizado pela calmaria da rota navegada, olhei o senhor Melquíades e dobrei a aposta. O eletromagnetismo da Luzinete valia o risco.

– Bom, senhor Melquíades, já que a culpa foi minha, quem sabe a gente os encontra no restaurante?

Na mosca. A cornetada fez tremer as paredes e os quadros, e o sorriso da radiação engoliu dentes e gengivas, mas eu marquei presença. Quinze mil pratas de lucro em dois minutos era média para nenhum Sandoval botar defeito. Só que botar ou não botar não depende do galo, depende da galinha, e o senhor Melquíades olhou-me como se fosse o examinador do Departamento de Trânsito e eu quisesse pegar a carteira sem pagar o Old Eight do costume.

– Aqui todo mundo almoça em casa, meu senhor.

Fodeu. Fodeu mesmo. Aquele meu senhor melecou até a roupa do varal. Peguei as quinze mil pratas, piquei os marechais como quem pica cebolinha, joguei-os na privada e puxei a descarga sem dó, meu senhor é a excelência da senhora sua mãe. Mas quem não deve não teme e detonei a fábrica dos decibéis. Parafusei o sorriso das grandes circunstâncias e atirei a segunda pedra, sim, meu senhor, mesmo que fosse proibido fotografar o fila pólo sul dançando micaretas ao som de mil graus negativos, mesmo que os taxistas não devolvessem gorjetas como troco, mesmo que os recepcionistas transmitissem recados sem microfilmar a comparação dos originais com os retratos das carteiras, mesmo que os motoristas não desligassem os motores dos carros nos sinais de trânsito para poupar gasolina, mesmo sem fícus na Avenida Afonso Pena, mesmo sem bondes e mesmo invadida por cardumes de

pivetes, Belo Horizonte foi amor à primeira vista e seria sempre a cidade dos meus sonhos, está bem, meu senhor?

– Todo mundo almoça em casa?

– No Rio, não?

– No Rio, senhor Melquíades, só almoça em casa quem tá doente, quem tá de férias, ou, então, quem não trabalha.

Podia fácil, fácil, ter ganho cem mil, um milhão ou um zilhão, o que tivesse apostado. Não foi nem corneta, foram todos os canhões da banda da Vila Militar. O senhor Melquíades decibou tanto o pobre tabaqueiro, que metade da meleca grudou no lenço e metade grudou na mão. Mas o Gardel, mesmo com o gogó aposentado, tinha embocadura.

– O carioca sempre foi um povo muito estranho.

Pára com isso, cara pálida, mas de jeito maneira. Quer coisa mais estranha do que ter um cebolão de ouro do tamanho da medalha-mor das Olimpíadas e um Mercedes vermelho, tinindo de novo, e desligar o motor nos sinais de trânsito para poupar gasolina? Estranho era eu, que não tinha um cebolão de ouro do tamanho da medalha-mor das Olimpíadas, não tinha um Mercedes vermelho, tinindo de novo, nem desligava o motor nos sinais de trânsito para poupar gasolina, e tinha picado três marechais como quem pica cebolinha, tinha-os jogado na privada e tinha puxado a descarga sem dó. Isso é que era estranho, meu senhor cara pálida. E foi tão para lá de estranho, que até a radiação da Luzinete ligou as fontes geradoras. Abriu uma agenda e espetou a unha do indicador direito numa linha.

– Senhor Melquíades, o doutor Epaminondas mandou avisar que o encontro fica transferido pra depois do almoço, às duas e meia.

Meu velho pai merecia ter voltado à tal de Serra do Gerês, quem mete o pé no freio pára antes. Eu podia ter apostado mais um ou dois marechais, afinal cinco ou dez mil cruzeiros não era nada demais para quem já tinha puxado uma descarga sem dó, mas preferi ficar na minha. Ficar na minha, assim, se apostasse só ganharia numa de azarão. E a mosca pintou na raia numa trava de dar inveja ao ministro da Fazenda anunciando mais um aumento de gasolina, mal a radiação eletromagnética da Luzinete ligou as fontes geradoras, não deu outra, o senhor Melquíades sonegou os decibéis ao tabaqueiro e aproveitou a coisa e o espírito. Zarpou na direção das escadas no maior quilômetro de arrancada e bateu todos os recordes de custo/benefício.

Deixei-o ir. Merecia. Para quem já descia pelos enta, um sprint daqueles merecia a medalha-mor das Olimpíadas. E para mim também havia merecimento, e talvez até no número plural. Pelo menos, até às

duas e meia não escutaria mais os canhões da banda da Vila Militar e, quem sabe, a radiação da Luzinete turbinava as fontes geradoras num almoço?

O almoço seria ainda obra de conformes, mas a turbinação das fontes geradoras foi imediata. Recostada na cadeira, os olhos verdes plantando alfaces no esmalte das paredes, com gestos que me pareceram milimetricamente calculados começou por fazer esvoaçar o cabelo preto na asa da graúna. E, pela precisão com que media cada gesto, aquele, eu sou gostosa, não sou, não?, mesmo gaguejado em javanês não necessitava tradução. Fosse loura e decote misse mundo, e o 1.009º andar da Hollywood Detectives Corp., Showy Building, Hollywood Boulevard, LA, seria dela. A HD podia até não ser o melhor olho vivo e boca-de-siri das bordas do paralelo 34, mas era a mais bem equipada e a mais diplomata, me engana que eu gosto e ainda sirvo de padrinho. Não faço cooper, alongamentos, contorções ou outras canseiras musculinas, mas sou fera num pôquer canadense.

– Já almoçou?

– Vou agora.

– Em casa?

– Eu? Coitada de mim.

– Então posso me apresentar. Eduardo.

– Luzinete.

– Viu? Resolvido o problema.

Duas cartas e cinco mãos, e não tem cutícula que agüente. Diz metade do mundo que beleza e inteligência não combinam, diz a outra metade que é o orgulho e o despeito que não deixam combinar. Nada. Briga de comadres. Na hora H, a metade bonita manda o orgulho às urtigas e a metade inteligente faz o mesmo com o despeito, e a guerra termina sempre em águas de bacalhau. O, eu, coitada de mim, da radiação da Luzinete não mandou nada às urtigas, mas mostrou que o ponto de interrogação pode ser usado ainda que a pergunta não exija resposta e que o ponto final encerra sempre qualquer enunciado. Ou seja, mostre as suas cartas que eu mostrarei as minhas e veremos como se nada nas águas de bacalhau.

Cartas na mesa, acendi um cigarro, puxei um tragadão daqueles e deixei o fumo sair, devagar, pelo nariz e pela boca, esperando o resultado do ou seja. Dependia sempre de chuvas e trovoadas, mas, às vezes, dava certo. A radiação abriu uma gaveta, tirou um maço de cigarros, pegou um e acendeu-o. Deu certo.

– Vamos almoçar?

A sensação visual não ocupava aquela mesa só esperando chegar o telegrama da Hollywood Detectives Corp., Showy Building, Hollywood Boulevard, LA, pelo contrário, conhecia muito bem o valor das provocações eletromagnéticas. Regulou as fontes geradoras e também deixou o fumo sair, devagar, pelo nariz e pela boca.

– O senhor é mesmo do Rio de Janeiro?

– Hum, hum.

– E vem trabalhar pra cá?

Não sou nenhum Gardel, mas também tenho embocadura. Encolhi os ombros no mais perfeito gesto só Deus conhece todos os segredos e puxei outra tragada. Não tão profunda como a primeira, não havia mais necessidade, mas suficientemente vagarosa para que a radiação pudesse imaginar o que mais lhe conviesse. Só que a sensação visual também era craque na gramática e sabia usar pontuação. Puxou outra tragada, nem profunda, nem vagarosa, mas suficientemente longa para que eu também pudesse imaginar o que mais me conviesse.

– O senhor mexe com quê, hem?

– Se mexer é trabalhar, mexo com vendas. Vamos?

A radiação mandou ver o maior eletromagnetismo, recostou-se na cadeira e, com um pequeno gesto de cabeça, apontou as escadas por onde o senhor Melquíades tinha batido todos os recordes de custo/benefício.

– Fica uma fera quando tem de almoçar fora.

– O senhor Melquíades?

– Depois que casou, então...

– O senhor Melquíades...

– O Melquíades casou com a Lu, a Maria Lúcia, a secretária que tava no meu lugar, não tem nem meio ano.

Lembrei do Mercedes vermelho, tinindo de novo, e do cebolão de ouro do tamanho da medalha-mor das Olimpíadas, e somei o carmesim com o dourado. Resultado, muita grana deve ter acompanhado aquela marcha nupcial. E será que a soma da grana com o acompanhamento tinha a ver com o caso que me trazia à Mercúrio? Boa pergunta, mas uma boa resposta seria bem mais conforme.

– Amor mesmo?

– Ele diz que sim.

– E ela?

A radiação turbinou as fontes geradoras e sorriu.

– O amor dela é mais antigo.

O meu Casio também turbinava 12:24 31 no alarm do chrono e disparou. Quem sabe, durante o almoço, o bacalhau ou a alcatra não me diriam por que o doutor Epaminondas, às vezes, era só Epaminondas e se isso tinha a ver com a marcha nupcial? Esmaguei o cigarro no enorme cinzeiro de vidro fumê cinzelado e mandei ver outra rodada canadense.

– Vamos?

– Almoçar com você?

– É.

– Não sei.

– Namorado no meio?

– Nem no meio, nem...

– Nem eu.

Não falha. Duas cartas e cinco mãos, e não tem cutícula que agüente. A radiação não respondeu, mas returbinou as fontes geradoras, levantou-se e pegou a bolsa. Ia ser um almoço que nem o fila pólo sul teria peito de melar. E digo mais, do jeito que a bolsa foi arrancada de dentro da gaveta, se as turbinas tivessem, ali na Mercúrio, uma máquina fotográfica como eu tive no Hotel das Paineiras, a radiação mandaria às urtigas o telegrama da Hollywood Detectives Corp., Showy Building, Hollywood Boulevard, LA, e não seria de admirar se fosse imediatamente promovida a diretora. Afinal, não era só o Rio de Janeiro que tinha correntes, *prá frente, Brasil!* Em Belo Horizonte, como em qualquer outro lugar civilizado, meia dúzia de cliques, batidos no lugar certo e na hora adequada, também podiam transformar os mais honestos negativos numa reação em cadeia da melhor qualidade.

Capítulo 4

Fui apresentado ao doutor Epaminondas às duas e meia. Em ponto, como ele mesmo disse, mas, de acordo com o alarm chrono do meu Casio, com um minuto e vinte e quatro segundos de atraso.

O senhor Melquíades bateu duas pancadinhas na porta, uma voz abafada disse, entre, e o senhor Melquíades entrou. Quando o senhor Melquíades entrou e a mesma voz abafada disse, ótimo, Melquíades, duas e meia em ponto, o alarm do meu Casio disparou e o chrono provou que não eram duas e meia. Eram, exatamente, duas e trinta e um e vinte e quatro segundos. O que não tinha a menor importância, duas e meia ou duas e trinta e um e vinte e quatro segundos, para duas pancadinhas na porta e uma voz abafada que dizia, entre, não era nada. A única vantagem, que também não era vantagem nenhuma, foi eu saber que ou o relógio do doutor Epaminondas estava atrasado ou o meu estava adiantado. Coisa também sem nenhuma importância, pois o senhor Melquíades voltou logo e pediu que eu entrasse.

O escritório do doutor Epaminondas era a edição, revista aumentada e comentada, do resto do casarão, badulaquice que a velha Madame Francine, cafetina metida a besta que ainda conheci num antigo rendez-vous da Rua Alice, chamava de boudoir e que a putaria mais nova chamava de caixão. Paredes forradas com seda e cobertas de molduras maiores do que os quadros, madeiras laqueadas a dourado, cortinas adamascadas e tapetes mais grossos do que pneu de caminhão. No fundo, de frente para a porta, uma secretária de pau-preto do tamanho de um jantar de ministros, cadeirão a condizer, sofás e poltronas de camurça, e, num dos cantos, um aparelho de som que devia ter custado mais do que a medalha-mor das Olimpíadas que o senhor Melquíades tinha ganho na corrida do altar. Em cima da mesa, um de cada lado, dois telefones. Um preto, acoplado a um interfone viva-voz, e um vermelho, com o botão específico das comunicações pessoais avisando os navegantes.

Quando entrei, o doutor Epaminondas, em pé, sorrindo, como o presidente no enterro do líder da oposição, apontava um controle remoto para o aparelho de som. Sentou-se, apertou dois ou três botões

e uma enxurrada de trovões reboou pela sala. O doutor Epaminondas disse, sentem-se, e, enquanto o senhor Melquíades fechava a porta, a digitação do controle amainou a trovoada. Sentei-me numa das poltronas, o senhor Melquíades sentou-se na outra, e o doutor Epaminondas apontou o olho vermelho do aparelho de som.

– O senhor gosta de Vivaldi?

– Adoro.

– Ainda bem, porque eu não sei trabalhar sem Vivaldi.

Fazer o quê? Dizer que não conhecia nenhum vivaldino e que gostava mais de mestre Pixinguinha e de Cartola? Se na primeira vez que fui a Teresópolis e a madame do fujão siamês botou na minha frente um prato de *embeurrée d'escargots* eu tivesse dito que não comia a merda daqueles caracóis melequentos, alguém duvida que eu pudesse trocar de carro todo o ano e ainda tivesse clientes na minha fila de espera? Como dizia meu velho pai, viver é engolir um sapo e cagar uma dúzia. O sorriso do doutor Epaminondas só não era maior do que o meu porque ele nem sonhava que eu preferia o *Carinhoso* de mestre Pixinguinha à maior das trovoadas desse tal vivaldino.

– Não foi fácil. Foi ou não foi, hem, Melquíades?

O senhor Melquíades ainda quis abanar a cabeça, concordando, mas não deu tempo. A concordância parou no r e virou a maior das cornetadas. O doutor Epaminondas continuou, como se os decibéis do tabaqueiro do senhor Melquíades fizessem parte do contexto.

– O Melquíades sabe, foi ele que tratou disso. Só em São Paulo foi possível gravar *As Quatro Estações* de forma que desse, exatamente, duas horas para cada estação. Como o senhor também gosta de Vivaldi, deve saber que...

Abriu uma pasta e continuou, um olho nos meus olhos e outro nas anotações.

– O senhor deve saber que *A Primavera* dura 10 minutos e 20 segundos, ou seja, 620 segundos, *O Verão* dura 10 minutos e 54 segundos, ou seja, 654 segundos, *O Outono* dura 10 minutos e 42 segundos, ou seja, 642 segundos, e *O Inverno* dura 8 minutos e 51 segundos, ou seja, 531 segundos. Para obter os 28.800 segundos das oito horas, matematicamente, a operação seria facílima, bastaria multiplicar *A Primavera* por 11, 61290323, desprezando a sobra de 0,000002, multiplicar *O Verão* por 11, 00917432, desprezando a sobra de 0,000005, multiplicar *O Outono* por 11, 21495328, desprezando a sobra de 0,000005 e multiplicar *O Inverno* por 13,55932204, desprezando a sobra de 0,000003. O problema surgiu quando se foi consolidar o resultado. Como *As Quatro Estações* totalizam 40

minutos e 47 segundos, ou seja, 2.447 segundos, se dividirmos os 28.800 segundos das oito horas pelos 2.447 segundos da gravação original, obteremos um multiplicador médio de 11, 76951370, desprezada a sobra de 0,00002. Entretanto, somados os multiplicadores individuais obtemos o resultado de 47,39635287, que, dividido por 4, nos dá o multiplicador médio de 11,84908822, desprezada a sobra de 0,00000001. Ora, multiplicando os 2.447 segundos da gravação original por este multiplicador médio, obteremos, não os 28.800 segundos das oito horas, mas 28.994,71887 segundos, ou seja, 194 segundos e 71.887 milésimos a mais.

O doutor Epaminondas calou-se no seu melhor doutorado, talvez esperando que eu dissesse alguma coisa, pelo menos, sobre as sobras, já que os números, de tão exatos, falavam por si mesmos, mas não seria a mão que mamãe beijava que iria meter os dedos na cumbuca. Como dizia meu velho pai, quem mete mão em cumbuca fica com a cumbuca na mão. Como o silêncio catacúmbico se mantivesse, o próprio doutor Epaminondas resolveu o problema. Acendeu um cigarro, respirou fundo e puxou aquela tragada que os ecologistas pulmonares esconjuram e chamam caixão-à-cova, e o pessoal menos iniciado traduz por cova-funda.

– Meu caro senhor Eduardo, o senhor não faz a menor idéia do trabalho que eu tive para resolver este impasse. Mas consegui resolvê-lo, e de uma forma até bastante curiosa. Curiosa, eu digo, no sentido de aproximação histórica, se é que o senhor me compreende.

Balancei a cabeça na maior compreensão e o doutor Epaminondas, satisfeito, bisou a cova-funda.

– Colombo, forçado, um dia, a botar um ovo em pé, que é que faz? Faz, exatamente, o que nunca ninguém tinha feito. Bate a ponta do ovo na mesa e pronto, resolvido o problema. Ora, foi, justamente, pensando que, se Colombo fez o que nunca ninguém tinha feito, eu também podia fazer a mesma coisa. E fiz. Fiz mesmo. Aumentei o volume do *largo* do *Inverno* e pronto, resolvi o problema. A minha gravação ficou com as oito horas exatas, isto já lá vão mais de cinco anos, e, até hoje, não falha, de segunda a sexta-feira é *A Primavera* e *O Inverno* de manhã, e, à tarde, é *O Verão* e *O Outono*. Alterei a ordem apenas por uma questão de gosto pessoal, nada contra a ordem natural, espero que o senhor me compreenda.

Bisei o balanço da cabeça e o doutor Epaminondas, satisfeito com a minha compreensão, sorriu e apontou a fonte do barulho.

– Ó, agora é *O Verão*.

Trisei o balanço da cabeça e o doutor Epaminondas acompanhou, trisando também a cova-funda.

– Agora, acompanhados pelo mestre, senhores, vamos ao trabalho.

Não gostei da companhia, mas fiz a minha parte, ajeitei-me na poltrona e levantei os abanos das orelhas. Com os trovões do vivaldino reboando pela sala, a voz do doutor Epaminondas parecia uma vela disputando uma corrida hertziana com o holofote-mor das Olimpíadas. E ele falou que falou, sem dar a menor bola às assoadelas do senhor Melquíades ou às dores do meu pescoço, esticado que nem pescoço de girafa catando folhas a mil metros do chão. Salvou-me, não o sentido da aproximação histórica, mas a continuidade ritmada das covas-fundas. O doutor Epaminondas, se falava que nem locutor do jóquei-clube em dia de *sweepstake*, também fumava que nem investidor da Souza Cruz. E eu, vupt, vupt, nada que nada atrás dele, aproveitando a valorização das ações e botando a mão no meu, e o senhor Melquíades fazendo o que as trompas permitiam, ora acendendo um cigarro, ora assoando o nariz. E assim o verão do vivaldino se aproximou do outono.

O doutor Epaminondas era uma figura. Muito alto e muito magro, dois metros por setenta quilos ou talvez até mais alguns centímetros por menos alguns quilos, moreno e totalmente careca, barba passa-piolho e óculos bifocais, não aparentava os quarenta e cinco anos que disse ter. Sempre curvado e engelhado, parecia mais o tio do avô do que ele mesmo. E vestia-se como mandava o figurino do mais hifenizado manual do sistema de circulação fiduciária, terno de tropical inglês risco-de-giz, jaquetão seis botões, bem apertado na cintura, camisa de seda branca e gravata azul de crochê. Os sapatos não deu para avaliar, mas, a ver pelo resto, apostaria, no mínimo, dois marechais que brilhavam no cromo preto, bico fino. Se o senhor Melquíades parecia um cantor de tangos aposentado, o doutor Epaminondas só poderia ser o autor da bandonionada ou o regente da orquestra. Mas não era, era o presidente do grupo das empresas Mercúrio e um advogado que nunca tinha exercido a profissão, como fez questão de frisar com o orgulho digno de um orientador de teses de doutorado.

Quando a neblina do outono engoliu o sol do verão, e eu soube que a estação tinha mudado porque o doutor Epaminondas calou-se, apontou o aparelho de som e disse, ó, agora é *O Outono*, o senhor Melquíades já tinha o nariz mais vermelho do que a bola da bandeira do Japão, e eu, embora não escutasse metade do discurso, mas

lembrando o que me tinham dito na sucursal do Rio de Janeiro, também já sabia o que o doutor Epaminondas, falando, agora, em nome das empresas Mercúrio, como ele próprio fez questão de frisar, esperava do meu trabalho. Que, no mais breve tempo possível, pegasse o larápio no maior particular, sem lamiré ao mercado, independentemente, claro, do pagamento integral dos três meses do contrato. Para quem reesqueceu o traçado, bom será reler o primeiro enunciado da ***Lei siamesa de bem cavalgar qualquer hipótese***: *a pessoa jurídica da empresa tem muito mais medo do escândalo do que a pessoa física de qualquer dos componentes*. O doutor Epaminondas calou-se, o senhor Melquíades assoou mais uma vez o tabaqueiro e eu percebi, aliviado, que já se avistavam as primeiras casas de Atenas. Como dos quarenta e dois quilômetros da maratona já só faltavam alguns metros, aproveitei a parada do Concorde do doutor Epaminondas e entreguei as minhas credenciais.

– Doutor Epaminondas, o que eu posso dizer ao senhor é que farei tudo que estiver ao meu alcance.

O doutor Epaminondas fechou a pasta dos multiplicadores das estações do vivaldino, abriu outra, passou algumas folhas, fechou-a e guardou-a numa das gavetas.

– Ótimo. Ótimo. Eu sei que o senhor é um profissional muitíssimo bem qualificado.

Meu velho pai tinha razão, se uma mão lava a outra, as duas tapam a cara e o sujeito fica sem-vergonha. As dores do meu pescoço não tinham dedos, mas deram para o gasto. Sem o menor resquício de vergonha espichei todas as vértebras e li o nome da pasta: COMISA. Era no que dava saber escolher. Entre duas possíveis fontes pagadoras, nem sempre a melhor é a que mais paga, a melhor é a que pode pagar sempre. Mesmo correndo o risco de fazer mais barulho com os ossos do que o senhor Melquíades fazia com o nariz, deixei as juntas estalar e levantei-me.

– Uma última coisa, doutor Epaminondas. Vou precisar de uma cobertura.

– Uma...

– Um disfarce, digamos assim, que me permita andar por aí sem levantar desconfianças.

– Alguma sugestão?

– Bom. Como a Luzinete, antes do almoço, me perguntou o que eu vinha fazer na Mercúrio e eu tive que dizer alguma coisa, disse que era vendedor. Portanto...

A garganta do doutor Epaminondas só não superou o nariz do senhor Melquíades por uma questão de latitude, mas até os pêlos dos tapetes ondularam, batidos pelo som otorrino do conjunto.

– Tá vendo, Melquíades? Tá vendo só? O nosso amigo não pode negar que é carioca, hem? Ainda nem começou e já, ó...

Fazer o quê? Acompanhar a gaitada do doutor Epaminondas e arrancar os últimos pêlos dos tapetes ou bancar o honestão e perder o que tinha ganho no restaurante? Sem a menor sombra de dúvida, acompanhar a gaitada e capinar os tapetes.

– Quê que é isso, doutor Epaminondas? Eu só pedi à Luzinete que me indicasse um restaurante.

– E ela indicou.

– Indicou.

– E foi almoçar com o senhor.

– Não. Isso não, eu é que fui almoçar com ela.

– Tá vendo, Melquíades? O que é que eu sempre falo dos cariocas, hem?

O senhor Melquíades já tinha a rede pronta quando a primeira colcheia serial apareceu e pegou-a ainda na rampa do tabaqueiro. Mas, mesmo assim, a cornetada parelhou com o trovão do vivaldino.

– Eu ia almoçar com ele, doutor Epaminondas, mas...

– Eu sei, Melquíades, a sua dieta...

O doutor Epaminondas pegou um cigarro, acendeu-o e puxou a mais elaborada cova-funda que o esqueleto e os pulmões lhe permitiram.

– Ótimo. Ótimo. E o que é que o senhor nos vem vender?

A neblina do vivaldino enchia a sala, misturada com o fumo dos cigarros, mas o doutor Epaminondas já nem notava mais a tristeza daquele outono poluído. Quem tinha perguntado aquele e o que é que o senhor nos vem vender? não era o colega do Colombo, que também tinha feito o que nunca ninguém fizera, era o presidente das empresas Mercúrio, que tinha dinheiro suficiente para mudar até o tamanho das quatro estações do vivaldino, e foi por esse lamiré que afinei o meu discurso.

– Idéias, por exemplo.

Na mosca. O faro do colega do Colombo voou no sentido da aproximação histórica e o presidente das empresas Mercúrio levantou os abanos das orelhas. Empresários são fissurados em idéias. Custam muito menos do que obras e a paternidade é sempre transferível, é boa, me dá, que o filho é meu, é ruim, toma, que o filho é seu. Era

uma isca mais velha do que a maçã do Paraíso, mas a fome do Adão nunca diminuiu.

– A Mercúrio tem alguma empresa de exportações?

– Não.

– Quê que o senhor acha de se pensar em montar uma?

– E o senhor? Entende de exportações?

– O suficiente para engabelar os curiosos.

– Mesmo os nossos executivos?

Jogar pingue-pongue em neblina é como catar certezas em propaganda do governo, cansa demais. Com o preparo físico desmantelado pelos trovões do vivaldino, mudei o jogo para xadrez e preparei o xeque-mate.

– Algum deles entende do riscado?

– Do risca...

– São especialistas?

– Não.

– Então, resolvido o problema.

Com o rei caído junto da rainha e os bispos encomendando a Deus a alma do ex-pecador, o doutor Epaminondas balançou a cabeça, engoliu a última cova-funda e esmagou o que restou do chupado souza cruz no cinzeiro. Satisfeito com o resultado da batalha, mas sem saber ainda como iria ganhar aquela guerra, não quis dançar no velório do vencido. Num gesto magnânimo e absolutamente solidário, esmaguei também o meu cigarro no mesmo cinzeiro onde agonizava o souza cruz. E foi o gesto certo na hora mais adequada. O cinzeiro do doutor Epaminondas também era grande e de vidro fumê cinzelado, exatamente igual ao que recepcionava as visitas na mesa da radiação da Luzinete. Não sei se o senhor Melquíades notou o meu olhar, mas deve ter notado, o tabaqueiro piou tão juriti, que até o doutor Epaminondas esqueceu o vivaldino e levantou-se.

– Ótimo. Ótimo. Amanhã, à mesma hora, teremos uma reunião com os nossos executivos. Melquíades, manda colocar uma mesa na tua sala que, por enquanto, o senhor Eduardo fica com você.

O senhor Melquíades concordou com uma cornetada capaz de matar qualquer juriti em qualquer mata, e eu subi no último degrau da magirus e abracei os pés de Deus. Aqueles cinzeiros enormes, de vidro fumê cinzelado, eram mais perigosos do que o fantasma do adolf doutor Francisco Campos, que tantas madrugadas assombrou as catacumbas da Central da Rua da Relação nos meus tempos de coroinha dos padres confessores. Não era nada, não era nada, eram, pelo menos, três alternativas, ou as secretárias da Mercúrio eram tidas

em alta conta, ou a fábrica dos cinzeiros devia muito dinheiro à financeira, ou a radiação da Luzinete já tinha turbinado as fontes geradoras e também já tinha transformado os mais honestos negativos numa reação em cadeia da melhor qualidade.

Capítulo 5

Quando não tiveres nada para fazer, não faças nada. Meu falecido pai era um sábio, nunca soube ganhar dinheiro e nunca acreditou nas verdades que dizia. Além de trabalhar de segunda a domingo, sempre fiou de todo mundo e nunca pôde comprar a passagem para morrer em paz naquela tal de Serra do Gerês. Eu não. Nunca fiei de ninguém e, depois de botar a mão naquele *royal straight flush* do Hotel das Paineiras, se alguma vez trabalhei aos domingos, sempre cobrei em dobro o descanso semanal. Com a reunião marcada para as duas e meia, mesmo cuspindo pó para ver a radiação eletromagnética provocar uma sensação visual, não dei bobeira. Não tinha nada para fazer, não fiz nada. Deixei o fila pólo sul picar gelo no desejo, deixei o vidro fumê cinzelado dos cinzeiros na santa paz do não me toques, tomei café na cama e só levantei ao meio-dia.

Acordei com os olhos em brasa, como aquela virgem-mártir que não fumava mas tinha charutos em casa. O solão do faz-de-conta entrou pela janela, bateu no espelho da penteadeira, refletiu no idem da porta do guarda-roupa, meteu duas résteas nos meus olhos e transformou a minha bem-aventurança no mais sonoro palavrão. Aí, não teve jeito, de palavrão em palavrão, caminhei no resto que faltava. Tomei banho, fiz a barba e pedi o almoço no quarto.

A reunião começou, exatamente, como tinha começado a do dia anterior. O senhor Melquíades bateu duas pancadinhas na porta, uma voz abafada disse, entre, e o senhor Melquíades entrou. Quando o senhor Melquíades entrou e a mesma voz abafada disse, ótimo, Melquíades, duas e meia em ponto, o alarm do meu Casio disparou e o chrono provou que não eram duas e meia. Eram, exatamente, duas e vinte e oito e trinta e seis segundos. A mesma diferença de um minuto e vinte e quatro segundos, só que, agora, ao invés de positiva, negativa. O que também não tinha a menor importância, duas e meia ou duas e vinte e oito e trinta e seis segundos, para uma reunião com executivos que não entendiam do riscado, valiam o mesmo que duas e meia ou duas e trinta e um e vinte e quatro segundos tinham valido para a reunião com o presidente, que também não entendia do riscado.

A única vantagem, que também não era vantagem nenhuma, foi eu saber que, ou o meu relógio estava atrasado ou o do doutor Epaminondas estava adiantado. Coisa também sem nenhuma importância, pois o senhor Melquíades voltou logo e pediu que eu entrasse.

Entrei e o bis não foi nem a pedidos, já lá estava. O doutor Epaminondas, em pé, repetia ipsis tudo a pose do presidente no enterro do líder da oposição e apontava o mesmo controle remoto para o mesmo aparelho de som. Sentou-se, apertou os mesmos dois ou três botões, a mesma enxurrada de trovões reboou pela sala, disse, sentem-se, e, enquanto o senhor Melquíades fechava a porta, a trovoada amainou. Sentei-me na mesma poltrona e o senhor Melquíades bisou também a poltrona da reunião anterior. Tudo igual, espelho no espelho, com uma única diferença, acendido o cigarro, o doutor Epaminondas, ao invés da machíssima cova-funda, puxou uma tragada bichadíssima e não sorriu.

– Melquíades, chama o Oliveira e o Laurelino aqui, no gabinete.

O senhor Melquíades mandou ver no tabaqueiro a cornetada sim, senhor, levantou-se e saiu. O verão liberava geral e o doutor Epaminondas recostou-se na cadeira, contou os meus olhos, o meu nariz e a minha boca, arrumou um multiplicador médio do manequim adequado e puxou uma tragada, daquelas meio a meio, nem bichada nem cova, mas suficientemente vagarosa para que eu entrasse no clima sem derreter no verão do vivaldino.

– Pedi ao Melquíades que saísse, porque há um ponto que eu quero que fique bem claro.

Enfiou metade do cigarro no oco dos dois metros, espetou o corte das lentes bifocais na minha cara e deixou o fumo sair, devagar, pelo nariz e pela boca, como eu tinha feito com a radiação da Luzinete, apenas não esperou o resultado. Do alto da mais seca trovoada vivaldina entrou direto no assunto.

– O nome do implicado, seja ele quem for, só a mim, só a mim e a mais ninguém, deve ser dito.

Eu sabia que aquele fumo, saindo assim devagar, feito que nem charuto mal fumado, tinha um significado especial. O filho do velho Sandoval não era só filho do velho Sandoval, como dizia o senhor Melquíades, por trás daquelas lentes bifocais havia muito menos miopia do que o Mercedes vermelho e o cebolão do tamanho da medalha-mor das Olimpíadas do senhor Melquíades, mesmo tinindo de novos, eram capazes de imaginar. Nada mais respeitável e mais honesto do que um político assumir a sua condição de político.

Mesmo apanhado em flagrante até a propina parece doação. Eu não era político, mas entendia de flagrantes.

– Ora, doutor Epaminondas, o senhor sabe que eu sou um profissional.

– Ótimo. Ótimo.

Pegou o controle remoto, apontou-o para o aparelho de som e o calor da trovoada virou chuvinha de março. O doutor Epaminondas também era um profissional. Podia não entender de flagrantes, mas entendia de vivaldices e sabia medir muito bem a altura dos seus músicos. Sem puxar mais nenhuma, e nem precisava, a profundíssima tinha sido mais do que explícita, o doutor Epaminondas esmagou o cigarro no fumê cinzelado do cinzeiro e recostou-se na cadeira. Abafadas pela madeira e pela seda acolchoada, escutaram-se duas pancadinhas na porta, o doutor Epaminondas disse, entre, e o senhor Melquíades entrou.

Era apenas um pormenor, assim como o minuto e os vinte e quatro segundos tinham sido, mas, se eu tinha prestado atenção ao minuto e aos segundos, nada mais natural do que prestar também atenção à entrada do senhor Melquíades, afinal, já tinha visto o senhor Melquíades entrar duas vezes naquele boudoir. Entrava, encostava a porta e voltava pouco depois. Só que, desta vez, entrou e não encostou a porta, encostou-se na parede e deixou entrar os dois homens que o seguiam. Debaixo do sol há muito mais coisas, hoje, do que havia no tempo em que a velha Madame Francine aportou no cais da Praça XV, é um fato, e, cada dia, mais e mais merda o ventilador do diclorodifeniltricloroetano atira no espaço, é outro fato. São apenas fatos, mas, se se tornam concomitantes, vale a pena pensar neles. Por que o senhor Melquíades não entrou, encostou a porta e voltou pouco depois? Por que ele entrou, se encostou na parede e deixou aquelas duas figuras passarem na frente dele? Que apito elas tocariam? Também achariam genial o verão do vivaldino ou pilotariam máquinas tão possantes que, perto delas, o Mercedes vermelho do senhor Melquíades, mesmo tinindo de novo, pareceria uma carroça? Ou o senhor Melquíades também entendia mais de vivaldices do que deixava parecer? Sem nenhuma resposta e com as dúvidas já afogando os capilares, fechei a gaveta dos pontos de interrogação e deixei o marfim rolar no boudoir. Onde parasse o verão do vivaldino, parariam os trovões.

Os homens entraram. O da frente, mínimo, cotovia-menos, saltitava e chocalhava as costelas num casaco de couro, o de trás, máximo, pelicano+mais, pisava firme e balançava a barriga num

blusão gola rulê. Escrutinados os lugares no sofá, o senhor Melquíades fechou a porta, incrementou o verão do vivaldino com uma cornetada no capricho e sentou-se na poltrona do costume. O doutor Epaminondas acendeu um cigarro, melhorou a segunda edição da bichadíssima e apresentou as figuras.

– Doutor Oliveira, o nosso diretor financeiro, senhor Eduardo, o nosso convidado. Doutor Laurelino, o nosso diretor administrativo, senhor Eduardo, o nosso convidado.

Melhor, nem bolacha de 78 rotações com duas agulhas encravadas. O doutor Oliveira, o gordo, disse, oi, seja bem-vindo, o doutor Laurelino, o magro, não disse nada, e eu disse, prazer. O senhor Melquíades somou ao solstício do verão mais uma brilhante assoadela e o doutor Epaminondas esmagou o cigarro no fumê cinzelado do cinzeiro, olhou-nos um por um, pigarreou e cofiou, devagar, a barba passa-piolho.

Foi uma aula magna daquelas. Peagadê em prolegômenos, o doutor Epaminondas respirou fundo, subiu no trampolim dos noventa e sete metros e, ao som do vivaldino, mergulhou nos meandros do organograma da Mercúrio. Satisfeito com a atenção da platéia, nadou do Oiapoque ao Chuí da malha estrutural e atravessou, sem tropeços nem tonturas, o pantanal efervescente das corredeiras mais rochosas. Uma autêntica oração de sapiência. O doutor Laurelino, o olhar fixo num ponto qualquer da parede atrás de mim e as mãos cruzadas nas lapelas do peito, apoiava as braçadas mais enérgicas com circunspectos acenos de cabeça e o senhor Melquíades preenchia as pausas natatórias com assoadelas cada vez mais prolongadas. O doutor Oliveira mascava a boquilha do cachimbo apagado e lutava, bravamente, por boiar na correnteza e não adormecer, e eu, a garganta já asfaltada de tanta nicotina e alcatrão, parelhava a minha luta pela dele. Meu velho pai tinha razão, nunca engoliu *embeurrée d'escargots*, *oignonade auxonnaise* ou *suprême de volaille à la moutarde ancienne*, engoliu cobras e lagartos, mas sabia o que dizia, quando um burro falar, cuidado, se não der couce, dá sono. Um dia ainda visitaria a tal de Serra do Gerês e mandaria erguer uma estátua, o velho merecia.

Acendi o último cigarro e firmei-me na poltrona. Se deixasse o corpo deslassar acabaria deitado nos tapetes. Decidido a agüentar o centatlo, puxei uma tragada uterina e soprei o fumo à la turbina de Concorde. A nuvem chispou no ar mas logo sumiu, desfeita em pó de vento. A assoadela do senhor Melquíades foi tão forte, que até o doutor Laurelino esqueceu a parede atrás de mim e descruzou os braços, assustado, e o cachimbo do doutor Oliveira caiu no chão. O

doutor Epaminondas, que já tinha atravessado o Rio São Francisco e nadava, agora, de braçada, no Rio Paraná, calou-se de repente, apontou o aparelho de som, e disse, num tom de voz só comparável à solenidade do momento, ó, *O Outono*. Quatro pares de olhos se arregalaram, atentos à mudança climática, e mergulharam na neblina, extasiados. O doutor Epaminondas levantou os braços, num daqueles gestos que os cientistas políticos costumam chamar de triplo V da vitória, não há vencedores nem vencidos, todos são vitoriosos, e, tranqüilíssimo, aspirou, profundamente, o frescor do nevoeiro como se não tivesse feito nenhum esforço.

– Senhores, agora que as apresentações foram feitas, comecemos.

Calou-se, acendeu um cigarro e puxou duas das melhores e mais seguidas covas-fundas que já vi.

– O senhor Eduardo da Cunha Júnior é a pessoa que contratamos no Rio de Janeiro e foi-me recomendado por um amigo de confiança.

O unto do doutor Oliveira acendeu o cachimbo e puxou uma baforada, o fastio do doutor Laurelino limpou os óculos de meias lentes e acenou com a cabeça, o senhor Melquíades estridulou a sirena de aviso a nevoeiro e eu esquematizei o sorriso mais adequado à circunstância. O doutor Epaminondas agradeceu a concordância de todos com um gesto de cabeça e pregou no quadro dos avisos mais três comunicados.

– Primeiro, escusado será dizer que o trabalho do senhor Eduardo será absolutamente sigiloso. Segundo, oficialmente, o senhor Eduardo foi contratado para montar um departamento de exportações na Casa Comercial. Terceiro, peço que cada um avise os superintendentes operacionais das suas áreas para que qualquer solicitação do senhor Eduardo seja prontamente atendida.

O doutor Oliveira assinou os avisos com uma avantajada baforada do cachimbo, o doutor Laurelino firmou-os com um esquelético aceno de cabeça, eu concordei com o mais circunspecto dos silêncios e o senhor Melquíades apoiou a minha concordância com uma sonora assoadela. O doutor Epaminondas bateu a cinza do cigarro no fumê cinzelado do cinzeiro, pegou o controle remoto e, num gesto de absoluta segurança, fez o outono do vivaldino zoar pela sala como uma tempestade de inverno zoaria nas estepes da Sibéria.

– Obrigado, senhores.

O doutor Epaminondas podia não entender de flagrantes, mas entendia de gramática e outros doutorados correlatos, e sabia como

imprimir os diplomas. Se saraivava palavras como banguela saraiva perdigotos, tudo bem, abre o guarda-chuva e vale a saraivada, mas se chispava só dois tiros, que nem escopeta em mão de capitão Virgulino Lampião, se cuida, malandro, que agulha entra em fundo de camelo. E não deu outra, aquele, obrigado, senhores, foi o último sacramento e fim, a reunião estava terminada. O senhor Melquíades abriu a porta, desfraldou a bandeira branca do alívio, estofou os peitorais e a cornetada espatifou os trovões da tempestade e avalanchou o corredor. Saímos, o senhor Melquíades na frente, abrindo a marcha, vasodilatado, o doutor Laurelino, atrás dele, sugado pelo eco, o doutor Oliveira, em seguida, segurando a barriga e o cachimbo, e eu, por último, aproveitando a segurança da muralha. Virado o corredor, o senhor Melquíades abriu uma porta e sumiu dentro de uma sala, duas portas à frente o doutor Laurelino também abriu uma porta e sumiu idem, e eu chamei o doutor Oliveira, na esperança que ele me fizesse passar o rubicão da Luzinete sem tropeçar no fumê cinzelado do cinzeiro. O doutor Oliveira, capitão de longo curso, jogou a bóia e puxou-me para o chão firme do convés.

– O senhor começa hoje?

– Agora, doutor Oliveira.

O doutor Oliveira parou, guardou a bóia, puxou duas baforadas e fez a velha cara das duas caras. A de cima, com o espanto da dúvida encavalitado no nariz e, a de baixo, com a satisfação da certeza afivelada nas bochechas.

– Uai, carioca já é paulista?

Já na lengalenga ao molho de verão do doutor Epaminondas eu tinha gostado do nariz abatatado e das bochechas buldogues do doutor Oliveira, mesmo sem a conjunção do espanto da dúvida com a satisfação da certeza na superfície avermelhada da aniagem capilar. Com aquele uai e aquela gola rulê, o doutor Oliveira não cruzaria a minha raia se eu não cruzasse a raia dele.

– Nada. Paulista diz que trabalha, mas carioca odeia frio.

– Mineiro gosta de frio.

– Mas não diz que trabalha.

A satisfação da certeza encavalitou-se no nariz e o espanto da dúvida afivelou-se nas bochechas. Sorri, satisfeito, o doutor Oliveira não esperava que o meu saque levasse tanto efeito.

– É. Desse jeito, logo, logo, o senhor bate no ponto.

Passamos o rubicão da Luzinete sem tropeçar no fumê cinzelado do cinzeiro e das três, uma, ou a radiação da Luzinete só radiava em hora adequada ou o doutor Oliveira aproveitou para sacar

também com efeito ou apenas afixou o cartaz da voz de Deus no quadro dos avisos.

– Eficientíssima, essa menina.

Na dúvida, não dei troco. Jogador que é jogador, não duvida nem dá troco. Ou agüenta ou sai do jogo. Para quem agüentou anos catando bicharada perdida no Aterro do Flamengo até dar de cara com aquele *royal straight flush* no Hotel das Paineiras, paciência era o de menos. Paciência é como mulher, também é substantivo feminino e quanto mais falta mais se quer. Mas não era só questão de paciência, era também questão de tempo. Ainda era cedo para cruzar a raia do doutor Oliveira e correr o risco de ver a minha raia atropelada por todos os cavalos da Mercúrio.

O doutor Oliveira parou e puxou duas baforadas à Rio São Francisco, volumétricas e vagarosíssimas, só esperando pelo troco. Mas eu também jogava pôquer e conhecia bem aquela paradinha acintosa de credor. Encarei a chaminé da barcaça na maior das inocências e esperei a primeira contração. Não deu outra, o doutor Oliveira encavalitou o espanto da dúvida na cana do nariz, afivelou a satisfação da certeza no bozó das bochechas e sorriu, também na maior das inocências.

– Por onde o senhor quer começar?

Capítulo 6

Comecei por ali mesmo. A sala do doutor Oliveira era igual à saleta onde a radiação visual da Luzinete recebia as visitas com sorrisos misse mundo e boas-vindas bem cantadas, paredes pintadas com esmalte e polvilhadas de quadros, madeiras laqueadas e o chão coberto de tapetes, mas nada que fizesse lembrar o caixão que a velha Madame Francine chamava de boudoir e o doutor Epaminondas chamava de gabinete. Nada de paredes forradas com seda e cobertas de molduras maiores do que os quadros, madeiras laqueadas a dourado, cortinas adamascadas e tapetes mais grossos do que pneu de caminhão. Uma mesa de tampo de vidro, uma cadeira giratória, duas poltronas, dois sofás e uma estante. E um monte de cinzeiros, de vários modelos e tamanhos, mas nenhum de fumê cinzelado. De todas, nenhuma, o doutor Oliveira não tinha aproveitado para sacar com efeito, nem afixou o cartaz da voz de Deus no quadro dos avisos. Ali dentro, o eletromagnetismo da radiação da Luzinete não provocava nenhuma sensação visual.

O doutor Oliveira, com um suspiro que me lembrou o senhor Melquíades desfraldando a bandeira branca do alívio e fez tremer até os vidros das janelas, deixou-se cair na cadeira giratória. Para meu espanto, os ferros não rangeram, nem entortaram, mas o estofo do assento, esmagado de repente e sem tempo de esvaziar a espuma dos pulmões, deu um peido tão retumbante e torneado, que ganhou por dez cus à melhor das trovoadas do verão do vivaldino.

O doutor Oliveira não deu a mínima para o peido da poltrona e eu também não. Como dizia meu velho pai, em casa de cego não estranhes luzes apagadas. Tranqüilo e mais aliviado do que se o peido tivesse sido dele, o doutor Oliveira acendeu o cachimbo e saboreou mais duas baforadas à Rio São Francisco. Entendi, a vez era minha. Apesar dos rosnados do fila pólo sul e na falta de um cigarro que me fizesse parecer suficientemente displicente para não causar o menor resquício de suspeita, passei giz no taco com o maior cuidado e, na maior atenção, mirei a bola preta.

– Doutor Oliveira, o quê que o senhor acha desses roubos? Uma empresa como a Mercúrio, que vive de emprestar dinheiro, deve ter as suas próprias normas de segurança.

O doutor Oliveira sorriu, bonachão, como aquele avô centenário sorri quando lhe dão um pirulito e lhe dizem que ainda vai viver outros cem anos, bateu o cachimbo no cinzeiro e ficou olhando os montinhos de cinza e de fumo mal queimado, como se fossem melecas que tivesse tirado do nariz.

– Primeiro, meu caro senhor Eduardo, eu não acho nada. Não sou pago para achar, sou pago para aumentar os lucros da Mercúrio. Agora, sobre as normas, que o senhor chamou de segurança e que o doutor Laurelino faz questão de chamar de concessão de crédito e outros atributos, posso-lhe assegurar que não são apenas boas, são ótimas.

Todo mundo se baba por um ar superior, mas há duas circunstâncias em que ele faz parte do contexto, um *royal straight flush* numa mesa de pôquer ou a imunidade parlamentar numa esquadra de polícia. Eu não estava jogando, nem pertencia a nenhuma câmara, mas, naquele momento, era imbatível. Mesmo xingando a falta de um cigarro, refestelei-me na poltrona e mandei ver.

– Então por quê esses roubos?

O doutor Oliveira nem hesitou. Desconheceu o *royal straight flush* e cagou na imunidade, mais objetivo do que um juiz da FIFA em campeonato da terceira divisão.

– Os quartéis dos bombeiros também não pegam fogo?

Agora eu entendia a fama daquele tal de Visconde de Taunay, que tanto me tinha torrado o saco no colégio, como leitura obrigatória. Não é fácil fazer uma retirada. Eu não tinha invadido o Paraguai, mas o meu terreno era igual ao da Laguna e a retirada foi inevitável. Mas não foi só a retirada. Se eu não queria bater de frente na muralha da gola rulê do doutor Oliveira, tinha que ser diplomático, papagaio bico doce não pinica galo velho, dizia meu velho pai e dizia muito bem. Piquei as cartas do *royal straight flush*, uma por uma, jurei nunca me candidatar fosse ao que fosse e cobri a raia do doutor Oliveira de manjerico e de flor de laranjeira.

– Doutor Oliveira, foi o senhor que fez as normas?

– Não.

Encavalitou a satisfação da certeza no nariz, afivelou o espanto da dúvida nas bochechas, acendeu o cachimbo e puxou uma baforada vagarosa.

– Só autorizei o pagamento da encadernação.

Fazer o quê? Mandá-lo arrancar a raiz da real quinta puta que o pariu ou continuar cagando manjerico e flor de laranjeira? Apeguei-me com Santo Expedito, o santo das causas urgentes e negócios que precisam de pronta solução, e o buraco negro da dúvida foi logo varrido pela luz da graça concedida. Melhor correr o risco de um fluxo ventral do que ver a minha raia atropelada por todos os cavalos da Mercúrio.

– O senhor me emprestaria? Eu gostaria de ler.

– Pode pegar.

Apontou a estante, encostada na parede, ao lado da janela.

– O segundo da terceira prateleira.

Um calhamação vermelho, com as letras da capa impressas a dourado: **Mercúrio S/A, Crédito, Financiamento e Investimentos**, **Normas Para Concessão de Crédito e Outros Atributos**, **Doutor Laurelino Canguçu**, **Circulação interna**, **Proibida reprodução**, **total ou parcial**, **Propriedade da Empresa**. Daria tudo por um cigarro, ainda mais agora, com aquele tijolo pesando nos joelhos, mas o cachimbo fumegante do doutor Oliveira era um aviso, pedir cigarro a cachimbeiro é o mesmo que pedir esmola a banqueiro, ou vem a polícia ou pneu passa por cima. No meu caso, seria jogar no lixo todo o manjerico e toda a flor de laranjeira. E eu não podia, poder até que podia, mas não queria correr esse risco. Para esquecer o cigarro, lembrei dos dentes do fila pólo sul picando gelo e apertei o calhamação nas costelas. O doutor Oliveira sorriu e a visão da dentadura animou-me, o meu gesto tanto podia significar proteção contra o frio quanto agradecimento pelo favor. Felizmente, o doutor Oliveira não tinha medo dos dentes do fila pólo sul e interpretou-o pelo lado mais quente.

– Essas normas são ótimas, o Laurelino é um especialista em concessão de crédito, acredite.

Protegido pelo calhamaço e pelo acredite, resolvi aventurar outra investida. Era tiro em olho-d'água, mas podia acertar tanto quanto a seleção brasileira na próxima Copa do Mundo, afinal dezesseis anos de jejum santificam qualquer número, gênero e grau de pecador. Mas os roubos aconteceram, doutor Oliveira.

– Os roubos...

O doutor Oliveira encolheu os ombros e fungou um sorriso, como dali a pouco eu fungaria um espirro, se ninguém amordaçasse aquele desgraçado daquele fila pólo sul.

– O senhor ainda não conhece os mineiros.

– Mas conheço ladrões, doutor Oliveira.

O doutor Oliveira não respondeu, assustado pelo meu conhecimento ou cagando em cima dele? Pergunta ótima, mas, infelizmente, de futuríssima resposta. E o doutor Oliveira parecia entender de futuros. Pegou um limpador, esvaziou e limpou o cachimbo, encheu-o com fumo novo, acendeu-o e apontou o calhamaço das normas, que eu, seco por um cigarro, já tinha jogado em cima dos joelhos.

– O senhor vai mesmo levar isso?

Seco por um cigarro, os ossos chocalhando no freezer e, ainda por cima sem presente e, muito menos, sem futuro, fiquei puto.

– Doutor Oliveira, quem trabalha na minha profissão entende de troços que até Deus duvida e conhece gente que o diabo nunca viu. Aliás, não foi à toa que os senhores me contrataram. Os senhores só me contrataram depois que...

Ele riu.

– Não fique bravo, não vale a pena. As informações, realmente, foram ótimas. Eu chequei, pessoalmente, as que a Comisa deu ao Epaminondas. Foi um trabalho e tanto, aquele seu.

Olhou o relógio e espreguiçou-se, a bocarra escancarada até à raiz dos gorgomilos e os braços levantados, como os do doutor Epaminondas ao anunciar o começo das duas horas do outono, só que sem o V dos anti-São Tomés, aquele triplo do não há vencedores nem vencidos, todos são vitoriosos.

– Vamos? Eu o deixo no hotel.

Às cinco e meia de uma tarde como aquela, sem cigarros e com a pele coberta de geada, que mais poderia fazer? Amoleci. Se até Nero se orgulhava de ser poeta, por que é que eu não poderia me orgulhar das minhas qualidades? Na COMISA não tinha sido só um trabalho e tanto, tinha sido também um trabalho limpo. Uma assembléia extraordinária que é convocada para derrubar o presidente, e, de repente, vira missa de ação de graças. Foram dias e dias de puteza, mas valeu, todo mundo passou procuração ao presidente e palmas para ele, que ele merece. E para mim também, que, só de bônus, ganhei três vezes o contrato. Mas não foi só o dinheiro que me tocou. Numa boa, o que mais me interessou foi o tanto que aprendi e a pá de gente que conheci. Teve diretor que me ofereceu até diploma, mas caguei. Diploma, no Brasil, serve é para dar direito a prisão especial e, isso, era a coisa que eu menos precisava. Mesmo antes da COMISA já aquele secretário filho da puta, que me tinha demitido, dava tapinhas nas minhas costas, reeleito deputado federal às custas de quem me recomendava e me dava referências. O mundo não é pequeno, o

mundo fica pequeno quando a gente fica grande. Meu velho pai que o diga, que nunca teve nem condição de ir morrer em paz na terra dele, naquela tal de Serra do Gerês. Por isso caguei no diploma.

Pouco passava das seis quando o doutor Oliveira encostou no meio-fio e parou o carro na porta do hotel.

– O senhor já deve ter visto coisas muito estranhas. E aqui ainda vai ver mais algumas. Por exemplo, a Casa Comercial. É prejuízo atrás de prejuízo, mas mantém-se aberta como se fosse um santuário. Por isso, lhe digo, vá devagar, que mineiro não é bobo.

– Eu sei, doutor Oliveira. Se fosse, não me teriam contratado. Até amanhã e muito obrigado pela carona.

Ele riu.

– Até amanhã e bom trabalho.

– Obrigado e bom descanso.

Saltei do carro e ele arrancou. Curioso, o carro não era Mercedes, não era vermelho, nem tinia de novo, era um opalão recauchutado, mas o doutor Oliveira não desligava o motor para poupar gasolina. Por quê? Porque não tinha conhecido o velho Sandoval ou porque era amigo do doutor Epaminondas? A resposta valia uma nota pretíssima, mas não dava para ficar ali parado. O fila pólo sul dançava a maior micareta na avenida e o vento, regendo a bateria, tirava a barriga da miséria à custa do sambalelê das juntas dos meus ossos. Enfiei o calhamaço das normas nas goelas do ar refrigerado e corri para a mais próxima fortaleza tropical, um varejão de roupas à prova de congelamento de termômetros mercuriais.

Dois blusões mais gordo, uma couraça de couro soldada no paletó e o calhamaço das normas escudando as dentadas do fila, consegui aportar ao hotel, pelo menos, com os ossos ainda em estado de uso e abuso. Subi para o apartamento, tapei o buraco da fechadura e desliguei o ar-refrigerado do fila pólo sul com uma dose bem cubada de Ballantine’s. Deixei o uísque puro derreter as estalactites da boca e as estalagmites da garganta, embrulhei-me num cobertor, peguei o calhamaço e sentei-me na poltrona, disposto a saltar o muro do quintal do doutor Laurelino Canguçu, o especialista em normas para concessão de crédito e outros atributos.

Das quinhentas e quarenta e oito páginas datilografadas e milimetricamente marginadas, frente e verso, em duzentas e setenta e quatro folhas ofício, xerocadas e encadernadas a preceito, não li nem cinqüenta. Me lembrou da Constituição, revogadas as disposições em contrário, o inferno enche de boas intenções.

Antes de botar a mão naquele *royal straight flush*, no Hotel das Paineiras, eu era fã de carteirinha das compras a prestação, mas já fazia anos que não dava cano em crediários e alguma coisa podia ter descarrilado. Melhor conferir. Como dizia meu velho pai, mais vale um dedo na mão do que cinco mãos sem nenhum dedo. O chrono do meu Casio alarm cravava 18:45 53 quando a telefonista da primeira filial da Mercúrio que encontrei na lista telefônica me disse, boa-noite, Mercúrio Bahia, às suas ordens e o resto foi mais fácil do que tomar injeção de Voltaren 75 para desdolorir rins empedrados. Transferida a ligação para o setor de atendimento, rezou-se o credo em duas unhas.

– Por favor, quê que vocês tão exigindo pra fazer um empréstimo?

– Financiamento ou dinheiro?

– Dinheiro.

– Comprovante de renda, atualizado, comprovante de residência e documento de identidade.

– Pode ser carteira profissional, conta de luz e título de eleitor?

– Pode. Aprovada a ficha cadastral, que demora dez minutos, o empréstimo será de oitenta por cento dos rendimentos comprovados e poderá ser financiado em até seis pagamentos.

– Muito obrigado.

– De nada, sempre às ordens.

Joguei o calhamaço em cima da cama e só não me esgoelei em gargalhadas porque o assunto merecia um Ballantine’s daqueles. Quinhentas e quarenta e oito páginas datilografadas e milimetricamente marginadas, frente e verso, em duzentas e setenta e quatro folhas ofício, reduzidas a pó de peido com um simples telefonema não era só cocô de camundongo. A continuar assim, o doutor Epaminondas precisava, com urgência, ou dobrar as oito horas das estações do vivaldino ou encurtar as aulas de sapiência. A menos que, e a lembrança me botou os abanos das orelhas mais em pé do que pé de chuchu trepando na cerca da mulher do vizinho, dentro daquelas paredes forradas com seda e cobertas de molduras maiores do que os quadros, madeiras laqueadas a dourado, cortinas adamascadas e tapetes mais grossos do que pneu de caminhão, o único bobo fosse eu.

Capítulo 7

Há anos que não sonhava, nem tinha pesadelos. Me lembro, exatamente, quando deixei de sonhar e quando os pesadelos sumiram do mormaço da minha cama. Os sonhos acabaram quando me botaram para fora da folha de pagamento dos bicheiros e os pesadelos se mandaram dos lençóis quando trombei com aquele *royal straight flush* no Hotel das Paineiras. Mas naquela noite sonhei mais do que candidata a misse mundo e tive mais pesadelos do que padre confessor em sexta-feira da Paixão.

Concluir é muito pior que duvidar. Na dúvida, pelo menos, ainda se pode ir ou voltar, dependendo de quanta gasolina tem o tanque. Na conclusão, não, tanque cheio ou vazio, o carro pára no lugar determinado e não tem apelação. Aquele a menos que o único bobo fosse eu fincou pé no gogó e babau, só desceu empurrado já nem sei por quantos Ballantine's. E desceu, assim, eu apaguei na poltrona e a novela começou. Ora era o senhor Melquíades cantando *La Cumparsita* e querendo atropelar-me com a merda vermelha do Mercedes, ora era o doutor Epaminondas regendo as estações do vivaldino e querendo enfiar-me no aparelho de som, ora era o doutor Oliveira assobiando *Touradas em Madri* e querendo meter o cachimbo no meu cu, ora era o doutor Laurelino dançando o *Tico-tico no fubá* e querendo que eu recitasse o calhamaço das normas, ora era a sensação da Luzinete me convidando para almoçar e todos os restaurantes fechavam para almoço.

Acordei um bagaço, mas foi até bom. Parti para cima do cotovia saltitante como quem parte para nunca mais voltar, puto da vida. Putérrimo. A menos que o único bobo fosse eu, ele veria com quantas motosserras se desmatava a floresta amazônica. Quinhentas e quarenta e oito páginas para pedir um comprovante de renda, um comprovante de residência e um documento de identidade, nem Moisés carregando as tábuas da lei no areião seco do deserto. Razão tinha meu velho pai, e de sobra, chuva de março nunca chove em fevereiro. Pedi à radiação da Luzinete que ligasse as fontes geradoras e marcasse uma reunião

com os superintendentes operacionais às duas horas, e mandei ver o *Tico-tico no fubá* na gafieira.

A sala do fringilídeo era, praticamente, igual à do doutor Oliveira. Fechada a porta do boudoir da velha Madame Francine, o padrão mercúrio de cômodo executivo era a saleta das paredes pintadas com esmalte e polvilhadas de quadros, madeiras laqueadas e o chão coberto de tapetes. Claro que com alguns toques pessoais muito sutis. No caso do doutor Oliveira, montes de cinzeiros, no caso do fubá dançarino, um retratão do papa Pio XII parafusado na parede fronteira à secretária.

Conforme certidão do meu Casio alarm chrono, às 08:00 03 do vigésimo terceiro dia do mês de maio do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1984, trigésimo quarto do Ano Santo, quarta-feira, iniciou-se a batalha sob a proteção do retratão do santo padre Pio XII, e, por ser verdade, lavrou-se a presente ata de acordo com a disposição dos contendores.

O primeiro canelão foi do fubá. Percebendo que eu não tinha lido todas as epístolas de São Canguçu aos tamiceiros, logo quis tripudiar.

– O mercado financeiro é um mercado complexo. Não é um mercado para leigos, se é que o senhor me compreende.

Fez uma pausa, muito maior do que ele, daquelas que abrem até buracos em consciência de monge trapista e sorriu, superior.

– Meu senhor...

Meu senhor? Eu já vi o Olaria ganhar do Flamengo, meu senhor. E tem mais, meu senhoria, cabelo que mamãe alisou nenhuma cotovia cisca, não. Nem morta. Girei a manivela e dei uma espiada na caixa das surpresas. Já meio jogado às traças, mas ainda em estado comestível, lá estava o hidroxipropilcelulose da *Introdução*, das *Considerações Preliminares*, dos *Conceitos Básicos* e a parte dos *Conceitos Estruturais* que tinha folheado no *Livro I* do calhamaço. Meti o samburá no pantanal dos *Conceitos Estruturais* e pesquei o primeiro poraquê que deu bandeira. Nada como um bom choque elétrico para cerrar dentaduras e sorrisos superiores.

– Doutor Laurelino, o que é, exatamente, um agente da Mercúrio? No *Livro I*, capítulo dos *Conceitos Estruturais*, pelo menos para mim, e eu não sou, exatamente, um leigo, afinal entendo de exportações (tinha respirado bem fundo e estendi o entendo de exportações até ao outro lado da rua), a conceituação não ficou bem definida.

Na mosca. O cotovia revirou os olhos, sapatinhou, bateu asas, mas nem voou, ficou duro, aço caldeado, me olhando como se eu lhe tivesse apresentado credenciais de filho primogênito do retratão de sua santidade. Refestelei-me na poltrona, acendi um cigarro e puxei meia dúzia de tragadas, daquelas café-da-manhã-completo, gostou, gostou, não gostou, foda-se. A catalepsia do fubazinho desmentia, e com a maior consagração, aquele desgraçado daquele a menos que o único bobo fosse eu. Viu, meu senhor?, não é só bobo que tem pesadelo, não, bobo também dança *Tico-tico no fubá*.

Terminado o cigarro, o tico-tico conseguiu mexer as juntas e a conversa ficou bem mais dentro dos conformes. Levou tempo, foi preciso fazer até cesariana, mas deu para salvar mãe e filho. Agente era um preposto que trabalhava nas cidades do interior, onde a Mercúrio não tinha filiais, promovia créditos e financiamentos, fazia as cobranças e ganhava uma percentagem sobre as minhocas que tirava dos cerrados. Como as minhocas eram minhas, isquei o anzol e fiz cara de bobo. Agora já podia fazer cara, cabeça, tronco e até membros, como dizia meu velho pai, malhar no ferro frio dá calo e dá calor.

– E se um agente montar um processo falso? Trabalhando longe da matriz...

– Impossível, meu senhor.

Cheirava a recaída, mas não era, era apenas um cotoviado faz-de-conta tentando parecer indignado, afinal, quinhentas e quarenta e oito páginas não se escrevem com quinhentos e quarenta e oito toques, mesmo batidos pelas casas decimais das estações do vivaldino.

– A Mercúrio tem uma auditoria própria, como o senhor deve ter visto no *Livro III, Capítulo IX*, e essas operações são estudadas por um comitê especial de aprovação, como o senhor também deve ter visto no mesmo livro, no *Capítulo XIX*.

A trégua era boa, os canelões tinham terminado, mas era bom não mexer demais no calhamaço. O terreno era muito alagadiço e eu não queria correr o risco de ser obrigado a fazer outra retirada. Ninguém agüenta duas retiradas. Nem político. Na segunda perde a eleição e babau, só resta o consolo de malhar o governo até conseguir uma teta dando sopa. Mas eu nem essa sopa podia caldeirar. Além de não ser político tinha que batalhar a minha grana e saltei do barco antes que aparecesse alguma catarata do Niágara.

– Muito obrigado, doutor Laurelino.

Ele olhou o retratão do papa Pio XII e, se não rezou um padre-nosso, agradecendo a minha saída, deve ter agradecido a provação,

perdoa-lhe, porque não sabe o que faz. Aproveitei a conformação à penitência e mandei um troco bem contado.

– Só mais uma coisa, doutor Laurelino. Será que o senhor teria um organograma da Mercúrio?

Apesar da oração sapientíssima do doutor Epaminondas, do organograma em que ele tinha mergulhado eu só lembrava as trovoadas do verão do vivaldino, os decibéis do tabaqueiro do senhor Melquíades, as pestanadas do doutor Oliveira e os circunspectos acenos de cabeça do doutor Laurelino, apoiando as braçadas mais enérgicas, e, se queria botar a mão na minha grana, precisava ver como a Mercúrio suportava a euforia dos mergulhos ornamentados do orador sapiente, doutorado em nadadeiras. O doutor Laurelino não respondeu, mas também não voltou a olhar o retratão. Pegou trinta metros de papel mais dobrado do que certidão de nascimento de filho sem pai e entregou-mo.

– Pode ficar.

– Muito obrigado.

Passei o resto da manhã patinando no tamanho do lençol e, apesar das dificuldades na entrada e dos problemas na saída, o labirinto não deixou nenhuma dúvida. Mesmo com aquelas paredes forradas com seda e cobertas de molduras maiores do que os quadros, madeiras laqueadas a dourado, cortinas adamascadas e tapetes mais grossos do que pneu de caminhão, a Mercúrio não passava daquilo que a putaria mais nova chamava de caixão: um quarto fechado, fedendo a mofo, entulhado de badulaques, cada executivo ciscando no seu próprio galinheiro e o aviário que se danasse. Ao meio-dia passei pela saleta da radiação e capinei a Luzinete com o melhor dos meus sorrisos.Conseguiu marcar a reunião?

– Não. O senhor Iglésias tem dentista às duas horas.

Iglésias cheirava a suspiro de costura de colchão e a minha vitrola era outra. Dividir para reinar. Não sei quem disse isso, mas todo mundo diz, dizia o comandante da minha companhia, no meu tempo de reco, quando falava dos outros comandantes, dizia o meu delegado, no meu tempo de tira, quando falava dos outros delegados, e ainda dizem os empresários e executivos que conheço, quando falam dos colegas. Como tudo que sei aprendi com os outros, faço sempre como eles. E tem dado certo, as poucas vezes que não deu, a culpa foi minha, escolhi mal o professor. O dentista do senhor Iglésias não era professor, mas ensinou-me o que eu já devia ter aprendido com a primeira trovoada do verão do vivaldino, não é o aparelho de som que

faz a música, ou, como dizia meu velho pai, só manda cagar no terreiro quem paga bem aos criados.

– Tudo bem. Vamos almoçar?

Tem hora que até os mosquitos mais dóceis gostam de viver em perigo, principalmente, se nos seus contratos de vôo existe a cláusula que proíbe inseticidas, mas a radiação visual desligou as fontes geradoras.

– Não.

Será que aquele cinzeiro de vidro fumê cinzelado era só coincidência ou era, de fato, um aviso aos navegantes? Como aquele a menos que o único bobo fosse eu já tinha recebido as devidas indulgências do retratão parafusado na parede da sala do doutor Laurelino e o dentista do senhor Iglésias me tinha mostrado que nem sempre um dente cariado é a causa mãe do rasgo no colchão, resolvi conferir.

– Então devo desistir?

– Você que sabe.

Era um aviso aos navegantes. Como nunca fui de mergulhar sem escafandro, desisti daquele mar e fui ancorar a minha barca em outro cais. Sem nenhuma radiação eletromagnética capaz de provocar sensação visual num observador normal do meu lado, mas muito mais tranqüilo. Como dizia meu velho pai, cuidado com cais alheios, mesmo secos, escorregam. Desci dois quarteirões a pé e almocei no Oriente, um restaurante cheio de dragões e lâmpadas de papel na fachada, mas que me serviu uma muito mais do que excelente galinha ao molho pardo.

Comi devagar e digeri quase parando. Merecia. Dois foras seguidos, um do dente cariado e outro das fontes geradoras, brochavam o mais vitaminado amendoim. Mas não havia de ser nada, se Deus, que era Deus, só no terceiro dia fez a manhã e a tarde, o que é que um pecador como eu poderia fazer em dois dias e meio? Diluí o sangue do molho pardo com uma santificada dose de Ballantine's à caubói e deixei o marfim rolar pela toalha. Com dois blusões de lã por cima da camisa e a armadura de couro soldada no paletó nenhum fila pólo sul me faria pingüim.

Voltei depois das três e subi pela garagem. Às duas e meia começava o verão do vivaldino e eu não estava a fim de trombar com turbulências, nem queria encontrar a radiação da Luzinete, por mais visual que estivesse, e, muito menos, o cachimbo dos cinzeiros ou o retratão do papa Pio XII. Na verdade, eu não queria era nada, queria era fazer o resto da minha digestão na santa paz. Entrei no meu

percentual do Melquíades, manda colocar uma mesa na tua sala, e, para meu espanto, nenhum trombone jogou no corredor o silêncio pintado nas paredes. Sentado na mesa dele, o senhor Melquíades segurava o jornal com as duas mãos e sorria, olhando para mim.

– Então? Já arrumou algum suspeito?

Para quem esperava os canhões da banda da Vila Militar, os ferrinhos daquele sorriso desdenhoso foram a morte do zangão. Mordi o cotovelo e tirei as calças pela cabeça, e descarreguei a alta-voltagem da puteza dos dois foras no tabaqueiro do manda colocar.

– Já, senhor Melquíades, já arrumei um, sim.

Fiz uma pausa parecida com a do perdoa-lhe, porque não sabe o que faz, mas muito maior do que a dele e muito maior do que eu, capaz de abrir até buraco em polimento de Mercedes e cuspi no carmesim.

– E tinindo de novo.

Não sei se o trombone tabaqueiro lembrou da merda vermelha ou se a coriza superou o desdém. Num gesto desesperado, daqueles que só quem já botou a mão em titica sabe o desespero que dá, o manda colocar pegou o lençol das salvações e largou a maior cornetada deste mundo e do outro. Senti-me realizado, se Deus, que era Deus, só no terceiro dia tinha feito a manhã e a tarde, em dois dias e meio eu tinha feito, pelo menos, um puta som.

Capítulo 8

Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, porque nele descansou de toda a sua obra, ensina-se no catecismo e nas escolas dominicais. Domingo é o Dia do Senhor, não só porque tem missa e tem culto, mas porque tem descanso obrigatório. Por isso, as amantes dos homens casados estão sempre livres nos domingos, o meu *royal straight flush* do Hotel das Paineiras que o diga. O negão que cavalgava os lombos do marido da madame foi fotografado numa sexta-feira, dia, depois eu soube, consagrado ao grande Júpiter, também dono de uma senhora maçaroca.

Eu não tinha certeza se a radiação da Luzinete eletromagnetizava os dois metros da ossatura do doutor Epaminondas, não sabia, sequer, se tinha máquina fotográfica, mas uma coisa eu sabia, a sensação visual de boba não tinha nada e Belo Horizonte já era um lugar suficientemente civilizado. Meia dúzia de cliques, batidos no lugar certo e na hora adequada, se transformariam num *royal straight flush* tão maneiro, que nem o ministro da Justiça teria peito de negar habeas-corpus. E a radiação bem que merecia. E eu também. Poder verificar com que tipo de musgo se cobria a prancha dos mergulhos do doutor Epaminondas já seria um bom presente.

Como só estava no quarto dia e faltavam ainda mais de três para chegar o Dia do Senhor, fiz o que o doutor Epaminondas fazia com as estações do vivaldino. Peguei aquela eternidade de trator e capinei todas as pausas, conversando com os superintendentes operacionais e respirando na comida. A sensação visual não me deu a menor bola e os meus almoços e jantares foram papais, feitos na maior incompatibilidade feminina. Mas eu só ia desistir depois do Dia do Senhor. Se as fontes geradoras turbinassem no domingo a minha suspeita estava certa, a radiação da Luzinete eletromagnetizava os dois metros da ossatura mas o doutor Epaminondas só podia mergulhar de segunda a sexta-feira.

Depois daquela pausa parecida com a do perdoa-lhe, porque não sabe o que faz, mas muito maior do que a dele e muito maior do que eu, capaz de abrir até buraco em polimento de Mercedes, o senhor

Melquíades não me perguntou mais sobre suspeitos. Passou a assoar o nariz com a regularidade de um metrônomo e abriu uma frincha na caixa das surpresas, dois pontos, abre aspas, tinha sessenta e cinco anos, era feliz no casamento, e, embora a Maria Lúcia fosse trinta e sete anos mais nova, já estava no sexto mês da gravidez e a Mercúrio tinha-lhe dado um ano de licença, um Rolex e aquele Mercedes vermelho, como prêmio pelos cinco anos de bons serviços prestados. Ponto, fecha a frincha e fecha as aspas, e a conversa voltou ao angu sem caroço.

– O senhor é que não conheceu isto nos tempos do velho Sandoval. Aquilo, sim, era homem, amigo do amigo e, como diz o outro, palavra de pura lei. O Iglésias também é daquele tempo, mas nunca passou noites em claro. Galego vivo, sempre deu jeito de ficar no escritório. O Sandoval e eu, não, eram semanas e semanas a cavalo por esse interior, naquele tempo não havia nem estradas, quanto mais aviões, e todo mundo respeitava. Foi assim que isto cresceu. À minha custa e à custa do velho Sandoval. Agora...

Se tivesse um retratão do papa Pio XII parafusado na parede, o senhor Melquíades, em vez de assoar o nariz, também teria olhado para ele e, se não rezasse um padre-nosso, com certeza agradeceria a provação, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Não era minha função, afinal não sou enfermeiro nem frade, mas, naquele momento, o meu coração baqueou. Pai aos sessenta e cinco, quase sessenta e seis anos de idade, assustaria até o finado Lampião, que nunca baqueou o coração e morreu muito mais novo.

– Não é por nada, não, mas se o velho Sandoval ainda fosse vivo eu já seria diretor. Agora...

Pensei que fosse amassar o tabaqueiro outra vez, mas não, acendeu um cigarro, editou a melhor cova-funda do doutor Epaminondas e ficou olhando a parede, a cabeça balançando, devagar, e o fumo saindo pelo nariz e pela boca.

– Agora, é deixar correr e esperar que isto não vá tudo pro buraco.

Fazer o quê? Dizer amém ou fazer de conta? Acendi também um cigarro e fiz de conta. O senhor Melquíades puxou mais duas ou três covas, esmagou o cigarro no cinzeiro, dobrou o jornal com cuidado e levantou-se.

– Até amanhã.

Saiu da sala sem amassar o tabaqueiro e, para meu espanto, não amassou, pelo menos, até sair da garagem. Se tivesse amassado, a cornetada teria subido as escadas, teria varrido os corredores e teria

levantado os meus abanos. Não sou enfermeiro nem frade, assim como também não sou criptólogo nem doutor em evidências, sou apenas o sujeito que joga a merda nos ventiladores de acordo com os conformes, mas uma coisa eu digo sem nenhum considerando, se o senhor Melquíades não fosse tão boca-de-siri talvez assoasse menos o nariz. Como dizia meu velho pai, em boca fechada nem dentista mexe bem.

Saí logo depois do senhor Melquíades. Se tinha gostado da frincha aberta na caixa de surpresas, aqueles dois agora e reticências, deixados em suspenso, me deram até dor de barriga. Não era enfermeiro nem frade, nem criptólogo nem doutor em evidências, e, muito menos, terapista doutorado nos espíritos, e a barriga doeu que doeu. Mas consegui relevar. Dois bem medidos Ballantine's antes de jantar e dois antes de dormir, e teria lido até as epístolas de São Canguçu aos tamiceiros se o calhamação ainda deitasse na minha cama. A conversa com os superintendentes regionais começou na quinta-feira de manhã. Eram cinco, na lista da radiação da Luzinete, o senhor Mendes na Distribuidora, o senhor Aparecido na Promotora, o senhor Iglésias na Casa Comercial, o senhor Souza no Crédito, Cadastro e Cobrança e o senhor Pereira Mendes na Seguradora. Se eu tivesse escrito as epístolas de São Canguçu aos tamiceiros talvez a ordem alfabética fosse um bom começo, afinal, sem convenções nem dois mais dois seriam quatro, dizem os entendidos em casas decimais. Mas nem sempre a convenção mais conveniente é a melhor. Sem querer tirar o musgo da prancha dos mergulhos de ninguém, é fácil lembrar no que têm dado certas convenções ou alguém já esqueceu no que deu o que se convencionou chamar de *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, por exemplo? Como não tinha marchado com a família, nunca fui muito de ir ao zoológico, nem tinha escrito as epístolas de São Canguçu aos tamiceiros, mandei o convencionalismo às urtigas e entrei na primeira porta que vi aberta. Para azar dos alfabetólogos, a Distribuidora encaçapou a bola preta.

Gostei da visão volumétrica da sala do senhor Mendes. Se o molde era a saleta da sensação visual, o resultado condizia com a agitação do ocupante. Três aparelhos de telex, quatro telefones, cada um de uma cor, e caixas de Pepsamar, espalhadas por tudo quanto era canto, ocupavam a maior parte do tempo e do espaço.

O senhor Mendes era um louro, senhor de uns trinta e cinco anos, magro, mas sem o enguiamento do doutor Epaminondas, e usava um cavanhaque que lembrava aquele cardeal metido a adolf de araque nos *Três Mosqueteiros* da Lana Turner. E os óculos redondos de aros

grossos e o cabelo repartido ao meio também lembravam aquele cômico do cinema mudo que se pendurava sempre nos ponteiros dos relógios. Quer dizer, se não fosse superintendente da Mercúrio, o senhor Mendes poderia ser um grande artista de cinema. Se não era um adolf de araque, nem se pendurava nos ponteiros dos relógios, também tinha dois bons tiques, de minuto em minuto, com a maior seriedade, mastigava um comprimido de Pepsamar e esfregava o nariz na manga do paletó.

– O senhor não imagina o que é colocar papel num mercado como o nosso. O Aparecido diz que é fácil e não está nem aí, quer é cantar os boleros dele, o Souza só se preocupa em calcular o tempo que o pessoal dele gasta para consertar as vírgulas erradas das boletas, o Iglésias só sabe cuidar dos malotes, aliás, nem isso faz direito e a Casa Comercial é um buraco, o único que fica no canto dele e não se mete com ninguém é o Pereira Mendes.

Pegou a primeira caixa de Pepsamar que encontrou à mão, tirou um comprimido, mastigou-o e esfregou o nariz na manga do paletó. Como aqueles óculos não caíam, eis um mistério digno do maior dos sherloques.

– Mas, o pior, ainda não é isso, o pior é o cliente. Se eu só posso pagar X, ele quer que eu pague X mais um, e se eu não pagar X mais um, ele aplica com outro. Mas se eu pagar X mais um, com os juros que andam por aí, lá se vai o lucro e os meus calos é que pagam. Eu digo pro senhor, e digo com toda a sinceridade, gerente de captação é pior que pára-raios, não precisa nem chover e todo mundo cai em cima. O que precisa ter de cuidado, o senhor nem faz idéia.

O senhor Mendes não era nenhum dunga, como o doutor Leonel Brizola, reclamando das mutretas nas eleições de 1982 para o governo do Estado do Rio de Janeiro, mas também não era nenhum nada a declarar, como o ministro Armando Falcão, só mostrando retratos e lendo currículos e plataformas eleitorais dos candidatos na televisão. Como início de conversa, a pintura até que saiu bem colorida. Liquidificada com as estações do vivaldino, as baforadas do cachimbo, o retratão do perdoai-lhe, os espirros do Mercedes e o cinzeiro da radiação eletromagnética, já dava para imaginar a teia do cipoal. Mas eu tinha sido contratado para capinar o matagal e limar as roscas do cano do larápio, e não para mastigar Pepsamar e esfregar o nariz na manga do paletó. Na maior dignidade, acendi um cigarro e banquei o doutor Epaminondas, respirei fundo e puxei a mais perfeita cova-funda.

– Quer dizer que as dificuldades são grandes.

O nariz do senhor Mendes aterrissou na manga do paletó e outro comprimido de Pepsamar escantilhou pela garganta.

– Se todo mundo jogasse no mesmo time não haveria tanto problema.

Se a questão era o time, era fácil, ou se mudava de técnico ou se contratavam reforços. Resolvi entrar pela porta dos reforços, a torcida gosta mais.

– Quem sabe um reforço ajudaria?

– Reforço? Que reforço? Eu já não disse ao senhor...

– O senhor já deve saber que eu fui contratado para estudar a montagem de um departamento de exportações na Casa Comercial.

– Ah, sim, com certeza. O doutor Oliveira me falou, mas, ontem, o mercado estava um caos.

Talvez caos também chamasse caos, como, dizem os cientistas federais, abismo chama abismo. Deixei que o nariz fosse bem esfregado e o comprimido idem mastigado, e mandei a tragada quer-ver-só?, se viu, viu, se não viu, nunca vai ver.

– Não ajudaria?

Na mosca. O nariz ligou as turbinas, resfolegou, mas não levantou vôo.

– Claro que ajudaria. Seria mais um pára-raios.

Ao meio-dia, ajudado por um milhão de narigadas e idem de comprimidos, eu já tinha mergulhado, se bem que ainda com muito pouca profundidade, no caminho sem retorno das certezas. Primeira, que o pára-raios do senhor Mendes, apesar de protegido pelo Laboratório Winthrop, mais dia, menos dia, pifaria. Segunda, que o cano do larápio não enroscava na Distribuidora. Mesmo que as letras de câmbio parissem traças e a mesa de open market fosse um ninho de cupins, ou até os raios mais vivaldos quebrassem a cobertura da Mercúrio, as toneladas de hidróxido de alumínio que o senhor Mendes engolia tapariam todos os buracos.

Despedi-me do senhor Mendes e convidei a radiação para almoçar, mas as fontes geradoras continuavam desligadas e a resposta foi não.

Depois de mais um almoço papal, um feijão-tropeiro com todos os matadores, acompanhado da mais completa incompatibilidade feminina e de um Ballantine’s a condizer, foi a vez do senhor Pereira Mendes, o superintendente da Seguradora. Foi a vez, assim, nada de destino bate à porta, caminho traçado pelos anjos, tarô ou conjunção de planetas, apenas a porta da sala dele ficava em frente ao consumidor Pepsamar e eu já conhecia o corredor.

Se o senhor Pereira Mendes me tivesse recebido com um ora, pois, pois, o que é que o meu amigo vai querer, eu não me teria espantado. Com uns cinqüenta anos bem parrudos, aquele sotaque ainda carregado de erres, aquela juba emaranhada de uma confissão pela Páscoa e um banho pelo Natal, e aqueles enormes bigodes retorcidos, se o senhor Pereira Mendes não fumasse cachimbo, não fizesse a barba e não usasse gravata seria a cara e a coroa do velho Abílio Quitandeiro, meu falecido tio e padrinho. Para ter nascido na mesma sementeira só lhe faltavam os tamancos e uma flâmula do glorioso Vasco da Gama pregada na parede.

Recebeu-me com um sorriso do tamanho do bigode, uma baforada que me lembrou o nevoeiro do outono do vivaldino e deixou a minha mão direita em petição de miséria. O cumprimento do senhor Pereira Mendes foi igual às tenazes que a alma penada do adolf doutor Francisco Campos mandava usar nas catacumbas da Central, no meu tempo de arquivista dos berros arrancados na porrada aos pecadores, uma verdadeira prensa hidráulica. Todas as salas da Mercúrio tinham por padrão a radiação da saleta da Luzinete, paredes pintadas com esmalte e polvilhadas de quadros, madeiras laqueadas e o chão coberto de tapetes, e, por isso, a sala do senhor Pereira Mendes me espantou. Por ser fruto da carta original, aquela do beijo as mãos de vossa alteza, deste Porto Seguro da vossa ilha de Vera Cruz, talvez o senhor Pereira Mendes não fosse muito atreito a padrões, ou, então, as variações o fissuravam. Na sala dele não eram quadros que escorriam pelo esmalte das paredes, eram diplomas.

– São o meu xodó.

– Tudo cursos?

Dizem que o que mais emputeceu o Juan Manuel Fangio não foi o Mike Hawthorn ter ganho o Campeonato Mundial de Pilotos de 1958, foi a pergunta de um repórter: Senhor Fangio, qual é mais difícil, ganhar cinco vezes o Campeonato Mundial de Fórmula 1 ou dirigir um carro nas ruas de Buenos Aires? O senhor Pereira Mendes não era piloto de corridas, mas a reação à minha pergunta mostrou que ele tinha puteza suficiente para disputar com o Nelson Piquet a liderança do próximo campeonato.

– Cursos? São prêmios literários. Eu sou um escritor.

Explicada a distorção do padrão visual da saleta da radiação eletromagnética, o senhor Pereira Mendes apontou dois diplomas pendurados bem no meio da parede, atrás da secretária.

– Aqueles, eu ganhei em Portugal. Um de teatro e outro de romance.

Para quem vinha especular exportações, nada melhor do que comprar logo a passagem e atravessar também o Atlântico.

– Meu pai também era português.

– Ah, era? E de onde?

– De uma tal de Serra do Gerês.

Eu tinha certeza que, por melhor dançarino que fosse, o senhor Pereira Mendes não pulava o *Tico-tico no fubá*, com aquela figura parruda e aquela bigodaça retorcida faltava-lhe a leveza das cotovias saltitantes. Mas a cara que fez foi igual à do doutor Laurelino, quando olhou o retratão do papa Pio XII e rezou o padre-nosso, perdoa-lhe, porque não sabe o que faz.

– A Serra do Gerês não é um lugar, é uma das maiores montanhas de Portugal. Eu, por exemplo, nasci num lugar chamado Covide, que fica na Serra do Gerês. O senhor sabe em que lugar o seu pai nasceu? A gente pode ser até da mesma freguesia.

– Ele só falava nessa tal de Serra do Gerês.

– Já lá foi?

– Eu?

– E o seu pai? Já lá voltou?

O senhor Pereira Mendes parecia um vendedor de loterias, metralhava perdigotos e o entusiasmo lembrava um bando de muriçocas na melhor noite pantanal. Péssima comparação, com o fila pólo sul picando gelo em cada canto, lembrar do verão era suicídio voluntário, melhor dar uma trava antes de encomendar o caixão.

– Já morreu.

Na mosca. O senhor Pereira Mendes engoliu perdigotos e sorrisos, e até as guias do bigode despencaram.

– Por favor, me desculpe. Eu não sabia.

Entusiasmo zerado, o senhor Pereira Mendes ficou no ponto. Exatamente, como a calda do açúcar mascavo com que a minha mãe fazia os rebuçados que a pivetada comprava e chupava como balas. Depois daquele eu não sabia, o senhor Pereira Mendes engoliria o meu departamento de exportações sem precisar sequer de salivar. Mas prensar era maldade e resolvi deixá-lo respirar. Sentei-me, acendi um cigarro e puxei a meio-a-meio, dá a volta por cima que por baixo só tem oco.

– E os seguros?

O senhor Pereira Mendes entendeu, sentou-se, acendeu o cachimbo e a fumigação selou a paz.

– Os seguros até que vão bem. Tomara que a minha literatura andasse igual.

Cortei a curva literária e puxei a tragada dos prolegômenos. Não tão rápida como a primeira, mas também não muito vagarosa, para que o senhor Pereira Mendes não pensasse que eu só tinha ido falar com ele porque era escritor ou porque o meu pai também tinha nascido nessa tal de Serra do Gerês.

– Com certeza, o senhor já sabe da idéia do doutor Epaminondas.

A cara do senhor Pereira Mendes foi direta, não sabia. O senhor Mendes estava certo, o senhor Pereira Mendes gostava mais do canto dele do que das encruzilhadas dos outros. Bisei a meio-a-meio, satisfeito. Apesar de todos os multiplicadores e das casas decimais do vivaldino, na Mercúrio também havia pessoas que não se preocupavam em fazer de conta que adoravam as estações.

– Ele quer montar um departamento de exportações na Casa Comercial e eu fui contratado para estudar as possibilidades.

– Não sabia, mas acho ótimo, sinceramente. O senhor Iglésias precisa de alguém que o ajude a movimentar aquela Casa Comercial. Aquilo, ao que dizem por aí, é um buraco sem mais tamanho.

Engrenada a quarta marcha, a conversa esquiou beleza no gelo do resto da tarde. Descemos montes e vales, cruzamos encruzilhadas, saltamos barreiras e valados, entramos e saímos de desvios mais longos ou mais curtos e, às seis horas, paramos no fim da pista e olhamos a banda passar.

– E esses tais roubos?

O senhor Pereira Mendes olhou os músicos da banda e encolheu os ombros.

– O doutor Oliveira diz que não acredita e o doutor Laurelino diz que é impossível.

– E o senhor?

– Eu? Eu nem digo que não acredito, nem digo que é impossível. Escrevo os meus livros e trato de segurar tudo que possa ser segurado.

Deixamos a banda passar e tomamos a caravela da volta. O senhor Pereira Mendes foi no banheiro e eu fiquei pensando naquele nem digo que não acredito, nem digo que é impossível. Acreditar em possibilidades é tarefa do governo, torná-las impossíveis é tarefa dos políticos, e eu não era nem governo, nem político. O senhor Pereira Mendes voltou do banheiro e também não me pareceu nem idem, nem bisidem. Seria um daqueles altruístas que só querem o mundo melhor para também viverem melhor ou seria um apenas mais um prático

conformado com as calosidades da real? Boa pergunta. Boa pergunta, assim, boa pergunta se eu soubesse a resposta.

Saímos, o senhor Pereira Mendes com dois livros debaixo do braço e eu com mais duas certezas de razoável qualidade. Primeira, que o cano do larápio também não enroscava na Seguradora. Segunda, que os editores brasileiros só se preocupavam em editar livros que vendessem toneladas. Como a sensação visual já não estava na saleta, aceitei o convite do senhor Pereira Mendes para continuar a conversa, estendida num boteco. O senhor Pereira Mendes só podia ter nascido, mesmo, nessa tal de Serra do Gerês. Além de não desligar o motor do carro nos sinais de trânsito para poupar gasolina, ainda me tinha convidado para jogar mais conversa fora.

Fomos para uma tal de Casa dos Contos, um casarão com uma varanda e um alpendre, e um salão na parte interna, e, mesmo com o fila pólo sul rosnando na calçada, o senhor Pereira Mendes quis sentar na varanda.

– É melhor. Aqui, a gente vê quem entra e quem sai. E tem sempre gente entrando e saindo, o senhor vai ver.

Eu não queria ver ninguém, entrando ou saindo, queria era desligar o ar-refrigerado com um bom aquecedor, mas entrei na geleira. O senhor Pereira Mendes pediu um chope bem gelado e eu pedi um Ballantine’s. Duplo, sem gelo. Se tomasse aquele chope seria um suicídio e eu não estava a fim de entrar numa de tragédia. O suicídio é sempre uma tragédia, se o sujeito morre é um infeliz, se não morre, é um idiota, e eu não estava a fim de dar uma de infeliz, nem de idiota. O senhor Pereira Mendes recostou-se na cadeira, acendeu o cachimbo e puxou a baforada dos prolegômenos.

– Sabe quem, daqui a pouco, pinta aí? O Oswaldo França Júnior, um cara muito do legal e um senhor romancista. Aqui vem todo mundo, ele, a Branca de Paula, a Cristina Agostinho, o Jorge Fernando, o Jeter Neves, o Roberto Drummond, o Carlos Herculano, todo mundo. Toda a noite a gente se encontra aqui e toma um chope.

Não conhecia nenhum daqueles nomes, mas escutei o senhor Pereira Mendes como a minha falecida mãe escutava o latinório da missa. Com a maior atenção e a mais qualificada devoção. O garçom trouxe as bebidas e o senhor Pereira Mendes continuou a falar dos amigos. Falava com reverência, como se todos pertencessem a uma irmandade secreta e os nomes só pudessem ser bichanados nos ouvidos dos irmãos iniciados. Foram tantos, que eu poderia ter até feito duas listas telefônicas. O fôlego do senhor Pereira Mendes era de caçador submarino, quando o oxigênio ralentava, parava no box,

engolia mais um chope e tome-lhe mais um metro cúbico de nome e sobrenome. Numa das paradas em que teve que encher o tanque e trocar as nadadeiras, aproveitou e limpou também os óculos de mergulho.

– Não é por nada, não, mas eu acho a literatura de língua portuguesa uma das mais ricas do mundo. Tem dois autores, então, que são dois gênios. Murilo Rubião, aqui de Minas, e José Saramago, português.

Traçou o resto do chope e pediu outro, e puxou aquela baforada que, eu tenho certeza, o vivaldino procurou a vida inteira para colocar no melhor dos nevoeiros, se não acredita, comprove. Congelada a nicotina, pegou os dois livros que tinha trazido e colocou-os na minha frente.

– Eu trouxe de propósito pro senhor. O senhor não pode deixar de ler o Murilo e o Saramago. São gênios. *O Convidado*, do Murilo, e o *Levantado do Chão*, do Saramago, são duas obras-primas, meu amigo.

A paixão do senhor Pereira Mendes era tanta, que até o fila pólo sul deixou de picar gelo na calçada. Agradeci o presente, engoli o resto do Ballantine's e, num gesto absolutamente impensado, mas absolutamente genuíno, chamei o garçom no grito e pedi também um chope. A paixão do senhor Pereira Mendes merecia o risco de entrar numa de tragédia. Eu gosto das pessoas que falam com paixão, costumam acreditar no que dizem, quando não são candidatos a nenhum dos três poderes ou suvenires correlatos.

Saímos da Casa dos Contos já passava da meia-noite, e nós também já passando de bêbados. Não tinha aparecido nenhum amigo do senhor Pereira Mendes, talvez quinta-feira fosse feriado literário ou dia de arribação, mas, mesmo assim, eu estava satisfeito. Tinha ganho dois livros de presente, coisa que nunca ninguém me tinha dado e, o que era ainda mais importante, alguém me tinha chamado amigo. Não foi o porre que me deixou sentimental, sentimental era o Altemar Dutra, por sinal um senhor sentimental, eu me senti bem foi com aquele meu amigo. Não sei se foi o senhor Pereira Mendes que me levou no hotel ou se algum garçom chamou um táxi, sei que acordei no freezer, de madrugada, ainda vestido, e que tive de fazer uma lavagem estomacal de manhã à base de café puro, sem açúcar, e água mineral com gás. Mas valeu. Lembrei-me que já faltava menos um dia para o Dia do Senhor, e, como dizia meu velho pai, tudo vale a pena se a gente acorda vivo.

Passei a manhã de sexta-feira conversando com o senhor Aparecido, o superintendente da Promotora. Era um morenão de cor indefinida, daquela que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE para os mais cagliostros, chama de “sem declaração”, já passado dos quarenta, mas que ele, à força de cremes e loções, forçava por parar nos trinta e nove. Com o cabelo quase-quase sarará entabuado a peso de brilhantina, os ternos cortados pela moda do último figurino da Via Ápia e encharcado de perfumes "uomo", assim com aspas, como ele gostava de pronunciar, o senhor Aparecido deslizava pelos corredores da Mercúrio como o anjo da guarda do Nat King Cole fazia os seus joguinhos nos cassinos de Las Vegas, sempre cantarolando boleros e músicas de dor-de-cotovelo. E não falava, ciciava. Qualquer palavra, por mais escantilhada que fosse, saía-lhe da boca transformada em caramelo. O senhor Aparecido, dizia a sensação visual da Luzinete, era o bálsamo-de-tolu das funcionárias mais balzaquianas e o crooner de todas as festas da Mercúrio.

A sala do senhor Aparecido era o que a velha Madame Francine, com certeza, teria chamado de meu grande sonho de consumo, *mon grand rêve d’usage,* na mais perfeita versão “uomo” versus caramelo. Ultrapassando o mais requintado boudoir, entrava, sem a menor cerimônia, na maior xurumbambice. O padrão da saleta da radiação da Luzinete estava todo lá, mas elevado à terceira potência da cópia mais capachilda. Além das costumeiras paredes pintadas com esmalte e polvilhadas de quadros, madeiras laqueadas e o chão coberto de tapetes, o senhor Aparecido puxava o saco do doutor Epaminondas cobrindo as janelas com cortinas adamascadas, envernizava o doutor Oliveira espalhando cinzeiros de vários modelos e tamanhos pelos cantos, e polia o doutor Laurelino parafusando também um retratão do papa Pio XII na parede. Para o espírito da velha Madame Francine se protoplasmar de vez naquele *rêve d’usage*, só faltava o senhor Aparecido esconder nas gavetas as cujas toalhinhas chumaçadas de uso mensual.

Porta aberta, o sobrinho-neto do Caruso recebeu-me ciciando um Consuelo Velasquez da melhor qualidade, *besame, besame mucho,* e pediu que me sentisse como se estivesse na minha casa. Senti-me. Senti-me, assim, sentei-me, acendi um cigarro e puxei a assim-assim, beija muito ou beija pouco, tanto vale, o gosto é sempre o mesmo.

– Eu não fumo. A minha voz....

O senhor Aparecido não fumava por motivos técnicos, o alcatrão ensebava-lhe as cordas vocais. O telefone tocou, ele atendeu e sentou-se. Ciciou algumas palavras ainda afinadas pelo lamiré do

último *mucho* e bateu o telefone. Mas a raiva do gesto não condizia com o cicio da voz. Ou o senhor Aparecido queria mostrar o que não era ou queria esconder o que era, bichanou o meu Humphrey Bogart, detetive em P&B, nos pêlos da minha nuca. Na melhor das hipóteses, nem o retratão do papa Pio XII, parafusado na parede atrás da secretária, o senhor Aparecido conseguiu enganar.

– Desculpe, mas era o agente de Governador Valadares. O senhor nem imagina o trabalho que me dão esses agentes. Administrar vendas não é fácil, embora ninguém aqui dentro dê valor. Ninguém, é um modo de dizer, que a diretoria sabe muito bem o tanto que eu trabalho. Agora, os outros, se eu não abro o olho, querem mais é que eu morra. O Mendes e o Souza, então, só sabem é fazer a minha caveira por tudo quanto é canto. Mas é o que eu sempre digo ao Iglésias e ao Pereira Mendes, pára com isso, gente, pára de bobeira. Mas eles são bobos demais. O Iglésias já morreu e não sabe, e a Casa Comercial, ó, e o outro só quer é saber dos livros dele. Se eles se juntassem a mim, vou-lhe contar, não era nada, não era nada, sempre eram três contra dois, sabe como?

Eu sabia como, mas o como do senhor Aparecido não me interessava, embora também gostasse muito de boleros. Aquela briga não era minha. Como dizia meu velho pai, quem compra briga leva cano, e eu não vivia de canos, vivia dos clientes da minha lista de espera. Bisei a tragadinha assim-assim e fiz de conta que passava a bola para ele fazer gol.

– Esses agentes, eles...

O rosto do senhor Aparecido iluminou-se. Senhor Deus, ou Governador Valadares era uma fábrica de boleros da melhor qualidade e circunstância ou a minha vã filosofia não pescou lhufas no sorriso daqueles olhos.

– Fui eu que bolei o sistema. O senhor não imagina o que era isto quando eu cheguei. Mal dava prás despesas.

Dá gosto ver um craque pegar a bola no meio do campo, arrancar com ela nos pés, driblar todo mundo e fazer um golaço. Esmaguei o cigarro no cinzeiro e esperei o grito da torcida, mas o senhor Aparecido não fez gol, continuou driblando.

– Pois lhe digo, e isso é o que deixa muita gente de orelha em pé aqui dentro, em três anos os agentes se tornaram a segunda maior fonte de receita da Mercúrio. E digo a segunda, não porque o Mendes diga que a primeira é a mesa de open, digo a segunda porque o doutor Oliveira me confirmou, tá entendendo? Só por isso.

– E falsificações? Não...

– Falsificações? E o senhor acha que eu estou aqui fazendo o quê? Comigo não, dom joão, nem dormindo eu fecho o olho. Antes que a cobra fumasse, fumei eu, meu caríssimo.

Nem uma gramática só de pontos de exclamação traduziria a ênfase pulmonar do rí daquele caríssimo, mas o senhor Aparecido continuou, imperturbável.

– Propus um comitê especial de aprovação para analisar as propostas acima de cem salários mínimos e amarrei o sistema.

– O doutor Laurelino me falou.

– Então o senhor viu que não tem a menor falha. Mas, para que se não dissesse que eu sou isto, que eu sou aquilo, propus que no comitê entrasse todo mundo, sabe como? O doutor Epaminondas, a diretoria e todos os superintendentes, até o Melquíades, que é nada de nada, titica. O Mendes e o Souza não gostaram, tentaram afundar, mas tiveram que engolir, e numa boa, que o degas aqui não dorme de touca, não.

Sorriu e recostou-se na cadeira. O gol tinha sido de placa, digno de uma moldura da FIFA e até o chrono do meu Casio alarm bateu palmas, 10:32 21. O senhor Aparecido não falava, ciciava, mas como ciciava. A continuar assim, o Dia do Senhor ia chegar e eu não poderia nem confessar-me, atolado no pecado daquela calda de caramelo. Com a segurança dos predestinados, acendi outro cigarro e puxei a corta-luz, quem já foi rei odeia voto. Se o senhor Mendes era o zagueiro-mor do time adversário e foi driblado na maior, a pergunta podia ser a mesma.

– O senhor já deve saber que eu fui contratado para estudar a montagem de um departamento de exportações na Casa Comercial.

O sorriso do senhor Aparecido não era um gol de placa, era apenas um sorriso, mas também valia uma moldura da FIFA.

– Eu já propus esse departamento, ó...

Nunca chutei de pé esquerdo, a minha canhota nunca me deixou mentir, mas aquele ó merecia um canelão atravessado.

– É mesmo?

– Foi logo que cheguei. E o doutor Epaminondas só não aprovou porque o Melquíades botou areia na farofa.

Debruçou-se tanto na mesa que, ou saía segredo ou *besame* em suspiro de costura de colchão.

– O senhor conhece o Melquíades. Mesmo com aquele Mercedes e aquele Rolex, que eu tinha vergonha que a minha mulher me desse, Belo Horizonte, pra ele, ainda devia andar de bonde.

Nem segredo nem suspiro de costura, mas a pose valeu. Como dizia meu velho pai, mesmo só com um pê a pose pesa paca. O senhor Aparecido fez a pausa das grandes revelações e esperou que eu a digerisse.

– É ele que mete na cabeça do doutor Epaminondas essa besteira dos roubos.

O eterno conflito das gerações e a guerra conseqüente. O senhor Melquíades era um cantor de tangos aposentado e o senhor Aparecido era um cantor de boleros em plena atividade. Enquanto eu digeria aquela manga com leite integral, o senhor Aparecido endireitou-se na poltrona e balançou a cabeça.

– E tudo, sabe pra quê? Pra puxar o saco do doutor Epaminondas, pra ver se ele o nomeia diretor.

Digeri a mistela, mas digeri assim, como se tivesse saboreado um Ballantine’s trinta anos, na maior firmeza e na maior concentração. Mas o senhor Aparecido também tinha embocadura.

– Agora, voltando ao departamento de exportações, eu acho ótimo o senhor ter sido contratado. O que eu tenho lutado por esse departamento, ninguém nem sonha.

Estendeu a mão por cima da mesa, naquele gesto de político eleito disposto ao sacrifício do mandato, e obrigou-me a estender também a minha.

– Bem-vindo à família, e o que precisar de mim, já sabe, é só pedir.

O senhor Aparecido podia ser um ótimo cantor de boleros e um ótimo contratador de agentes, mas, além de puxa-saco, era também um péssimo mentiroso. Ou, então, as trovoadas das estações do vivaldino não tinham arrancado só o cabelo do doutor Epaminondas, tinham entupido também todos os capilares da memória. Como dizia meu velho pai, e dizia muito bem, mentira ou verdade não depende de quem diz, depende de que escuta.

De acordo com a última previsão meteorológica para o Dia do Senhor, céu de brigadeiro, mas a radiação da Luzinete não ligou as fontes geradoras e não aceitou o meu convite para almoçar. O que não modificou o esquema, nem influiu no apetite. Mais uma recusa, mais um almoço papal.

Às três horas, encouraçado num Ballantine’s de capricho, meti os pés no velório e fui acordar o defunto. Mas o senhor Iglésias estava muito mais vivo do que pensava o protoplasmado senhor Aparecido. Além de não aceitar o padrão da saleta da radiação eletromagnética, a sala dele não tinha quadros, nem madeiras laqueadas, nem tapetes,

ainda rabiava mais do que rojão em casamento de roça. Se o doutor Laurelino era mínimo, o senhor Iglésias ainda era mais mínimo, um beija-flor de mosquito. Galego vivo, como dizia o senhor Melquíades, trabalhava na Casa Comercial desde que o velho Sandoval abriu a primeira porta e vendeu o primeiro cobertor.

Recebeu-me com um o que é que o senhor quer, cuspido da cadeira de espaldar, irmã da primeira porta e do primeiro cobertor, acabou de lacrar o malote que apertava nas munhecas e espichou as pontas da gravata-borboleta, como se eu fosse o mais desvairado invasor das suas cristianíssimas terras da Galiza. Não gostei do espicho das antenas, mas também não gostava de *embeurée d'escargots* e, muitas vezes, tive que engolir a melequice daqueles caracóis. Passei um limpa-vidros na fachada, sentei-me, acendi um cigarro e puxei a velha folha-seca, não adianta chiar que o beco não tem saída. – Quero falar com o senhor.

– Fale.

Eu nunca fui telegrafista, não porque seja contra o traço, ponto, ponto, ponto, ponto, traço, mas porque não gosto de jogar pingue-pongue sem bola. Como dizia meu velho pai, se todo mundo fosse igual, não havia ninguém parecido. Bisei a folha-seca e mandei ver.

– O senhor já deve saber que eu fui contratado para montar um departamento de exportações na Casa Comercial.

– A Casa Comercial não precisa montar nada. Eu já falei com o Epaminondas o que tinha que falar. A Casa Comercial não precisa exportar nada, precisa é que a deixem vender mais. Se o Melquíades fosse outro, talvez as coisas mudassem, mas ele sempre foi um caga-na-saquinha e os outros querem é levar a vida na flauta.

Não deu nem tempo de incrementar uma terceira folha-seca. O dunga pegou outro malote e saiu pela porta do lacre.

– Passar bem.

Não gosto de telegramas não é à toa, vírgula é vg e ponto é pt, saudações. Saí da gaiola do beija-flor de mosquito mais puto do que *serial-killer* jogado no deserto. Esmaguei o cigarro no tapete da porta e só não peidei por falta de pressão, o Ballantine's tinha esmoído bem demais o tutu à mineira do almoço e os gases estavam liquefeitos. Mas Deus existe, com certeza, o Dia do Senhor não me deixaria mentir. Se tinha perdido feio aquele quilômetro de arrancada, tinha ganho, pelo menos, uma certeza, e da melhor qualidade. Se na caverna daquele dunga nem formiga respirava, também nem suspeita melaria as pontas da gravata-borboleta. Desta vez, o vivaldino do doutor Epaminondas podia zoar as maiores trovoadas no caixão que não tinha jeito maneira.

A Casa Comercial podia botar até buraco pelo ladrão que não seria por lá que entraria a rosca do cano do larápio. O defensor das cristianíssimas terras da Galiza lacrava até o oxigênio que respirava dentro dos malotes.

Virada a esquina do segundo corredor, novidades na frente noroeste, bem entre o ponteiro da bússola e o apagar das candeias. Duas placas de acrílico marrom anunciavam em letras cor de pérola, **DEPARTAMENTO DE CRÉDITO, CADASTRO E COBRANÇA, NÃO ENTRE SEM BATER**. Mas a quebra do padrão era só exterior. Gazuada a fechadura, o modelo interior seguia à risca a radiação visual, paredes pintadas com esmalte e polvilhadas de quadros, madeiras laqueadas e o chão coberto de tapetes. Só que não era uma sala comum, daquelas soletráveis, **s**, de superfície, **a**, de altura, **l**, de largura e **a**, de área de lazer. Era um bunker onde mourejavam todos os barnabés do departamento, vigiados pelas máquinas de calcular do senhor Souza.

O senhor Souza, se não era um doutor Epaminondas, também era uma figura. Trinta anos altos, magros e morenos, sem barba e sem bigode, fumando cigarrilhas. Pouquíssimo produzido em matéria de cabelo, alongava as melenas por cima das orelhas e fazia como o senhor Melquíades, chapava-as no platô da careca a peso de brilhantina. Mas era o caso do dente que caiu, se não tapar a boca com a mão ninguém nota, ou, como dizia meu velho pai, quem não tem cão não lhe dá de comer. Se o senhor Souza não pregasse aquele balaio na cabeça, ninguém olharia a careca.

O senhor Souza não tinha cortinas adamascadas nas janelas, montes de cinzeiros nas áreas horizontais e um retratão do Papa Pio XII parafusado na parede, como tinha o senhor Aparecido, ou três aparelhos de telex e quatro telefones, como tinha o senhor Mendes, ou diplomas de concursos literários, como tinha o senhor Pereira Mendes, ou cela de convento carmelita, como tinha o senhor Iglésias, mas, em compensação tinha uma mesa cacarequíssima. Dois telefones, três máquinas de calcular, uma máquina de escrever, dois cinzeiros de barro, três fichários, dois porta-lápis, pilhas de pastas e papéis, e um monte de listas telefônicas. Dos lados da cadeira, duas mesas menores entupiam-se com os relatórios dos computadores, e, na parede fronteira, pontificava um enorme relógio de carrilhão, que, se não soprava as estações do vivaldino, também zoava nos ouvidos de todo mundo um tique-taque mais fúnebre do que porta de cemitério.

– O senhor nem imagina o trabalho que isto dá. O Departamento de Crédito, Cadastro e Cobrança é o meio e o fim de

todas as operações negociadas pela Mercúrio. Aqui se pesquisam as propostas, aqui se fornecem os dados para a concessão dos créditos e aqui se cobram as contas em atraso. O Aparecido diz que é facílimo e só sabe é torrar o saco com aqueles boleros dele, o Mendes só se preocupa com as letras de câmbio e com a mesa de open, o Iglésias sacaneia todo mundo e eu não sei nem por que é que o doutor Epaminondas ainda não fechou a Casa Comercial, o único que não atravessa ninguém é o Pereira Mendes, mas eu é que me dano.

O senhor Souza não falava em times, como tinha falado o senhor Mendes, mas também era um atleta. Só o fôlego do parágrafo já dava uma idéia da capacidade do pulmão. E, atleta por atleta, como tudo era alongamento, resolvi adotar a mesma tática. Acendi um cigarro e mandei ver a quer-ver-só?

– Quem sabe um reforço ajudaria?

O senhor Souza acendeu uma cigarrilha e resolveu abrir o doutor Epaminondas no capítulo Melquíades, chama o Oliveira e o Laurelino aqui, no gabinete, puxando também uma tragada bichadíssima.

– O senhor quer dizer, o reforço seria o departamento de exportações?

– Exatamente.

Sabe o que é que acontece quando o jóquei já levanta o chicote, comemorando a vitória por um dente e o cavalo resolve encolher o pescoço? A resposta do senhor Souza não me deixou nem bisar a quer-ver-só?

– Sou contra.

Sem sequer se dar ao trabalho de botar um pontilhão no rego das minhas lágrimas, pegou a cara da execução das grandes dívidas e parafusou-a no balaio.

– E sou contra porque as áreas de atuação da Mercúrio estão ainda muito abaixo do seu potencial. Por exemplo, crédito direto ao consumidor. Não existe em Belo Horizonte uma financeira que se dedique exclusivamente a essa área, assim como não existe uma financeira que se dedique exclusivamente ao financiamento de automóveis. Eu sou a favor da especialização, quem se especializa diminui qualquer custo.

Que saudade dos bigodes retorcidos do senhor Pereira Mendes. Pelo menos, ele ganhava prêmios literários e via a banda passar. Puxei a mais revista e aumentada edição da cova-funda do doutor Epaminondas, mas só perdi tempo e pulmão, o senhor Souza nem ligou para o incêndio. Com a cigarrilha na mão e os olhos fixos no

visor da máquina, voou no maior number one dos dados calculáveis e, segundos depois aterrissou sorrindo, triunfante.

– Exatos 11,45. Nenhuma financeira detém mais do que 11,45% de cada área. E, por causa disso, os nossos custos estão altíssimos. No mínimo, 30% acima do normal.

Religou as turbinas do jatão e eu só vi a fumaça da minha chaminé ser engolida pelo vácuo. O senhor Souza planou uns minutos nas alturas e desceu, sempre sorrindo, triunfante.

– Para ser exato, 30,05.

Admiti a cara da maior compunção e o senhor Souza pareceu perdoar o meu pecado e reconhecer o mea-culpa, puxou duas tragadas conciliatórias e recostou-se na poltrona.

– Eu só trabalho com números. Os números são a única verdade que não pode ser desmentida. Dois e dois são quatro e não tem mais discussão.

Lembrei dos multiplicadores das estações do vivaldino e puxei também uma tragada das mais conciliatórias.

– O doutor Epaminondas também gosta muito de números.

– Sou sobrinho dele.

A minha sorte foi não ser São Tomé. Se não acreditasse sem ver, talvez nem saísse daquele bunker. O senhor Souza esmagou a cigarrilha no cinzeiro e deu uma espiada no carrilhão, metade dos funcionários tinha saído e a outra metade conversava. Provavelmente, só os incautos se atreviam a entrar no interior do maquinário e os peões aproveitaram o toque de visita.

– Esses agentes que o Aparecido inventou, por exemplo. A relação custo/benefício, computados todos os custos e os eventuais atrasos de pagamento, é zero.

Turbinou o jatão e montou, outra vez, na máquina de calcular. Dedo aqui, dedo ali, olho no visor, olho na tecla, e lá aterrissa o senhor Souza como sempre, sorrindo, triunfante.

– Para ser mais exato, não é zero, é 0,25. Por isso, eu sou contra essa novidade do departamento de exportações. Sou contra, como fui contra a implantação dos agentes.

Deixei passar o eu sou contra essa novidade, puxei a cerimônia dos batizados, em caso de dúvida o pai serve de padrinho, e esmaguei o cigarro no cinzeiro.

– Mas o senhor Aparecido...

A cara do senhor Souza fumegou mais do que o jatão dos dados calculáveis.

– O Aparecido. O Aparecido é o Aparecido. E se eu lhe disser que a maioria dos agentes dá prejuízo?

Pela primeira vez o senhor Souza usava um ponto de interrogação na conversa e o dedão do pé da minha orelha comichou. Não por alergia ao prejuízo que os agentes pudessem dar, o que eu queria era despejar o tanque da minha gasolina em cima da fogueira.

– Mas, se os agentes dão prejuízo...

Deixei a brasa esquentar e abri as torneiras.

– ... por que ainda continuam?

Na mosca. O senhor Souza pegou uma cigarrilha e acendeu-a no fogaréu da labareda.

– O que salva o Aparecido é o doutor Laurelino, que lhe dá cobertura. Mas eu sei coisas que eles nem sonham e já tenho alguns números. E quando tiver tudo na mão, o senhor vai ver quantas cabeças vão rolar. Tem pessoal aí, principalmente o Aparecido, que pensa que número é brincadeira. Mas não é, não. Onde entra matemática não entra furo, é tudo preto no branco.

Com a conversa transformada em tabuada 3 x 4, pude fumar tranqüilo, sem alcatroar os pulmões com tragadas especiais. O senhor Souza era bem sobrinho do fissura das estações do vivaldino. Naquelas máquinas de calcular até o *Carinhoso* virava carinhão, dez horas de duração mínima, sem direito a pausas e outras quejandices. Saímos às seis horas, o ponto repenicado nos sinos do carrilhão, 18:00 02 no alarm do meu Casio chrono. Descolado do platô da careca por tanta caçambada de dados calculáveis, o balaio do senhor Sousa parecia a quilha do Titanic, vista de lado, afundando no desespero. Mas valeu. Depois de tantas casas decimais nem os padres confessores da Central da Rua da Relação duvidariam mais da ciência matemática, como nunca tinham duvidado dos processos constitucionais do adolf doutor Francisco Campos e o heil doutor Filinto Müller. Como o Departamento de Crédito, Cadastro e Cobrança não lidava com dinheiro, só mesmo o camelo da Bíblia passaria pelo buraco das roscas do cano do larápio. Satisfeito com a conclusão, corri para a mesa eletromagnética da radiação da Luzinete. Como andaria o Dia do Senhor? Andava bem. A radiação ligou as fontes geradoras e chamou-me com um aceno de dois dedos, guardando os outros, certamente, para obras de maior vulto.

– Você sabe onde fica o Mister Beef?

– Mister Beef?

– Um restaurante.

– Eu me viro.

– Quer jantar no domingo?

– Que horas?

– Nove.

Adorei jogar aquele pingue-pongue sem bola e fiz as pazes com a federação dos sindicatos dos telegrafistas e similares. Uma raquetada a preceito, aquele nove, e lá se foi o fumê do mais cinzelado dos cinzeiros. Eu não entendia lhufas de casas decimais e outras matemáticas, mas uma coisa eu sabia, quem vivesse veria o Dia do Senhor.

Capítulo 9

O senhor Souza estava certo, número não é, realmente, brincadeira. É obra de doutorado e, mesmo assim, ainda sujeito a intenções pecaminosas. Dos 172.800 segundos cravados daquele fim de semana só gastei 11,44% fora do hotel, 3,81% num filme do Clint Eastwood e 7,63% no eletromagnetismo do jantar da radiação da Luzinete, mas foi suficiente. A intenção consumou-se e o pecado fez parte do contexto.

Se tem coisa que eu gosto é sujeito que faz bem feito. Não aprendi isto com o Clint Eastwood, aprendi com o *royal straight flush* do Hotel das Paineiras, mas os amigos do Clint, os Smith & Wesson, sempre me deram razão. Muito mais modesto e infinitamente mais pobre, eu não tenho amigos do calibre dos do Clint Eastwood, o meu compadre mais chegado é um velho Taurus 38, cano longo, mas que também não me deixa mentir. Afinal, o Brasil não tem o leão da Metro nem a Hollywood Detectives Corp., estendida no 1.009º andar do Showy Building, Hollywood Boulevard, LA, tem é um baita buraco de uma dívida impagável. Apenas social, diz o governo, gastando em Royal Salute de 500 anos o que os jecas do sertão e das favelas não gastam nem respirando; toda monetária, diz a oposição, dobrando o gasto do governo e a idade do scotch.

Não é trauma de ex, inveja, o escambau, nada disso, é gosto. Só gosto. Sempre foi. Eu gosto de filmes policiais. Pode ser até Sherlock Holmes, Hercule Poirot ou Zé das Couves, tem tiro, tem porrada, estou nessa. Agora, se só tem lero-lero, uma hora de conversa, mais outra de pensar e um finzinho de mordomo, babau, pode ser até do papa que ninguém me amarra na cadeira. Como dizia meu velho pai, gosto não se discute, prova-se. Saquei os 3,81% da conta do final de semana e mandei-me para o cinema Brasil, um cinemão perto do hotel. Desde sexta-feira que tinha visto *O Meu Nome é Coogan* escrito no letreiro dos anúncios e não ia perder uma boa do Clint. Sinceramente, não lavei a alma só com as porradas que ele deu naquele galetinho cristudo, lavei a alma foi com a burrice do delegas. Mal comparando, lembrou-me o chefia da 9ª DP nos meus tempos de

zê, o ultiminho da fila da folha de pagamento dos bicheiros. Mas é sempre assim, na hora do vamos ver, quem caga regra só sabe, mesmo, é cagar regra. Quem não sabe, caga de verdade e resolve o problema.

Voltei ao hotel com os dentes do fila pólo sul carimbados na bunda, mas nos trinques. Botei fogo na moela com um Ballantine's caprichado e jantei. Jantar papal, um entrecosto na chapa ao molho da mais completa incompatibilidade feminina, mas sem a menor paranóia ou autopiedade. Era véspera do Dia do Senhor e as colinas da terra da promissão já se avistavam a pouco mais de vinte e quatro horas de distância. Deixei o Ballantine's esmoer o entrecosto e subi para o apartamento como quem sobe para a cama da mulher do vizinho, mais satisfeito do que qualquer Epaminondas da vida mergulhando em estações de vivaldinos. Estava tão bem que nem me xinguei por não saber o telefone da radiação visual capaz de proporcionar choques eletromagnéticos num olho vivo como eu. Se soubesse, tinha até buzinado no maior panelaço municipal, Luzinete, eu te amo, eu te adoro, eu quero radiar. Como não sabia, liguei o aquecedor com mais dois Ballantine's bem medidos, meti-me na cama e só acordei no Dia do Senhor. Mas com uma frustração. Mesmo com aquele, Luzinete, eu te amo, eu te adoro, eu quero radiar, não sonhei. E gostaria de ter sonhado, pelo menos, teria compensado os pesadelos da outra noite. Mas fazer o quê? Como dizia meu velho pai, sonho e tesão nem padre, nem freira, conseguem controlar.

Acordei com o sol trincando nos vidros da janela, e turbinei outra vez o balaio calculador do senhor Souza. Exatos, exatos, faltavam ainda 27,08% daquele fim de semana para entrar no eletromagnetismo da radiação e tentar dar uma de surfista nas colinas arredondadas da terra prometida da Luzinete. Tranqüilo, a exatidão daquela casa decimal me deu a maior firmeza, tomei o café na cama e levantei. Nada de banho, o fila pólo sul continuava de plantão no corredor e os filhotes latiam no banheiro, soldei a armadura de couro por cima dos dois blusões de lã e enrolei-me num cobertor. Aí, mais besta do que o delegas do Coogan, banquei o ordenança do Rondon, abri a janela e explorei a beleza daquele sol. Foi apertar o gatilho e o tiro fez a queda, metade do nariz sumiu nos dentes da mulher do fila pólo sul e a outra metade virou gelo. Mais rápido do que deputado fatiando projeto de orçamento, passei o trinco nas portadas e catei os sobrados do nariz. Depois de muita água fervendo e espirros a condizer, botei as narinas no lugar e arrastei uma poltrona para junto da vidraça. Filtrada pelos vidros, até que a luz daquele sol valia a

pena. Deixei aquecer o couro da armadura e peguei um dos livros que o senhor Pereira Mendes me tinha dado. Como tinha ainda muitos por cento para gastar até à hora marcada no Dia do Senhor, a bola da vez foi o mais grosso, *Levantado do Chão*, do tal Saramago.

Acendi um cigarro e comecei, *O que mais há na terra, é paisagem*. Porra, legal. Realmente, mais vírgula, menos vírgula, o que mais há na terra é paisagem. E meti bronca, animado. Parei na página 70, já passava do meio-dia, exatamente na noite em que *perdeu Faustina a sua donzelia*, cavalgada a preceito por João Mau-Tempo, cavador de terra, filho mais velho de Domingos Mau-Tempo, sapateiro. Aqueles Mau-Tempo eram do cacete. Pena o velho Domingos se ter enforcado na página 50. Não sou bom de leitura, nunca fui, aquela retirada da Laguna e outras retiradas que me enfiaram nas goelas, no colégio, foi o tiro que mais matou. Aí, fechada a porta das maltraçadas letras, travei o revólver da leitura e rasguei o porte de arma, tiro por tiro, e viva a metralha dos amigos Smith & Wesson. Pelos menos, eles peidavam, xingavam e fodiam como eu. Mas aquele José Saramago entendia do riscado. Mesmo quando não falava como eu, falava a minha língua. Valeu o presente, Pereira Mendes amigo.

O endereço do Mister Beef foi fácil, a Recepção do hotel não servia só para dar recados depois de microfilmar a comparação dos originais com os retratos das carteiras. Fui a pé. Não era perto, mas cada distância se mede pela intenção que merece, e a intenção que me esperava no Mister Beef era da melhor qualidade. Só que não banquei mais o ordenança do Rondon, nada de explorações descuidadas. Acendi a fornalha com dois Ballantine's reforçados, protegi as costelas com os blusões de lã, soldei a armadura de couro no paletó e só depois soltei as velas. Deu gosto ver os pulos uivados do fila pólo sul, furioso por não poder meter os caninos na proteção da armadura.

Cheguei ao Mister Beef às 20:21 03, de acordo com os conformes do alarm do meu Casio chrono. O encontro era às nove, mas eu queria, primeiro, assuntar o terreno. Não que estivesse desconfiado de alguma cumbuca destapada, os dois últimos saques do pingue-pongue sem bola, que horas, nove, não deixavam a menor dúvida, o Dia do Senhor era sagrado. Entrei e dei uma olhada. Paredes escurecidas, pouca luz, gostei. Sentei na primeira mesa vaga, pedi o Ballantine's das cerimônias, aquele do dedal no fundo do copo com as três gotinhas da praxe escorridas do medidor, e acendi um cigarro. Nada melhor do que um cigarro para acompanhar as gotinhas das cerimônias. Às 20:49 32, o alarm do meu Casio chrono buzinou,

paguei o dedal e saí. Queria ver a rua iluminar-se à chegada da radiação eletrovisual.

A capacidade da Luzinete iluminou o Casio do meu alarm chrono às 21:15 00 metida numa calça preta, justa, num casaco de lã branca e num gorro vermelho. Deixei a luz sumir atrás da porta e entrei também. A radiação iluminava uma mesa lá no fundo, junto do estrado dos músicos.

– Pensei que não viesse.

– Eu?

Sentei-me, ainda encandeado e a sensação da Luzinete sorriu e olhou-me com a metade dos olhos que sobrava por baixo do gorro.

– E então?

– Não tem mais então. Tá tudo nos conformes.

Era uma bobagem como outra qualquer, mas servia, como outra qualquer bobagem também serviria para engatar a primeira marcha da noite. Engatada a marcha, o resto foi rolar bilhas em plano inclinado. Foi rolar bilhas, assim, de repente, um conjunto metido a Nashville do Curral das Éguas assaltou o estrado das colcheias e ensurdeceu todo mundo com uma saraivada de raios *country*. Sou visceralmente contra qualquer reserva, seja de mercado, seja de intenção, seja do que for, a minha passagem pela folha de pagamento dos bicheiros não me deixa mentir, mas, barulho por barulho, prefiro o grito da araponga, pelo menos, tem cheiro de saúva. E a radiação, felizmente, também rezava pelo meu terço. Na primeira respirada do conjunto, pegou a bolsa e levantou-se.

– Vamos?

Putérrimo com o Nashville do Curral das Éguas, sapateei na calçada, sem dar conta dos dentes do fila pólo sul cravados nas panturrilhas. Mas a radiação deu, e como deu. Passou um braço nas minhas costas, encostou o corpo no meu e fez sinal ao primeiro táxi da fila. Meu velho pai tinha razão, o mal nunca anda só, anda sempre bem acompanhado. Entramos no táxi e o eletromagnetismo da radiação logo turbinou as fontes geradoras.

– Trevo de Sabará.

Na segunda-feira aterrissei na Mercúrio como tinha aterrissado no aeroporto de Confins, na base da manivela. O Trevo de Sabará era um cerrado de motéis e a radiação invadiu o Cavalo Branco num trator e me passou a ferro em cada palmo quadrado da suíte. Mas, pelo menos, ganhei mais duas certezas da melhor qualificação e excelência. Primeira, era o eletromagnetismo da Luzinete que chacoalhava o

esqueleto do doutor Epaminondas. Segunda, a radiação também tinha adorado aquela noite.

Capítulo 10

Passei a segunda-feira mais concentrado do que preparador físico do São Cristóvão em véspera de dispensa de jogadores. Além de tentar arrumar um prumo para a bambeza das pernas e disfarçar as covas das olheiras, também precisava pensar nos dados que já tinha. Afinal, já era hora de começar a fazer jus ao pagamento.

Com dois cafés reforçados a ovo, mel e chocolate, e chapadas e mais chapadas de água fria no encovado dos olhos, achei que poderia atribuir o que sobrara da bambeza e das olheiras a um desarranjo intestinal ou a qualquer desequilíbrio semelhante. Depois daquela bandeirada do doutor Epaminondas, tá vendo, Melquíades, tá vendo só, o nosso amigo não pode negar que é carioca, ainda nem começou e já, ó, quem, na Mercúrio, iria imaginar que alguém se atreveria a esmagar a menor ponta de cigarro no fumê cinzelado do cinzeiro da sensação visual e ligaria a ponta do restaurante com a ponta do motel? Só um desafeto declarado do peagadê em prolegômenos, e, a ver pelo silêncio beneditino com que eram escutadas as estações do vivaldino, todos eram fãs de carteirinha do pára com isso, eu não quero nem saber. E foi na mosca. Digeridos os dois cafés reforçados a ovo, mel e chocolate, e secas as chapadas de água fria no encovado dos olhos, ninguém me deu nenhum conselho, nem receitou nenhum chá.

Tirar algumas conclusões dos dados que já tinha. Preceito curto, concludente e sem redondos, digno de figurar na plataforma de promessas de qualquer candidato. O problema era, mas que dados eu tinha? Que o senhor Melquíades nem sonhava que tinha sido embrulhado para presente naquele Mercedes vermelho, tinindo de novo, atado com o laço do cebolão de ouro do tamanho da medalha-mor das Olimpíadas, que o doutor Epaminondas sabia muito mais o que queria com aquelas oito horas gravadas das estações do vivaldino do que o próprio vivaldino, que o doutor Oliveira chutava com os dois pés mas prestava muito mais atenção à bola do que ao pulo do goleiro, que o doutor Laurelino rezava credos e padres-nossos ao retratão do papa Pio XII mas guiava-se pela luz que saía pelas frestas do boudoir da velha Madame Francine, que o senhor Mendes gostava de curtir

azia apesar das toneladas de Pepsamar que engolia, que o senhor Pereira Mendes bancava o avestruz para que ninguém o mandasse escrever livros na tal de Serra do Gerês, que o senhor Aparecido cantava boleros para encobrir outras afinações, que o senhor Iglésias dungava todo mundo mas defendia com unhas e dentes as suas cristianíssimas terras da Galiza, que o senhor Souza, embora não parecendo, calculava o parentesco com o doutor Epaminondas até à milésima casa decimal e que era a radiação eletromagnética da Luzinete que chacoalhava o esqueleto do doutor Epaminondas na prancha dos mergulhos?

Meu velho pai tinha razão, quem quer, vai, quem não quer, não vai. Se as epístolas de São Canguçu aos tamiceiros, transcritas nas quinhentas e quarenta e oito páginas datilografadas e milimetricamente marginadas, frente e verso, nas duzentas e setenta e quatro folhas ofício que compunham as **Normas Para Concessão de Crédito e Outros Atributos**, no capítulo dos *Conceitos Estruturais* do *Livro I*, me diziam o que era um Agente da Mercúrio, as máquinas de calcular do senhor Souza afirmavam que a maioria dava prejuízo, e um simples telefonema para a, boa-noite, Mercúrio Bahia, às suas ordens, também me tinha dito que há muito mais distância entre a leitura e o cumprimento das normas do que a minha vã filosofia poderia ter imaginado, então alguma coisa batia pino no motor do boudoir. Se tudo, na Mercúrio, funcionasse como mandavam as epístolas e os outros atributos, eu não precisaria ter sido contratado. A não ser que não houvesse nenhuma rosca no cano do larápio e o buraco fosse mais embaixo. Ou seja, a não ser que o único bobo fosse eu, mesmo ganhando uma grana preta para só fazer de conta. E foi aí que o dedão do pé da minha orelha levantou, se eu queria ganhar o melhor bônus do doutor Epaminondas tinha que dançar no melhoríssimo som das estações do vivaldino.

Partindo do melhor bônus, foi fácil, foi só aplicar o segundo enunciado da ***Lei siamesa de bem cavalgar qualquer hipótese***: *assim como nenhum cidadão é igual perante a lei, também nenhuma empresa admite que os seus controles são furados* e pronto. Mas foi aí que o dedão do pé da minha orelha voltou a levantar e falou ao dedão do pé do meu ouvido, ou eu arrumava um esquema que me levasse à cova do Daniel sem os leões desconfiarem, ou botava pó-de-mico na farofa e soprava as velinhas do bolo. Ou seja, ou o rato comia o queijo ou o queijo era comido pelo rato. Como dizia meu velho pai, se Maomé não vai à montanha, a montanha não vê Maomé.

O senhor Melquíades, como sempre, lia o jornal, um cigarro fumegando no cinzeiro e as antenas ligadas no tabaqueiro. Ao menor sinal de decibel, torneira de escoamento em prontidão e vamos à cornetada. Passei a manhã e a tarde treinando chutes a balde com a corneta fazendo de baliza e o breviário aberto na primeira epístola de São Canguçu aos tamiceiros. Mas com as quinhentas e quarenta e oito páginas reduzidas a pó de peido pelo, boa-noite, Mercúrio Bahia, às suas ordens, nem a radiação da Luzinete poderia iluminar-me.

Cansado de chutar baldes em vão, no meio da tarde apareceram os primeiros sintomas do esforço, a bexiga, cansada de esperar, ameaçou romper os diques e mandar os baldes às urtigas. Entre os diques rompidos e as urtigas nos baldes, a opção era óbvia. Primeiro corredor à direita e segunda porta idem, e hasteie-se a bandeira do alívio. Na frente do espelho, alisando os potes da brilhantina, o senhor Aparecido cantarolava mais um besame. Deu uma paradinha na segunda vírgula e piscou.

– Como é? Vamos ou não vamos exportar?

– Vamos. Claro que vamos.

Também não é trauma de infância, vergonha, o escambau, nada disso, é facilidade. Só facilidade. Sempre foi. Eu mijo muito melhor quando não tem ninguém olhando a minha necessidade. Entrei no boxe e o senhor Aparecido continuou *besando mucho.* Desfraldei a bandeira aliviante, e, pouco depois, a terceira vírgula bateu a porta e sumiu no corredor. Sumiu no corredor, assim, dobrou a esquina e parou na saleta da radiação. Foi a vez de fazer a minha parte. Acendi um cigarro e lá fui eu, daqui não saio, daqui ninguém me tira.

– A minha passagem já chegou, Luzinete?

– Já tá comigo.

– A de sempre?

– Quarta-feira, às 8:45.

– Jóia.

O *besame, besame mucho* rolou no corredor e eu fiquei na sensação, mas não foi curiosidade, foi eureka, um eurekão. Se o domador de solfejos ia viajar, quem sabe me guiaria à cova de qualquer Daniel, sem que os leões me devorassem? Olhei a radiação na cara da Luzinete, fresca, sem uma ruga, sem o menor resquício da capinagem e fui obrigado a reconhecer que meu velho pai sabia das coisas, quem dirige trator não amarrota, só sente os solavancos.

– O senhor Aparecido vai viajar?

A radiação turbinou as fontes geradoras e fuzilou o eletromagnetismo sem dó.

– Vai pra Governador Valadares. Toda semana vai pra lá. Diz que vai inspecionar os agentes, mas eu sei muito bem o quê que ele vai fazer.

– E o quê que ele vai fazer, hem?

No Cavalo Branco, numa das paragens para trocar os pneus, o trator da Luzinete capinou bem o nosso caminho semanal. A partir daquela noite, sim, senhor, não, senhor, pode deixar, eu digo a ele, e nada de almoços ou jantares. A sensação navegava no primeiro semestre de Direito na Faculdade Milton Campos e o doutor Epaminondas também usava a prancha dos mergulhos de segunda a sexta-feira, ok? Ok. Aí, o telefone branco tocou e a resposta entrou no vácuo do vamos aos nossos comerciais.

– O doutor Epaminondas quer falar com você.

Soprei a quer-ver-só? no primeiro quadro da série assinada *A. Firu/78*, esmaguei o cigarro no fumê cinzelado do cinzeiro e esquiei nos tapetes. Duas pancadinhas na porta, uma voz abafada disse, entre, e lá estou eu no nevoeiro do outono.

– Sente-se, senhor Eduardo.

Sentei-me na poltrona mais protegida, o doutor Epaminondas acendeu um cigarro e pegou uma cova-funda de saída.

– Parabéns. Saiba que o seu trabalho já está dando resultados.

Mantive o silêncio solene das circunstâncias promissoras e o doutor Epaminondas engoliu a outra metade do cigarro.

– Hoje de manhã, o Laurelino esteve aqui. Diz que o pessoal dele já está desconfiado, mas eu achei ótimo. É ótimo que o pessoal desconfie. Assim, todo mundo sente que alguma coisa está mudando, o senhor não concorda comigo?

Não entendi o significado mais uterino daquele todo mundo sente que alguma coisa está mudando, mas concordei. Concordar é fácil, basta acenar com a cabeça. E, além de fácil, também incrementa futuras utilidades. É concordando com eles que os clientes se sentem satisfeitos. Se até numa quitanda ou numa padaria o cliente deve ter sempre razão, por que é que no meu estaminé seria diferente? Não é a satisfação dos meus clientes que paga as minhas contas, ô, Firu/78?

– O senhor não concorda comigo?

– Perfeitamente, doutor Epaminondas.

– Ótimo. Ótimo.

O vivaldino já há muito trovejava nos sopros do outono, e como o doutor Epaminondas não podia apontar o aparelho de som e cortar o meu barato com um, ó, agora é *O Outono*, aproveitei.

– Doutor Epaminondas, eu preciso de um favor do senhor.

– Sim.

– Preciso viajar alguns dias.

– Negócios?

– Exatamente.

– Quando o senhor quer viajar?

– Quarta-feira de manhã.

Falar de negócios é como falar de Deus. Além de não custar nada e sempre aventar lucros futuros, quanto menos detalhes se dão mais se aguça a vontade. O doutor Epaminondas nem titubeou, piscou um olho cúmplice, pegou o telefone vermelho e apertou o botão específico das comunicações pessoais. Agora, eu entendia para que é que servia aquele telefone branco que a radiação tinha na mesa.

– Luzinete, faz uma reserva pro Rio, pro senhor Eduardo. Quarta-feira de manhã. Isso, ida e volta. A volta...

– A volta em aberto, doutor Epaminondas.

– A volta em aberto.

Eu não tinha pensado no Rio de Janeiro, só tinha pensado na melhor forma de enquadrar as despesas, mas já que o doutor Epaminondas pensou por mim, bendito seja o vosso ventre e a poupança de neurônios. Satisfeito com a cumplicidade só nós dois, o doutor Epaminondas colocou o telefone no gancho e recostou-se na cadeira.

– As despesas, o senhor acerta na volta. Convém-lhe assim?

Aquele convém-lhe assim fez-me engolir o sorriso e quatro dentes. Uma coisa é falar de Deus, outra é botar dinheiro no bueiro. Se o doutor Epaminondas pagava despesas tão a seco, então, dentro daquelas paredes forradas com seda e cobertas de molduras maiores do que os quadros, madeiras laqueadas a dourado, cortinas adamascadas e tapetes mais grossos do que pneu de caminhão, realmente, alguma coisa a velha Madame Francine fritava nos miolos. Mas não pissiquei por causa disso. Como dizia meu velho pai, cliente é quem paga, não quem compra.

– Perfeito, doutor Epaminondas.

Passei pela saleta da radiação só para dar uma espiada no telefone branco. Mesma marca, mesmo feitio, mesmo tudo, mesmo doutor Epaminondas, amém.

– Quê que você vai fazer no Rio?

– Resolver um negócio.

– Eu sei.

Sorri, não pelo suspiro das fontes geradoras, que a radiação desligou com aquele eu sei, mas pela satisfação que o doutor Oliveira

pregaria no quadro de avisos aos navegantes, quando soubesse que eu já queria voltar para o Rio de Janeiro. Se as quinhentas e quarenta e oito páginas das epístolas de São Canguçu aos tamiceiros se resumiam aos três versículos do boa-noite, Mercúrio Bahia, às suas ordens, comprovante de renda, atualizado, comprovante de residência e documento de identidade, o breviário do doutor Oliveira, mais bíblico, rezava dois versículos em quatro afirmações e sete vôos. O problema do executivo carioca em Belo Horizonte, senhor Eduardo, não é o trabalho, é a falta da praia. Chega o fim da primeira semana, sai no último vôo de sexta e volta no último vôo de domingo, chega o fim da segunda semana, sai no vôo do meio-dia de sexta e volta no primeiro vôo de segunda, chega o fim da terceira semana, sai no primeiro vôo de sexta e volta no último vôo de segunda, chega o fim da quarta semana, sai na quinta à noite e não volta nunca mais. Só que o doutor Oliveira tinha esquecido dois detalhes importantíssimos para quem usa um avião como caixa de surpresas. Os vôos raramente saem na hora certa e eu não era executivo, apenas jogava a merda nos ventiladores e deixava o marfim rolar pelas privadas. Encouraçado nestes considerandos, passei uma esponja no suspiro das fontes geradoras e peguei o meu melhor sorriso das convincências sem réplica.

– No domingo, o nosso negócio tá de pé, viu?

Capítulo 11

Valadares, placa de prefeitura, eu conhecia três. Uma Rua Governador na Cidade Jardim Cabuçu, lá nos cafundós da Baixada Fluminense, uma Rua e uma Travessa Professor, no Grajaú, no Rio de Janeiro, e fim, Valadares, cidade, era estação de vivaldino, nem sabia que existia, onde ficava, se era perto ou se era longe, nada. E, o mais importante ainda, o que menos queria e o que menos precisava era despertar suspeitas nos *besame* do senhor Aparecido, quando nos encontrássemos no aeroporto. Por mais desafinado que fosse o gogó dele, o senhor Aparecido não engoliria o dinossáurico mas que coincidência a gente se encontrar logo aqui, hem? Eu não engoliria. Como muito bem dizia meu velho pai, coincidência é como mulher do vizinho, só coincide quando quer. Aí, já viu, foi correr e catar o que pudesse encontrar.

O *Almanaque Abril* me disse que Governador Valadares estava entre os cem municípios mais populosos do Brasil, mas não pertencia ao círculo fechado dos que tinham mais de 250.000 habitantes, nem era considerado município de segurança nacional. Não era nada, não era nada, já era uma tranqüilidade. Pelo menos, não trombaria com 250.000 barbudões em cada esquina, e, mesmo que quisesse, não poderia ser preso por disparar qualquer dispositivo dos alarmes da segurança. Até aqui perfeito, mas só em termos de tese de doutorado da General Idea University, Brasília, DF.

Tranqüilo quanto à tese das trombadas e do silêncio dos alarmes, corri atrás de mais. O *Guia Quatro Rodas* me disse que Governador Valadares ficava a 324 quilômetros de Belo Horizonte, tinha um bom comércio de pedras semipreciosas e um excelente vôo livre no Pico do Ibituruna. Ainda era a vírgula das casas decimais, mas já dava para não ficar no gargarejo. Com alguns assobios caprichados, quem sabe, pelo menos, as pedras semipreciosas poderiam acompanhar o *besame* do senhor Aparecido num tom adequado?

Mudei a reserva para o Rio de quarta para quinta-feira e comprei a passagem para Governador Valadares. Apesar do meu

melhor sorriso e cumprimento, o susto do senhor Aparecido foi tão grande, que até o *besame* engoliu todos os *muchos*.

– O senhor também vai a Governador Valadares? Ouvi dizer que ia ao Rio.

Fazer o quê? Trocar a bolerada por samba ou dar uma de aprendiz de feiticeiro? Mas de jeito maneira, pedir conselho não custa nada e quem dá ainda fica agradecido.

– Vou ao Rio. Mas resolvi aproveitar e passar em Governador Valadares para dar uma olhada no negócio das pedras. O senhor, que tem experiência, não acha que poderia ser um bom começo?

Na mosca. Aquele o senhor, que tem experiência, pesou tanto que o senhor Aparecido mudou até o rumo e pegou de *tu me acostumbraste*. Levamos uma hora para chegar a Governador Valadares, meia de *tu me acostumbraste* e meia de *besame, besame mucho*. Aproveitei os dois embalos, do vôo e dos boleros, para pensar num esquema que me permitisse pegar o endereço do agente sem que o *besame* do senhor Aparecido engolisse mais *muchos*, como tinha feito no aeroporto da Pampulha. No ponto de táxi, o senhor Aparecido estendeu a mão, sorrindo, naquela de agora, malandro, cada um por si e Deus por ninguém, sacou?

– Bom...

Saquei e mandei a primeira raquetada, o carão das grandes inocências fivelado nas bochechas e o tom da voz adequado à circunstância.

– Eu não sei o tempo que vou demorar nos pedristas, mas talvez ainda dê pra um almoço, quem sabe?

Como dizia meu velho pai e dizia mais do que bem, quando a consciência pesa demais solta a taramela da língua. O senhor Aparecido entrou numa de mea-culpa e deu até o dobro do pedido, endereço do agente e endereço do hotel.

– Quem sabe o senhor até dorme por aí?

Eu não sabia, o senhor Aparecido também não, e assim nos despedimos. O senhor Aparecido dizendo que ia trabalhar e eu dizendo que também ia trabalhar. Como nunca se deve tirar mais leite do que a vaca pode dar, e isto eu aprendi com o velho Abílio Quitandeiro, meu falecido tio e padrinho, deixei o senhor Aparecido pegar o primeiro táxi, peguei o segundo e pedi ao motorista que me levasse no melhor pedrista da cidade. Se queria muralhar a cidadela do meu álibi, tinha que saber mais sobre pedras do que o *Guia Quatro Rodas*. Mas foi fácil, facílimo. Com três marechais e alguns barões de

contrapeso segurei o suficiente para acompanhar o mais *acostumbrado* bolero do senhor Aparecido.

Mais satisfeito do que goleiro do Olaria em Maracanã de zero a zero, saí do pedrista e fui para o hotel. Agora, meu caro *besame*, já que *tu me acostumbraste*, vamos direto aos finalmente. O senhor Aparecido já tinha saído, sim, senhor. Paguei uma diária, guardei a maleta na recepção e mostrei o endereço do agente. Era a segunda rua à esquerda, sim, senhor. Fui a pé. Fui a pé, mas assim, um filão pólo sul cravando os dentes nas minhas panturrilhas e eu batendo castanholas. O senhor Aparecido tinha-me dito que Governador Valadares era um forno, forno era eu naquele gelo frigidaire.

Governador Valadares não foi um caso de amor à primeira vista como foi Belo Horizonte. Não teve nenhum erro. De saída, deu para ver que o agente era mulher e, além de mulher, um mulherão. Dona Paulina, uns trinta anos morenos, os dedos da mão esquerda avisando que não havia serviço militar obrigatório em tálamos conjugais e os botões da blusa e do casaco de couro mais repuxados do que costura de balão tailandês. Realmente, o senhor Aparecido sabia escolher os agentes. Se tamanho de curva fosse receita, Governador Valadares seria a maior fonte de lucro da Mercúrio. Acendi um cigarro e mandei ver a mais perfeita veja-só, mesmo sem ver, o resultado era visível, mas dona Paulina nem sentiu o cheiro da queimada. Com o senhor Aparecido ocupando mesa e cadeira, ondeava mais do que foz do Amazonas em dia de pororoca.

– Agora, eu quero que o senhor veja esta proposta. É de um dos nossos maiores fazendeiros, coronel Romeu Cerqueira.

Abriu uma pasta em cima da mesa e meteu o dedo num dos números. Escorreguei a mirada pela ladeira das falanges e quase engoli o cigarro com a batelada dos dígitos, 200.000.000,00, mas o senhor Aparecido nem piscou. Terminou, calmamente, o *mucho* do último *besame*, como se quarenta mil marechais fossem quarenta mil recos, deu aquela espreguiçada e levantou-se.

– Vamos almoçar. Depois do almoço a gente vê.

Quarenta mil marechais era pista para nenhum Humphrey Bogart botar defeito e eu precisava era botar a lupa em cima deles. Pequinês bem treinado, abanei o rabo, cabriolei pelo chão, segui atrás do dono e o senhor Aparecido engoliu o caninismo. Além de pagar o almoço, trouxe-me de volta ao escritório.

– O senhor vai ver como é que funciona o esquema que o Souza diz que dá prejuízo. Um negócio de mais de cem mil dólares nunca dá prejuízo, meu caríssimo.

Gostei do meu caríssimo, mas foi duríssimo agüentar as vistas das sete quedas de dona Paulina, rebentando os botões da blusa e as costuras do casaco. Numa de adolf tupiniquim, daquelas do sabe com quem está falando, aplainei todas as quedas, tirei os olhos dos tobogãs, fixei-os na papelada e, na maior concentração, passei a tarde acompanhando no tom mais adequado o bilionésimo, *besame*, *besame mucho*, do senhor Aparecido. Grampeado o número da proposta e o nome do coronel, mandei o caninismo do pequinês às urtigas, que o dia estava ganho. Se o cano do larápio quisesse regar a sementeira, aquela era uma rosca que nem Deus recusaria. Mesmo com o pobre do cruzeirinho inflacionado a mais de 200%, a nota era pretíssima. Agora, era esperar e ver em que tom o *besame* do senhor Aparecido tocaria os nove dígitos. O alarm do meu Casio chrono disparou às 18:00 00 cravadas e o senhor Aparecido fez a pergunta mais importante da rodada.

– O cliente volta quando?

– Amanhã, às dez horas. Vem trazer os comprovantes do seguro.

O senhor Aparecido bisou o gesto pré-almoço, terminou, calmamente, o *mucho* do último *besame*, deu aquela espreguiçada e levantou-se. Os tobogãs de dona Paulina corresponderam e saímos. Na calçada, o senhor Aparecido parou e foi o técnico do Flamengo que bateu nas costas do técnico do São Cristóvão.

– E as pedras? Terminou tudo? Eu já senti que tenho que ficar aqui até amanhã, no mínimo.

Mas o técnico do São Cristóvão também já tinha treinado o Flamengo e conhecia todos os vestiários do velho Maracanã.

– Dependendo, amanhã eu também resolvo tudo. Ainda tenho que ver umas coisas hoje.

Se aquele diz que vai inspecionar os agentes, mas eu sei muito bem o quê que ele vai fazer, que a radiação da Luzinete tinha cuspido no tapete foi a minha estrada de Damasco, o meu ainda tenho que ver umas coisas hoje, deve ter soado nos ouvidos do senhor Aparecido como o melhor *mucho* do pedaço. Não era nada, não era nada, era o dois melhor de um, o senhor Aparecido ficava com a noite livre e os tobogãs sem botões repuxados, e eu também poderia aparecer no escritório, no dia seguinte, com a cara mais lavada e barba mais bem feita. O senhor Aparecido olhou-me, boquiaberto, ainda duvidando do tamanho do solfejo.

– Quer dizer que logo mais, então...

– Ainda tenho que me encontrar com o pedrista e não sei nem a que horas acabarei.

O espanto do senhor Aparecido era normal, tudo bem, e eu pagaria o preço da retirada com a maior satisfação, mas o olhar de dona Paulina chispou pela cana do nariz e furou a menina do meu olho. Aviso aos navegantes ou navegantes avisados? Das duas, uma, meu caríssimo, ou o recheio daqueles tobogãs não tinha nada a ver com silicone ou só tinha silicone. Como dizia meu velho pai, jogar no campo adversário sem conhecer os buracos do capim, ou quebra perna ou a torcida quebra tudo.

– É uma pena, Governador Valadares tem uma vida noturna muito interessante.

– Fica pra outra hora, dona Paulina. Hoje já combinei com o pedrista.

Jantei no boteco da primeira esquina, fui para o hotel e deitei. Com o fila pólo sul picando gelo na calçada, só subindo num bom tobogã a porta da frigidaire fecharia. Mas eu não tinha nem coragem de procurar o parque de diversões. À falta do velho Ballantine’s mandei ver dois Teacher’s carga dupla e peguei o *Levantado do Chão*. Aquele Saramago entendia do riscado. Parei no começo da página 87, no *Está feito o casamento de João Mau-Tempo e Faustina*, que tinha perdido a sua donzelia no fim da página 70. Aqueles Mau-Tempo continuavam do cacete e me fizeram dormir na santa paz. Se o senhor Aparecido descobrisse que eu não tinha saído do hotel, dane-se o *besame*, não tinha encontrado o pedrista e fim. Mas o senhor Aparecido não iria perguntar. Depois de uma noite sobe-e-desce naqueles tobogãs ficaria que nem eu fiquei no Trevo de Sabará, mais passado a ferro do que colarinho de padre em dia de missa cantada.

Acordei sem pressa, mandei ver um café bem reforçado e armadura soldada no paletó, enfrentei o fila pólo sul. O coronel Romeu Cerqueira nem me olhou, quando entrei no armazém dos tobogãs. Entregou os papéis, cumprimentou um seco até mais ver, e saiu. Os mistérios da Natureza são foda. Se do lado do vento o buraco é sempre mais em cima, do outro lado é sempre mais embaixo. Dona Paulina levitando, fresca, sem uma ruga, sem o menor resquício do sobe-e-desce, e o senhor Aparecido desmilingüido, esparramado na cadeira, sem goela nem para um *muchinho* bichado. Realmente, os mistérios da Natureza são foda mesmo, meu caríssimo.

– Conseguiu tudo?

Não foi o *besame*, foram os tobogãs que pagaram as sílabas da conversa.

– Mais ou menos, dona Paulina. Logo mais volto a Belo Horizonte e, depois, vou ao Rio, fazer alguns contatos.

– Meus parabéns.

Não gostei dos parabéns, mas também não gostava de *embeurrée d’escargots* e sempre que a merda melequenta daqueles caracóis pintava no meu prato eu engolia. Fazer o quê? Mandar os parabéns à puta que os pariu ou acompanhar o bocejo do senhor Aparecido? Sem opção. Almoçamos no mesmo restaurante e, a ver pela desmilingüição do cabelo quase-quase, nem um trator levaria o senhor Aparecido ao aeroporto naquele fim de semana.

Terminado o almoço, despedi-me e fui para o hotel. O vôo de volta a Belo Horizonte era às 16:10, ainda a tempo de pegar outro para o Rio de Janeiro. Confirmei a reserva e avisei que tiraria a passagem no próprio aeroporto. Não tinha nada que fazer no Rio, mas só poderia ser reembolsado se apresentasse a passagem junto com o vaucher. Só que ainda tinha mais mosca no vinagre. Se a radiação desconfiasse da mentira a Luzinete me fritaria. E foi até bom haver mais moscas no vinagre. Dei um chego no apartamento, respirei um pouco de maresia no capricho de gasolina batizada e peguei a primeira mina que encontrei à venda no calçadão da Avenida Atlântica. Inventei despesas suficientes para cobrir o custo da passagem para Governador Valadares e voltei a Belo Horizonte na sexta-feira à tarde, regenerado.

Regenerado, assim, meio preocupado que alguém soubesse da minha ida a Governador Valadares. Para seguir o rasto da proposta do coronel Romeu Cerqueira sem levantar nenhuma lebre nas máquinas de calcular do senhor Souza, ninguém podia sequer sonhar que eu tinha admirado as sete quedas dos tobogãs de dona Paulina. O senhor Aparecido sabia. Mas o senhor Aparecido não tinha o menor interesse em me ver soprar o lamiré da fiscalização que ele fazia em Governador Valadares. Como dizia meu velho pai, se não for atleta, mais vale correr atrás do que na frente.

Capítulo 12

Esperei que o chrono do meu Casio alarm cravasse 17:59 00, e telefonei para o eletromagnetismo da radiação da Luzinete como se ainda estivesse no Rio de Janeiro. Eu sabia que a prancha dos mergulhos do doutor Epaminondas desligava as fontes geradoras às seis horas em ponto por obra e graça da faculdade e, num minuto, no máximo dois, não havia considerandos para muitos quês e por quês.

– Tou no aeroporto.

– Vai passar o fim de semana aí?

– Claro que não.

– Eu aviso o doutor Epaminondas, pode deixar.

– Obrigado.

Por mais vigiado que andasse o fumê cinzelado do cinzeiro, nem a lupa do Sherlock descobriria cinza de charuto na conversa. Cumprida a obrigação, mergulhei na devoção. Lavadas as amígdalas com um bem medido Ballantine's, prensei o paletó com a armadura de couro e saí para jantar. Normalmente, quando se pensa num jantar fora de portas, começa o vamos neste, vamos naquele, em qual você quer ir, e a canseira chega antes da saída. Não foi o caso, não tinha vamos, só tinha vou, e também não tinha grandes opções. Além do restaurante do hotel e do que servia os almoços papais, o único manja que eu conhecia era a tal de Casa dos Contos.

Cheguei cedo. Quem sabe o senhor Pereira Mendes aparecia também e se convidavam os Mau-Tempo para jantar? Já estava no meio da página 191, no *o que António Mau-Tempo,* filho do João Mau-Tempo, casado no começo da página 87, *estiver a aprender, não será ele sozinho,* e continuava com a mesma opinião, aqueles Mau-Tempo eram do cacete. Cacetões. Escolhi uma mesa no fundo da varanda, mandei um Ballantine's no capricho e o fila pólo sul, à vista da santa cruz, foi picar gelo em outro frigorífico. Depois, pedi o jantar, jantei e fiquei assuntando. O senhor Pereira Mendes estava certo. Na varanda a gente via quem entrava e quem saía, e tinha sempre gente entrando e saindo, mas também parava por aí. Como dizia meu velho pai, quem não é amigo do rei nunca dá as caras à rainha.

Com o meu Casio alarm chrono disputando corrida de tartaruga contra o tempo, as mesas foram lotando como igreja em dia de missa de finados, devagar, parando mesmo. Mas o que é do home o bicho não come, já lá dizia o velho Abílio Quitandeiro, meu falecido tio e padrinho, em dia de torcer pelo glorioso Vasco da Gama. Depois da terceira rodada, na mesa ao lado da minha, sentaram duas minas. Minas, assim, figuras da melhor estampa e sorriso, uma ruiva, outra loura, nenhuma dona Paulina rebentando os botões da blusa e do casaco, mas nada que não fizesse um ermitão pensar duas vezes. A loura pediu chope e a ruiva engoliu dois Old Eight seguidos. Gostei da cor de cobre do cabelo e das sardas, mas lamentei o Old Eight. Old Eight devia ser o uísque do senhor Aparecido, quem engole boleros não sopra gaita de foles. Liguei as fontes geradoras com outro Ballantine's no capricho e acendi um cigarro. Como dizia meu velho pai, quem tem tempo gasta tempo, e tempo eu tinha de sobra, até o próximo Dia do Senhor o mundo ainda daria duas voltas.

Quando o garçom chorou o Ballantine's no meu copo, a ruiva deu uma espiada na garrafa e olhou-me. Tentei um sorriso, mas foi sorrir no espelho do espelho. Mas, mesmo assim, gostei. Com as sardas mordendo o nariz e o pescoço, e aquele jeitinho de pardal, parecia uma menina. Puxei a mais profunda quer-ver-só?, o meu nariz subiu junto com o fumo e, se não deu tudo certo, pelo menos, metade foi nos trinques. A louraça olhou-me como se eu fosse cocô de percevejo, mas a ruivinha sorriu. E ficamos assim, silêncio de lá e de cá, o meu nariz fumegando, a Lana Turner dos pobres matando percevejo no murro e a ruivinha olhando dentro do meu copo. Dois Old Eight depois acendeu um cigarro e o DDT de percevejo olhou o relógio e levantou-se.

– Eu já vou, Manuela.

Manuela, da tal de Serra do Gerês ou sementeira de quinta geração? O meu Ballantine's não respondeu, as sardas da ruivinha também não e o DDT pediu a conta.

– Não vem, não? Eu tou indo.

Flitou algumas notas em cima da mesa e atravessou a varanda como se marchasse na Galeria Alaska e entrasse no Moustache, e a sapatada toda se levantasse e aplaudisse o general. O garçom soprou o DDT e embolsou as notas, e as sardas da Manuela continuaram imóveis, olhando a parede e o cigarro ardendo entre os dedos. Quando a brasa queimou a pele o cigarro caiu na mesa, mas o jeitinho de pardal não mexeu. Levantei-me, esmaguei o cigarro no cinzeiro e puxei uma cadeira.

– Posso?

Nem resposta, nem mexida, nada. Achei-me um idiota, muito para lá dos conformes de babaca, mas sentei. E ficamos assim, Manuela do mesmo jeito e eu olhando para ela, cada vez mais idiota. Era um rosto bonito, bonito mas cansado, muito cansado e muito triste, e mexeu nos meus prumos. Sem tirar os olhos da parede, Manuela pegou o maço de cigarros e tirou um. Puxei o isqueiro, mas ela desviou o cigarro e não me deixou acendê-lo.

– Tou ruim.

– Eu levo você em casa.

– Eu não quero ir pra casa.

– Ok. Em que rua você mora?

– Rua Universo.

– Fica onde?

– Santa Lúcia.

Jogou o cigarro no chão e olhou-me, mas olhou-me sem me ver.

– Eu não quero ir pra casa. Tou ruim.

Chamei o garçom, paguei a conta dela e a minha, e levantei-a.

– Vamos. Você tem carro?

Manuela balançou a cabeça e apontou um Voyage branco, do outro lado da rua. Saímos e ela encostou-se na parede.

– Quer vomitar?

– Não, só tou ruim.

Sentei-a no carro, tranquei as portas e voltei. Chamei um garçom e perguntei onde ficava Santa Lúcia. Ele apontou a rua, subindo.

– É só subir aí pela BR e, numa curva que tem um posto, entra à direita. Aí, é Santa Lúcia. Que rua é?

– Universo.

– Essa, eu não conheço, não. Mas não tem erro. É só subir a BR e...

Agradeci e voltei ao carro. Manuela tinha os olhos fechados e a cabeça estava caída sobre o peito, um fio de baba escorrendo pelo queixo. Subi a rua, atento à tal BR. Não vi nenhuma indicação, mas cheguei à curva e ao posto de gasolina, entrei à direita e parei o carro na entrada de uma pracinha redonda. À minha frente a encosta do vale descia e subia do outro lado, e, fora a rua onde eu estava, mais quatro saíam da pracinha. Qual delas? Idiota, babaca é isto mesmo, mete a mão em cumbuca e não sabe nem como tirar.

Rodei mais na merda do bairro do que o Nélson Piquet no Grande Prêmio Brasil, ladeira sobe, ladeira desce, ladeira por todo o

lado, e nada da tal de Rua Universo aparecer. Fazer o quê? Xingar Deus e o mundo ou levar Manuela para o hotel? Mais duas ou três voltas e, se a merda não aparecesse, levar Manuela para o hotel e fim. A merda apareceu na quarta volta, ao dobrar uma esquina, Rua Universo. Puta merda, se tivesse escrito as epístolas de São Canguçu aos tamiceiros, pegava o retratão do papa Pio XII e rezava um padre-nosso. Valia. Manuela dormia, a baba já molhando a blusa e as lapelas do casaco. Acordei-a e perguntei onde era a casa. Ela não respondeu, estendeu um braço e apontou uma, grande, quadrada, de dois andares, com quatro colunas na frente e um jardim gradeado, cheio de árvores, alguns metros à frente. Rasguei uma folha da agenda, escrevi o meu nome, o nome do hotel e da Mercúrio e os telefones, e coloquei-a dentro da bolsa. Toquei a campainha da grade e um cachorro latiu. Mais dois toques e um pastorzão alemão correu por entre as árvores e veio rosnar junto da grade, e luzes acenderam no jardim.

– Quem é?

– Faz favor.

Um pistolão encostou na grade, de repente, e o cachorro calou-se. Senti cócegas nas seis polegadas do cano do meu Taurus, mas deixei passar a comichão.

– O que é que o senhor quer?

– Trouxe Manuela. Ela tá um pouco ruim.

– Bêbada.

O pistola não perguntava, afirmava, feito que nem São Canguçu, filho da puta. Busquei Manuela e encostei-a na grade, o pistola segurou a coleira do fila, abriu o portão e recuou dois passos. Levei Manuela para dentro da grade, saí e o São Canguçu baleador fechou o portão. Estendi a bolsa.

– A bolsa dela.

O 7.65 nem deu bola. Pegou a bolsa e arrastou Manuela por entre as árvores, enquanto o cachorrão me vigiava. Meu velho pai morreu pobre e fodido, mas sabia das coisas, faz o bem mas vê a quem.

Capítulo 13

Dormi pouco mas não sonhei, nem tive pesadelos. O senhor Melquíades não cantou *La Cumparsita* nem quis atropelar-me com a merda do Mercedes, o doutor Epaminondas não regeu as estações do vivaldino nem quis enfiar-me no aparelho de som, o doutor Oliveira não assobiou *Touradas em Madri* nem quis meter o cachimbo no meu cu, o doutor Laurelino não dançou o *Tico-tico no fubá* nem quis que eu recitasse o calhamaço das normas e a Luzinete também não me convidou para almoçar em restaurantes que fechavam para almoço. Foi um sono tranqüilo. Tranqüilo, assim, acordei disposto a trincar canos e a beber até água da torneira, mas a culpa não foi da Manuela, foi minha. Se não tivesse bancado o mais idiota do melhor samaritano, não teria dado a volta ao mundo e teria deitado a horas muito mais convenientes. Mas nem tudo pode ser conveniente. Como dizia meu velho pai, conveniência é como continência, se para soldado é obrigação, para oficial é devoção.

Preso o fila pólo sul na corrente de dois Ballantine’s bem medidos, encarei o gelo picado numa boa. Enrolei-me no cobertor e segui o conselho do Saramago, dado no meio da página 191: *o que António Mau-Tempo estiver a aprender, não será ele sozinho*. Afinei o entendimento pelo lamiré do António Mau-Tempo e mandei ver. E vi que vi. Vi tanto, que nem lembrei mais da Manuela e só parei na hora em que *Gracinha Mau-Tempo pariu com dores*, já no início da página 293, hora também já passada do almoço. Achei ótimo a Gracinha Mau-Tempo ter parido e não ter dado à luz, quem dá à luz é pirilampo. Mais dois Ballantine’s caprichados e um bife mal passado e lá vou eu ver no que deram as dores da Gracinha. Deram bem, o senhor Pereira Mendes estava certo, *Levantado do Chão* era do cacete. Cacetão. E deixei-me ficar ali sentado, envolto no cobertor, só para continuar escutando os latidos do cão Constante, pulando e correndo à frente daquela multidão de vivos e de mortos, coisa feita por quem entendia mesmo do riscado. Valeu, viu, Saramago?

Quando a multidão sumiu na paisagem e os latidos do Constante também sumiram na distância, o sol já tinha ido congelar

outro hotel. Acendi a luz e aqueci o cobertor com um Ballantine's carga dupla e pensei no que fazer. Que fazer? Boa pergunta mas resposta da porra. Eram sete horas e se os caninos do fila pólo sul estilhaçavam a porta do meu quarto, imagina o estrago que não fariam no asfalto. Não, não seria a cara que mamãe tanto beijou que iria fazer a barba naquela caninagem. Reforcei as baterias do cobertor com outro Ballantine's e deixei o marfim rolar pelo tapete. Mas saco é saco, e saco enche, e o meu encheu e não teve jeito maneira. Ou esvaziava o escroto ou esvaziava a garrafa. Só que garrafa vazia não me garantia o saco idem e resolvi correr o risco. Enfarpelei os blusões, soldei a armadura de couro no paletó e danem-se os caninos do fila pólo sul. Como dizia meu velho pai, quem não arrisca não sabe desenhar.

Desci e olhei o jornal na recepção. Quem sabe os amizade do Clint Eastwood, os velhos Smith & Wesson tinham resolvido dar outro *show* por aí? Não tinham, mas tinha um primo deles, o Mister Colt 44, que estava batalhando uma limpeza na paisagem de *Os Brutos Também Amam*, num tal de Cine Roxi. Nunca gostei de baixinhos, o mínimo do doutor Laurelino e o beija-flor de mosquito do senhor Iglésias eram a concludência dos exemplos, e, na concludência dos exemplos, o piranhão do Jack Palance era dos meus. Só a cara já matava qualquer cocô de percevejo. Como há muito tempo já não via o solitário Mister Colt 44 metralhar quinhentos tiros seguidos, peguei um táxi e mandei-me para o tal de Cine Roxi. Assisti duas sessões pela metade. A primeira, torcendo para que ninguém visse a mão de uma dona que sentou na cadeira do meu lado e batalhou, batalhou, até que conseguiu abrir a braguilha das minhas calças, e, a segunda, torcendo para que ela fosse embora e me deixasse assistir o Mister Colt 44 na santa paz. Mas a dona discordou dos conformes e só se mandou depois que trocou a mão dela pela minha e também engoliu o tanto de gemidinhos que eu tinha engolido. Aí, mais oco do que cu de galo em galinheiro, tracei um sanduíche num boteco e voltei para o hotel, já batida a meia-noite.

Passei na recepção para pegar a chave e o recepcionista que me tinha recebido no dia da chegada voltou a fazer a cara dos segredos, por favor, uma senhora lhe espera no Scotch Bar. Agradeci a bichanagem no ouvido e fui ver quem era a senhora. A sensação visual da Luzinete não podia ser. Com os mergulhos do doutor Epaminondas executados de segunda a sexta-feira, sábado era o dia de recauchutar os amassados da prancha. E, além do mais, ainda faltava um dia para o Dia do Senhor.

O Scotch Bar ficava no fundo do corredor, no rés-do-chão, e, dois pés atrás e um na frente, puxei a cautelosa, zangão não briga com abelha, come mel. Um garçom apontou um vulto num canto, sentado de costas para a porta.

– Por favor, senhor, a senhora está lá.

O dedão do pé da minha orelha levantou, aquele por favor, senhor, cheirava longe a quilometragem de novela, mas a curiosidade cheirou mais e lá vou eu, bisando os dois pés atrás e um na frente, que nem noviça em banheiro de convento. Quem seria aquele gorro com aquele pompom no alto da cabeça? A resposta veio na volta do pompom, apontando o copo vazio.

– Peça um uísque pra mim.

Pedi dois Ballantine's e Manuela acendeu um cigarro.

– Tá a fim duma boa?

Jogou o cigarro no cinzeiro e levantou-se.

– Então, vamos.

– E os uísques?

– Vai querer?

O fila pólo sul pulava na calçada, mas Manuela passou por ele como quem passa e repassa por lugar conhecido, sem dar bola. Ziperei a armadura de couro até à nuca e segui Manuela.

– Vamos pra onde?

Manuela não respondeu. Entrou no carro, ligou o motor e mal eu entrei, arrancou cantando pneu e voou pela Avenida Afonso Pena, eu fumando e me perguntando que merda era aquela e Manuela calada, os pneus cantando mais nas curvas do que banqueiro no banheiro. Lá pelo terceiro ou quarto cigarro, mandei a cantoria às urtigas, recostei-me no assento e fechei os olhos. Pensando bem, o piranhão do Jack Palance tinha razão, lavrar terra e rachar lenha só dá calo, melhor morrer satisfeito do que viver atrelado no tal do posso mas não devo. E, além do mais, também era bom estar ali, naquele carro. Era bom, assim, teria sido melhor se, de repente, Manuela não tivesse metido o pé no freio e a minha cabeça não tivesse batido no pára-brisa.

– Vamos ver nascer o sol.

Nunca tinha subido nenhum morro só para ver nascer o sol, mas com aquele jeitinho de pardal e aquele rosto de menina, sempre coberto de sardas e tristezas, eu sabia que Manuela me levaria onde quisesse. Não era porra-louquice, nem essa de solitário não tem vez, ou outra qualquer babaquice, era o que era. A radiação da Luzinete

mexia nos meus bagos mas Manuela liberava geral e me fazia balançar. Era isso.

Começamos a subida, a estrada de terra, estreitíssima e cheia de curvas, e o cascalho batendo no chassi. Não sou de tremer e não tremi, mas caguei. O menor cochilo no volante e babau, as trovoadas do vivaldino seriam escutadas sem orelhas. Chegamos no platô e Manuela parou o carro, embrulhou-se no casaco, recostou-se no assento, deitou o pompom do gorro no meu ombro e ficamos assim. Ficamos assim, assim, Manuela parecendo torrar num solão de Ipanema e eu batendo queixo no maior freezer. Mas era bom, tão bom que nem lembrei da radiação da Luzinete, nem senti vontade de liquidificar mais intenções nos solavancos do trator. Acendi um cigarro e deixei a cuca puxar o que quisesse. Fosse que tragada fosse, seria sempre a melhor.

Meio maço depois o dia clareou e a luz começou entrando no carro, coada pelas estrias da água que escorria pelos vidros. Manuela tirou o pompom do meu ombro e saímos, e andamos até junto de uma capela fechada. Não sei se meu velho pai compararia aquelas pirambeiras às pirambeiras da tal de Serra do Gerês, mas que a barrancada era um espanto, disso nem ele duvidaria. Quem sabe, um dia, eu iria comparar? Quando o sol apontou do outro lado e começou subindo pela encosta, Manuela abraçou-me e bateu palmas.

– A Serra da Piedade não é jóia? Eu sempre venho aqui, quando não tou bem. Me dá paz, sabe?

Sentou-se e eu sentei-me junto dela. É uma merda a gente sentir e não saber descrever o que sente, mas aqueles farrapos de nevoeiro boiando por entre as árvores, aquelas pedras faiscando, batidas pelo sol, aqueles gaviões planando a meia encosta e aquele capim ondeando, lambido pelo vento, era um troço do cacete. Fazia até esquecer os caninos do fila pólo sul e o silêncio valia. Manuela tinha razão, realmente, dava paz.

Capítulo 14

Passamos o fim de semana juntos. Almoçamos numa birosca do asfalto e voltamos a Belo Horizonte já de noite. Não lembrei do jantar com a radiação da Luzinete, mas o Dia do Senhor foi santificado. Manuela dormiu comigo no hotel e não precisei nem do Ballantine's bem cubado para prender o fila pólo sul na corrente. Levantamos cedo e deixei Manuela em casa, antes de ir para a Mercúrio. Mas logo que entrei levei o maior choque, a radiação eletromagnética tinha turbinado todas as fontes geradoras e a Luzinete fuzilava.

– Como é que você me faz de boba?

– Eu não fiz você de boba.

– Ah, não? E o tempo que eu esperei no restaurante?

– Tive problemas no Rio.

– Eu sei.

– Problemas com um primo. Doença, pôxa.

Já tinha feito as pazes com os telegrafistas e não deu nenhuma zebra jogar aquele pingue-pongue sem bola e sem raquete. Apesar de nunca ter participado das seleções das Olimpíadas, uma coisa era certa, tinha sobrevivido e tinha visto o Dia do Senhor. Sensibilizada com a voz cava daquele pôxa, a radiação desturbinou as fontes geradoras e pediu até desculpas, doença era coisa muito séria. Capinada a barra do eu sei, agora era farejar o rastro da proposta do coronel Romeu Cerqueira. Se o senhor Aparecido não tivesse desossado nos tobogãs de dona Paulina, devia estar chegando. E logo que chegasse, a modulação do *besame, besame mucho* mostraria o estrago dos peitorais cavernados.

Entrei no meu percentual da sala do senhor Melquíades, ouvidos atentos ao primeiro *besame* que soasse nos corredores. O senhor Melquíades, como sempre, já tinha aberto o jornal e parecia chorar no obituário do presidente da Associação Mineira das Entidades de Crédito Integrantes do Sistema Financeiro, mas correspondeu condignamente ao cumprimento. Ainda mal o bom do bom-dia tinha saído da minha boca e já uma trombetada real estrondava nos vidros das janelas. Refeito o silêncio, apurei os

ouvidos, atento ao primeiro *besame* do senhor Aparecido que soasse nos corredores, mas nada. Meia hora e zilhões de assoadelas depois, soou foi a campainha do telefone na mesa do senhor Melquíades, e, depois de mais uma trombetada arrasadora e um alô anasalado, o senhor Melquíades levantou-se.

– Vamos. O doutor Epaminondas tá chamando.

Gostei daquele tá, mas para o filho do velho Sandoval virar doutor Epaminondas dentro das paredes do nosso percentual, alguma coisa incomum devia estar acontecendo no boudoir da velha Madame Francine. Talvez a fita das estações do vivaldino estivesse com defeito e o doutor Epaminondas precisasse de uma caixa de Frontal ou, então, alguma trovoada não anunciada pelo último boletim meteorológico tivesse desabado de repente.

Saímos do percentual e em cada corredor encontramos uma cara de amigos poucos e muitos inimigos à vista. Era o doutor Oliveira chupando o cachimbo apagado, era o doutor Laurelino lendo o breviário das epístolas de São Canguçu aos tamiceiros, era o senhor Mendes carregando uma caixa de Pepsamar e aterrissando o nariz na manga do paletó, era o senhor Souza com uma máquina de calcular em cada mão e as casas decimais prontas a fuzilar, era o senhor Pereira Mendes rezando a oração dos Mau-Tempo e retorcendo as guias do bigode, era o senhor Iglésias dungando todo mundo e era a radiação visual da Luzinete correndo na frente de todos, com uma pasta em cada mão. Para ser a procissão formal do dia de finados só faltava o *besame, besame mucho* do senhor Aparecido, soletrado em cantochão e acompanhado pela cadência funerária das trombetas do senhor Melquíades.

O eletromagnetismo da Luzinete abriu a porta do boudoir da velha Madame Francine e esperou que todos entrássemos. Fomos recebidos por um doutor Epaminondas em pé, ora pro nobis, de controle remoto na mão apontado para o olho vermelho do aparelho de som, e, mal a radiação desligou as fontes geradoras e fechou a porta, o primeiro chinfrim da primavera entrou na sala.

– Bom-dia, senhores.

Dois botões apertados no controle e a chinfrinice equilibrou-se na corda bamba do último decibel da explosão de Hiroshima.

– Sentem-se, por favor.

Cada um procurou a maciez mais confortável e todos esperamos. A ver pela profundidade das rugas e dos olhares ninguém sabia a causa daquela audição primaveril do vivaldino. O primeiro a quebrar o encanto climático foi o tabaqueiro do senhor Melquíades.

Antes que o doutor Epaminondas afundasse o comprimento no cadeirão, a trombetada ganhou por três asas o páreo do vôo das abelhas. O doutor Epaminondas acendeu um cigarro, puxou uma tripla anticlorofila e abriu uma das pastas que o visual da Luzinete lhe tinha entregue antes de sair.

– Senhores, esta é mais uma reunião do nosso comitê especial de aprovação. Antes de dar início aos trabalhos, quero avisar que o senhor Aparecido não poderá participar.

O doutor Epaminondas fez uma pausa naquela voz de ministro da Fazenda justificando um novo aumento da gasolina e olhou o relógio. Exatamente 09:27 09 nos conformes do alarm do meu Casio chrono.

– O senhor Aparecido encontra-se, neste momento, em Montes Claros, para onde foi chamado com urgência ainda na tarde de sexta-feira. Quero avisar também que o senhor Eduardo participará da reunião na qualidade de observador, pois dadas as suas funções deve conhecer o funcionamento de todos os nossos departamentos e setores. Isto posto, senhores, comecemos.

O zangão já tinha dado o que tinha para dar e a abelha-mestra, satisfeita, planou tranqüila no silêncio que ficou. Planou tranqüila, assim, todo mundo olhando todo mundo e se perguntando se a minha presença tinha implicado na ausência do senhor Aparecido ou vice-versa, pois a ordem dos fatores parecia ter peso na circunstância. Além de outros abalos de menor monta, o senhor Souza turbinou as máquinas de calcular e engasgou-se com as casas decimais, o senhor Iglésias fechou as fronteiras das cristianíssimas terras da Galiza, o doutor Laurelino abriu o bico da cotovia e tentou não desmaiar, o senhor Mendes engoliu um comprimido de Pepsamar e mergulhou o nariz na manga do paletó, o doutor Oliveira arrancou o rulê da gola da camisa e quase engoliu o cachimbo, o senhor Pereira Mendes remordeu as guias dos bigodes e o senhor Melquíades acordou os mortos dos cemitérios com todos os canhões da banda da Vila Militar. O doutor Epaminondas bisou a tripla anticlorofila e esperou que todos digerissem as ordens cuspidas no prato das notícias. Sugada a fumarada pelo olho do furacão do vivaldino, o doutor Epaminondas pegou uma folha de papel, olhou-a durante alguns segundos e levantou-a para que todos lhe fizessem continência.

– Temos aqui uma proposta de empréstimo pessoal, chegada no malote de Governador Valadares desta manhã. Autor, Romeu Cerqueira, fazendeiro, ex-prefeito e líder político da região. Valor solicitado, duzentos milhões. Prazo, trinta dias. Devo dizer que os

documentos do processo já foram analisados no local pelo senhor Aparecido e todos foram aprovados. Alguém deseja comentar?

O senhor Melquíades saiu pela tangente com uma nova salva dos canhões da Vila Militar, o senhor Mendes considerou o prazo muito curto para colocar o papel no mercado e o senhor Souza, depois de avaliar as casas decimais das duas máquinas, considerou o valor muito alto. Os outros entraram numa de sexta-feira da Paixão e a procissão do Senhor Morto prosseguiu no silêncio mais contrito. O doutor Epaminondas esmagou o que restou das triplas anticlorofilas no fumê cinzelado do cinzeiro e guardou a folha de papel.

– Alguma dúvida, senhores?

Todos acompanharam o andor da procissão e o doutor Epaminondas sorriu, satisfeito com a segurança do trajeto.

– Muito bem, senhores. Iniciemos, então, a votação.

Não sei se foi pelo alguma dúvida, senhores, ou pelo sorriso, ou pela soma dos dois, mas eu não apostaria uma ferradura perdida no Jóquei contra a aprovação da proposta. Como dizia meu velho pai, a perguntas com sorrisos não confesses teus pecados. Na mosca. Fora o não do senhor Iglésias, todo mundo votou sim. A proposta foi aprovada e o doutor Epaminondas mandou que o doutor Laurelino lavrasse o termo da aprovação, assinado por todos os votantes. Rabiscada a folha de papel, o doutor Epaminondas agradeceu a boa vontade de todos, pediu café e água à radiação eletromagnética, e mandou ver os decibéis da primavera do mestre vivaldino. O senhor Iglésias não quis café, nem água, e foi engabelar os malotes, eu tomei água, e os outros esvaziaram ambas as garrafas. No meio da zoada do enxame, um zangão trombou no meu ouvido. Era o doutor Oliveira, satisfeito, o cachimbo fumegando no idem mais primaveril.

– E as mineiras, hem?

– Ótimas, doutor Oliveira, ótimas. Mas ótimas só de longe. Quem trabalha não descansa.

– Imagino. Imagino.

São Canguçu, a mão esquerda segurando a xícara e a direita apertando contra o peito as epístolas propostas aos heréticos tamiceiros, não tirava os olhos da conversa. Antes que alguma praga me engasgasse, apaguei as velas e fui rezar em outro evangelho. O senhor Melquíades já estava no percentual e assoava o tabaqueiro. Sentei-me e o telefone da minha mesa tocou. Era a radiação da Luzinete, as fontes geradoras turbinadas, eletrocutando inocentes e culpados. – Tem uma mulher na linha querendo falar com você. Parece bêbada.

Era Manuela.

– Preciso falar com você.

– Quê que foi?

– Casa dos Contos, logo mais.

Desligou e eu fiquei com o telefone na mão, que nem sagüi com banana descascada. Mas não podia fazer nada, aquele logo mais, só podia ser à noite. Deixei cair o telefone no gancho e uma sombra tapou o sol que gelava a minha mesa. Era o senhor Melquíades.

– O senhor viu a palhaçada? O que vale ao Aparecido é ser sobrinho do Laurelino, que é outro puxa-saco. Se fosse no tempo do velho Sandoval...

Assoou o nariz e balançou a cabeça, devagar.

– Sabe o que mais me dói? Depois que o velho Sandoval morreu, e já lá vão mais de vinte anos, nunca mais ganhei nem parabéns. Até o carro e este relógio...

Fez uma pausa e olhou-me.

– ...foi a minha mulher que me deu.

Acendeu um cigarro, puxou uma tragada profunda, e, sem dizer mais nada, saiu, batendo a porta. Senti-me um cocô, mas duas causas podiam ser o motivo daquela deitada no sofá do velho Freud. Ou o que estava atrás daquele carmesim e daquele cebolão de ouro do tamanho da medalha-mor das Olimpíadas, ambos tinindo de novos, ou o que poderia vir atrás da proposta do coronel Romeu Cerqueira. Na frente, só futuro, e futuro é como proposta de governo, nem o presidente acredita.

Capítulo 15

Quem espera não desespera, perde tempo. Não era sempre, mas, às vezes, meu pai gostava de ser papa, parecia infalível mas errava que nem ministro da Fazenda. Manuela chegou às nove e meia, nem liguei para os segundos do alarm do meu Casio chrono, eu estava na Casa dos Contos desde as seis e pouco, mas não perdi nenhum tempo. Parei foi para pensar. Até chegar a Belo Horizonte as mulheres só me tinham servido para duas coisas, ir para a cama e voltar para a cama. E foi nesta estrada de duas mãos que eu sempre buzinei, e sempre me dei bem. À menor derrapagem, entrava no boxe, trocava de pneus e voltava à pista com o banco do carona já de capa nova. Não colhia mamão no pé mas tinha uma vantagem, não compartilhava segredos, nem lençóis, e o que gastava na troca dos pneus poupava nas oficinas.

Mas em Belo Horizonte o esquema dançou. Começou bem, a radiação visual da Luzinete entrou na mão certa e fez a parte dela. Só que, de repente, Manuela apareceu na contramão e não teve troca de pneus, parei direto na oficina. Manuela nem dizia que gostava de mim, nem me perguntava se eu gostava dela, apenas aparecia, e isso me fez entrar também na contramão.

Manuela chegou e sentou-se sem dizer uma palavra. Envolta num poncho mexicano e com o mesmo gorro enterrado na cabeça, parecia ainda mais cansada e mais triste. Acendeu um cigarro, puxou algumas tragadas e, passado algum tempo, jogou o cigarro no chão.

– Você tem grana?

– Quanto você quer?

– Quinhentos mil.

– Agora?

– Tou devendo.

O Voyage estava estacionado na esquina e Manuela pediu-me que dirigisse. Passei no hotel, peguei o dinheiro e o velho Taurus 38, e Manuela foi indicando o caminho. Até entrar num elevado, tudo bem, edifícios e casas novas e tudo mais, mas depois pareceu até São Cristóvão, no Rio de Janeiro, velharia velha mesmo e ruas escuras e cheias de buracos. Numa esquina fisguei uma placa, Avenida Pedro II,

mas Manuela mandou seguir e duzentas segunda/terceira depois o asfalto acabou debaixo de um viaduto mais esculhambado do que orelhão de telefone em puteiro de zona.

– Entra na primeira à direita e na segunda à esquerda.

Apalpei o trezoitão e engrenei a primeira. Em cafundós como este, no Rio de Janeiro, a gente entrava em pé, quando conseguia entrar, e, se saía, saía deitado, no camburão do cemitério. Mas Manuela parecia conhecer a pirambeira. Mandou parar na porta de um barraco metido a boteco sem porta e abriu a porta do carro.

– Vamos.

Não era nem boteco, era retrato 3 x 4 de filme brasileiro, três homens bebendo num chão de terra batida e um puteiro nas paredes, apregoando marcas de pneus. Um king kong de três metros, mal nos viu, levantou-se e saiu pela porta dos fundos. Senti o suor do velho Taurus escorrer pelas seis polegadas do cano e pingar no meu sovaco, mas nem pisquei. O armário voltou pouco depois e fez um gesto com a mão. Seguimos a pata cabeluda e caímos noutro chão, mas sem as mulheres nuas apregoando mais pneus. Uma mesa de ferro, duas cadeiras, e um lourão metido a motoqueiro de cópia pirata à *Mad Max*, cabelo à Vietnã e blusão com mais prego do que porta de funerária.

– Cadê a grana?

Manuela apontou para mim e o pistão cacarejou.

– O careta aí é o pagador?

– Quanto?

– Atrasado, quinhentão.

Olhei Manuela. Ela nem respirava, os olhos fixos nos pregos da funerária.

– Mais?

O Vietnã metalizado meteu a mão num bolso e mostrou um pacote na maior das caridades.

– Freguesa antiga, duzentão.

Contei as notas e guardei o resto no bolso do paletó, colado no suor do velho trezoitão. Se precisasse dar gorjeta, o calibre seria uma boa sobremesa. O motoca contou as notas e entregou a meiota a Manuela.

– Tudo nos conformes, doutor.

O armário acompanhou-nos até à rua e ainda fez um aceno de despedida. No caminho de volta Manuela não disse uma palavra, mas também não conseguiu enrolar o baseado. Eu já tinha visto muito filme queimado mas nunca me chamusquei, sempre dava a volta e entrava no desvio, mas Manuela tinha aparecido na contramão e,

agora, ou eu parava na oficina ou trocava de pneus. Fazer o quê? Parei debaixo da primeira árvore, peguei o pacote e enrolei o baseado.

Capítulo 16

Não sei quem inventou a burocracia. Meu pai dizia que foi Deus, um trabalho por dia e um descanso na semana, mas o velho Abílio Quitandeiro, meu falecido tio e padrinho, discordava. Quem inventou a burocracia foram os barbeiros, que nunca aparam os bigodes sem, primeiro, fazer a barba. Não concordo nem discordo, só sei que, sem burocracia, os carimbeiros e os lixeiros iriam à falência. Sem carimbagem qualquer papel seria oficial e nem os higiênicos poderiam ser reciclados.

Felizmente, ou Deus concordou com os barbeiros ou os barbeiros concordaram com Deus, e eu pude começar bem a manhã de terça-feira. Mal a proposta do coronel Romeu Cerqueira apareceu no DESOP (Departamento de Suporte a Operações, para os não iniciados), a engrenagem movimentou todos os dentes e variadíssimos papéis, todos devidamente carimbados, começaram a circular nos corredores. A primeira das tarefas tinha sido cumprida sem a menor dificuldade. A tinta roxa dos carimbos legitimava não só o teor do conteúdo, como autenticava também a procedência.

Entregues os memos, todas as portas se fecharam, as pastas dos arquivos digeriram, tranqüilas, mais um *embeurrée d'escargots*, as conversas sobre quem comia quem continuaram, e apenas dois departamentos injetaram adrenalina nos serviços. O Departamento de Crédito, Cadastro e Cobrança introduzindo os dados no sistema e arquivando a proposta, e a Tesouraria processando a emissão do cheque correspondente.

Segui para a Tesouraria. Apesar da metragem quadrada do cubículo, também ali a natureza seguia o padrão da saleta da radiação eletromagnética, paredes pintadas com esmalte e polvilhadas de quadros, madeiras laqueadas e o chão coberto de tapetes. O senhor Lima, o chefe dos tesoureiros, retrato sem retoques daquele pastor quacre dos bangue-bangues italianos, magérrimo, ganhando o páreo da magreza com o doutor Laurelino por duas costelas e uma tíbia, barbicha na ponta do queixo, sem bigode e totalmente careca, não

gostou muito da minha intromissão no sacrário, mas deu as informações que lhe pedi.

– Exatamente. Nós emitimos os cheques de acordo com os memos do DESOP e enviamos ao Setor de Expedição. Aí, o senhor Iglésias lacra os malotes e, no dia seguinte, eles são enviados aos seus destinatários.

Perfeito. Incisivo e concludente como o último versículo da última epístola de São Canguçu aos tamiceiros, *revogam-se as disposições em contrário*. Estava para estender a mão à barbicha pastoral quando o telefone tocou e o senhor Lima atendeu.

– Para o senhor.

Era a radiação da Luzinete, as fontes geradoras chispando nas turbinas.

– É aquela mulher bêbada.

– Pode transferir. Manuela?

– Já arrumei o seu dinheiro.

– Esquece.

– Casa dos Contos, sexta à noite.

Desligou e eu banquei, outra vez, o sagüi com a banana descascada na mão e a cara do quacre reprovando a ansiedade daquele, Manuela? Agradeci as informações e a gentileza do telefonema, e resolvi enfrentar o vôo do zangão da primavera do mestre vivaldino. Se o cheque do coronel Romeu Cerqueira não chegasse a Governador Valadares no dia seguinte, o problema da Mercúrio estava resolvido. Se chegasse, ainda tinha tempo de sobra para limar as outras roscas do cano do larápio.

Como tinha acontecido da primeira vez, o doutor Epaminondas nem titubeou.

– Quando o senhor quer viajar?

– Amanhã de manhã.

– Rio de Janeiro?

– Rio de Janeiro.

– Volta em aberto?

– Volta em aberto.

– Despesas acertadas na volta?

– Perfeito.

Só mesmo um campeão mundial de pingue-pongue teria defendido tão bem os meus saques com aquele efeito faz-de-conta. Mas a sabedoria é assim mesmo. Como dizia meu velho pai, um burro carregado de livros carrega peso. Apesar das contas milimétricas para acertar as oito horas da gravação das estações do vivaldino, o doutor

Epaminondas não negava os diplomas que tinha. Quanto mais casas decimais, mais perfeição nas trovoadas. Ou, então, entendia mais de português do que eu.

As turbinas das fontes geradoras da radiação chispavam quando passei pela saleta.

– Outra vez?

– É. O meu primo...

– Esse seu primo, vou-te contar.

– Desta vez interno ele e, ó...

– Só quero ver.

A radiação da Luzinete não parecia entender mais de português do que eu, mas farejava mosquito até em banheiro de avião. Melhor suspender o pingue-pongue e perder aquele jogo do que continuar a sacar e perder os pontos que tinha ganho.

– Pode deixar. Domingo tou aí, firme e forte.

Almocei no centro, um daqueles tenebrosos almoços mais do que papais. Além de feito na maior incompatibilidade feminina, o bife veio direto da fábrica de curtume e as raízes do arroz ainda graminavam os pampas do Rio Grande. Paciência. Como dizia meu velho pai, entre comer e não comer, melhor beber. Um Ballantine's caprichado comprou o passe do curtume e o arroz defendeu o escanteio. Resultado, três arrotos deram conta da gororoba e, apesar dos caninos do fila pólo sul, passei no escritório da agência e comprei a passagem para Governador Valadares.

Quatro horas é a hora do chatismo. Se for do dia, já é tarde para trabalhar e cedo para dormir, se for da noite, ainda é cedo para trabalhar e tarde para a dormir. Na dúvida, que fazem os quatrais no inverno? Fazem como eu. Vão para o hotel e derretem o gelo picado do fila pólo sul a poder de Ballantine's. Com duas doses bem choradas e a porta aferrolhada, deixei o bruto uivar na vidraça e comecei a revisão para enfrentar os tobogãs. Dona Paulina merecia um bom banho mata-sarna e uma barba triescanhoada. Terminada a giletada a contrapelo, enfarpelei a couraça de couro, esgoelei outro Ballantine's e mandei ver *O Convidado*. Se o senhor Pereira Mendes tinha acertado com o tal Saramago por que não acertaria com este Murilo Rubião?

Livro fininho, nove contos, letra grande, dos meus. Dos meus, assim, podia lê-lo todo de uma vez. Na mosca. Antes de sair para jantar *O Convidado* já era. E digo, se tivesse o dobro das páginas não teria nem jantado. Só aquele Botão-de-Rosa já pagaria o jejum. Não entendo de livros, assim como não entendo de meteorologia ou de outras ciências naturais, mas entendo de tirar minhoca do asfalto.

Quem passou anos catando bicharada perdida no Aterro do Flamengo e, de repente, pega um *royal straight flush* como eu peguei no Hotel das Paineiras, tem que saber se o buraco é sempre mais embaixo ou pode ser um pouco mais em cima. Se a radiação da Luzinete podia ser levantada do chão, as sardas da Manuela também podiam ser convidadas. Eram ambas geniais, apenas a radiação iluminava a estrada na ida e o jeitinho de pardal vinha na contramão. Meu amigo Pereira Mendes, você tinha razão, os figuras são, realmente, da melhor e da mais perfeita qualidade. Mais uma vez, obrigado pelo presente.

O hábito não é vício, é roupa de frade, dizia meu velho pai, e com razão. Se jantei na Casa dos Contos e por lá fiquei, não foi por hábito, foi na esperança de que Manuela aparecesse. Mas não apareceu. Quem apareceu foi o senhor Pereira Mendes, com um amigo. Sério, de poucas falas, boné e óculos de aros largos, parecia um contador desempregado ou um músico a caminho da surdez. O senhor Pereira Mendes fez as apresentações e não era nem contador desempregado, nem músico a caminho da surdez, Antão Zeferino de Góes, escritor e jornalista. Já passava das onze e Manuela, certamente, não viria. Terminei o Ballantine's e levantei-me, e o senhor Pereira Mendes puxou a baforada do espanto e fez o gesto idem.

– Mas já?

– Amanhã tenho que ir ao Rio.

– Eu não gosto do Rio. É uma cidade muito violenta.

A voz do Zeferino era tão séria quanto a cara e os aros dos óculos, mas, mesmo assim, apertei-lhe a mão na despedida.

– Meu caro, quem faz a violência somos nós.

– Eu não. Detesto violência.

Não chegava a ser um versículo, mas tinha o som do mesmo bronze do *revogam-se as disposições em contrário* da última epístola de São Canguçu aos tamiceiros. Gostei do boné e dos aros grossos dos óculos, mas aquele tijolaço, eu não, detesto violência, esmagou todos os meus calos. Se afirmações categóricas eram lençol e travesseiro de escritor, ou o senhor Pereira Mendes era só escriturário ou os livros do amigo eram só cálculos biliares. Ou, então, nenhum deles se olhava no espelho.

Cheguei a Governador Valadares na manhã de uma quinta-feira polaríssima e fui de queixo batido direto ao escritório de dona Paulina, que muito pareceu espantar-se com a minha chegada solo, sem o acompanhamento devido do *besame, besame mucho* do senhor Aparecido. Mas logo que lhe disse que ele tinha ido de Montes Claros para Vitória sem data marcada de volta, e eu só tinha ido a

Governador Valadares por causa do negócio das pedras e seguiria para o Rio de Janeiro, dona Paulina passou as rugas a ferro e os tobogãs acomodaram-se. Fiz questão de frisar a viagem ao Rio de Janeiro por medida de segurança. Já que era impossível apagar os rastos da minha passagem por Governador Valadares, se alguém os farejasse, pelo menos uma testemunha poderia jurar que eu tinha falado na viagem e nenhuma cotovia se atreveria a ciscar no meu cabelo.

O malote foi fácil. Tudo é fácil quando não se sabe o que vai acontecer. O meu *royal straight flush* do Hotel das Paineiras foi facílimo porque eu nem sonhava encontrar o armário daquele negão cavalgando os lombos do marido da madame. Dona Paulina perguntou se eu queria acompanhá-la, eu fiz o cu-doce necessário a não levantar nenhuma suspeição, e enfrentei o gelo picado da calçada. Que, valha a verdade, navegado no balanço cadenciado daqueles tobogãs, cada vez me parecia mais picado e menos freezer.

A caminhada surtiu, pelo menos, três efeitos importantes. Dona Paulina desvencilhou-se do casaco de couro e deixou livres os andaimes das curvas balançantes e isso me fez também desaparafusar a armadura de couro, e ambos nos debruçamos sobre a lona verde do malote.

– Importa-se que eu fique um pouco? O pedrista...

Dona Paulina sorriu e arrancou todos os caninos do fila pólo sul, esparramou sobre a mesa as curvas dos tobogãs e meteu a chave na fechadura do malote.

– Claro. Fique à vontade.

Pegou o envelope lacrado com uma etiqueta CONFIDENCIAL e deixou que o meu olhar navegasse no esparrame.

– Deve ser o cheque do coronel. Eles sempre botam esta etiqueta nem sei pra quê. Só tem eu aqui.

Não lhe disse o que meu pai e meu padrinho pensavam da burocracia porque o espanto de dona Paulina me tapou a boca com o grito.

– Não é possível, aquele pessoal endoidou.

Peguei o memo e, pela primeira vez depois da total arrancada dos caninos do fila pólo sul, desgrudei os olhos dos tobogãs esparramados. “Indeferido em virtude do prazo”. Embora parecesse um versículo das epístolas de São Canguçu aos tamiceiros, aquele em virtude parecia não feder a incenso queimado no retratão do papa Pio XII. Pelo estilo vôo de mosquito, cheirava mais a sangue vertido em defesa das cristianíssimas terras da Galiza, embora um cachimbo fumegante também pudesse cheirar do mesmo jeito. De qualquer

modo, papa, Galiza ou cachimbo, ou qualquer outro instrumento larapista, a rubrica do memo era apenas um rabisco, e a origem da rabiscada não me dava muitas opções. A menos que a velha Madame Francine jogasse no lixo os badulaques, naquela UTI de estações vivaldinas, que a putaria mais nova chamava de caixão, paredes forradas com seda e cobertas de molduras maiores do que os quadros, madeiras laqueadas a dourado, cortinas adamascadas, tapetes mais grossos do que pneu de caminhão, talvez houvesse menos bobos do que eu pensava.

Dona Paulina não rasgou a pele da cara com as unhas, não deu murros no equilíbrio da mesa, não gritou aqui-del-rei nem se jogou pela janela, mas a fúria do espanto abriu dois botões na lã do blusão e o esparrame liberou uma geral. Deus do céu, mesmo a mais avantajada das meninas da velha Madame Francine era pinto, pintíssimo. Foi a hora de acender um cigarro e puxar a faz-de-conta, ligue, não, casa aberta, casa cheia. O esparrame merecia.

– Quê que a senhora vai fazer?

– Fazer o quê?

– Reclamar, sei lá.

– O senhor não conhece a Mercúrio. Na Mercúrio só reclama quem tá errado.

Lembrei do Mercedes vermelho e do cebolão de ouro do tamanho da medalha-mor das Olimpíadas, ambos tinindo de novos, e dei razão à tremura dos tobogãs. Mais valia um esparrame na hora errada do que uma prensa na hora certa. Dona Paulina acendeu também um cigarro e uma jupiteriana anticlorofila acabou com a minha faz-de-conta.

– Fazer o quê, agora? Pedir desculpas ao coronel, devolver os documentos e perder todos os negócios que viriam atrás deste.

THE END. Não sei por que os filmes de hoje trocaram aquelas seis caprichadíssimas letras manuscritas pelos nomes dos dublezões que deram fama a todos os Rambo & Cia, mas eu gostava daquelas letras. Pelo menos, não faziam esquecer o filme, nem enchiam o saco com nomes que nem os padrinhos conheciam. Por isso, aquele fazer o quê, agora, de dona Paulina me tocou. Foi o mais perfeito **THE END** para o balanço dos tobogãs. Não teve mais conversa com pedrista, nem viagem ao Rio de Janeiro. Terminada a sessão do espanto, foi a vez de um belíssimo almoço não papal, regado a oportuníssimos Ballantine’s e com dona Paulina já aderida à campanha das *Diretas Já*, liberando também uma geral.

Quando o **THE END**, finalmente, amanheceu, três certezas-muito-mais-do-que-certezas, pelo menos, eu tinha confirmado. A radiação eletromagnética da Luzinete, capaz de provocar a maior sensação com aquele vai pra Governador Valadares, toda semana vai pra lá, diz que vai inspecionar os agentes, mas eu sei muito bem o quê que ele vai fazer, embora soubesse muitas coisas e pensasse saber ainda muitas mais, nem sonhava sequer o que o senhor Aparecido gostava, realmente, de fazer. Mas eu soube, e com a maior facilidade. Com o **THE END** ainda longe das fronteiras, chegar às três certezas-muito-mais-do-que-certezas foi apenas questão de dois sentidos, escutar e apalpar. Dona Paulina detestava tanto boleros quanto o senhor Aparecido detestava tobogãs, os tobogãs de dona Paulina eram genuínos, nada tinham a ver com silicone, e a fissura do senhor Aparecido era passar costelas a ferro nos plainos da mais lisa tábua que se possa imaginar.

Do apartamento de dona Paulina confirmei a reserva para o Rio de Janeiro e avisei que tiraria a passagem no aeroporto, antes do vôo. Cheguei no Galeão na sexta-feira depois do meio-dia e peguei o primeiro vôo de volta. Manuela tinha dito que estaria na Casa dos Contos à noite e eu tinha que chegar a Belo Horizonte a tempo de endurecer a bambeza das costelas e das pernas. Comparado com os tobogãs de dona Paulina, o trator da radiação da Luzinete não dava nem para subir a mais bichada das ladeiras. Mas dei o trato na bambeza. Três ovos num Porto Dom José e um Ballantine’s para rebater a albumina das claras, e adeus tremeliques. Entrei no hotel como o velho Dirty Harry do Clint entrava nas tocas da bandidagem. Mastigando zagalotes e pisando firme nos conformes.

Capítulo 17

Saí do hotel pronto para enfrentar o primeiro quilômetro de arrancada que me trombasse na frente. Aquela gemada de Porto, com a albumina das claras rebatida a preceito, foi a melhor queda do tiro. Nem o velho Dirty e os amigos Smith & Wesson conseguiriam derrubar-me.

Enfrentei os caninos do fila pólo sul numa boa, peguei o primeiro táxi que manivelava na avenida e mandei tocar para a Casa dos Contos. Pedi para parar do outro lado da rua, dei uma espiada nas mesas da varanda, sem descer, e voltei para o centro. Manuela não sentaria nas mesas do salão e eu não queria encontrar o senhor Pereira Mendes. Se encontrasse e alguém na Mercúrio soubesse que eu tinha voltado do Rio de Janeiro, a radiação da Luzinete me fritaria que nem ministro da Fazenda caído em rombo de orçamento. Sempre temendo encontrar o senhor Pereira Mendes, repeti a operação ene vezes. O táxi parava do outro lado da rua, eu dava uma espiada e voltava para o centro.

Na sexta ou sétima perna do ene, encontrei Manuela sentada na última mesa da varanda e usando o mesmo poncho mexicano. Só o gorro era diferente, era branco. Mandei parar depois da esquina e, apontando uma metralhadora de quatro notas marechal, obriguei o motorista a chamar Manuela. Quando chegaram, paguei a corrida e mandei o táxi bater banco em outra rua. Comecei a dizer que não podia ficar em Belo Horizonte naquele fim de semana, Manuela interrompeu-me e quis pagar o dinheiro que me devia, eu disse que não ia receber, ela mandou-me à merda e sumiu, dobrando a esquina. Xinguei um palavrão que o Diabo deve ter até agradecido a Deus, e Manuela parou o Voyage junto do meio-fio.

– Pra onde você quer ir?

– Você que sabe.

Subimos pela tal de BR, entramos à direita depois de um conjunto de motéis, pelo menos o símbolo do Playboy estava bem iluminado, e rolamos direto no asfalto. Recostei-me no assento e acendi um cigarro, Manuela pegou-o, puxou uma tragada e jogou-o

pela janela, o ponteiro do velocímetro equilibrado em cima dos cento e vinte e os pneus cantando marchas militares. Se arrependimento matasse, dizia meu velho pai, até Deus estava morto, mas era tarde para pegar o volante. Manuela não falava. Ou estava muito atenta à direção ou nem sabia que o carro tinha velocímetro. Fechei os olhos e tentei ver como seria do outro lado. Se todo mundo tentava e sabia até a cor dos anjos, por que é que eu não poderia tentar também? Mas fiquei na tentativa. De repente, as porteiras do outro lado se fecharam, o carro derrapou, depois parou, e, de tudo, de qualquer um dos lados, só consegui ver o gorro branco do Nélson Piquet do Voyage sorrindo e olhando para mim.

– Pronto, Itabira.

Marginamos um canal, rodeamos uma praça, entramos numa avenida, subimos uma rua estreita, serpenteando pelo morro, e, de repente, à nossa esquerda, aparece um fabricão de poeira. Para virar figurante do *Mad Max* só faltavam 60º à sombra e o Mel Gibson estraçalhando a ratatia do deserto a pingos de suor. Felizmente, o Mel deu o bolo e, depois da última curva, a filmagem terminou. No alto do morro, um edifício bem iluminado ocupava o centro do platô.

– Pousada do Pinheiro.

– Você conhece?

Manuela não respondeu, mas também não precisou. Depois de ganhar o *Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1* e estraçalhar o estúdio do *Mad Max*, que melhor resposta do que o repouso do guerreiro? E foi. Nem o fila pólo sul arreganhou a caninagem, nem visitamos Itabira.

Capítulo 18

Saímos de Itabira segunda-feira de manhã, bem antes dos urubus desossarem os cadáveres estraçinhados pelo suor do Mel Gibson, mas um pneu resolveu liderar a bandidagem e, sem estepe, chegamos a Belo Horizonte muito depois das dez horas. O que, se não ressuscitou os cadáveres do *Mad Max*, se transformou no maior fuzuê logo que entrei na saleta da radiação da Luzinete. O eletromagnetismo da sensação visual vomitava o ex-Dia do Senhor em cada milímetro de parede, de quadro e de tapete.

– Cafajeste.
– Foi meu primo.
– Esperei naquele restaurante feito que nem puta.
– Desculpa, mas tive que interná-lo.
– Tomara que ele morra.
– Desculpa.

Aquele tal de Visconde de Taunay, que tanto me tinha torrado o saco no colégio, como leitura obrigatória, só tinha saído da Laguna depois de atravessar um baita calhamaço e eu não tinha nem tempo de pular sequer duas páginas. Mais um segundo naquele □□□□̃□□□□□ (nada a ver com tarô, cor de anjo, caminho de Santiago ou outra qualquer quejandice, apenas, grafado assim, alto-forno parece muito mais alto e muito mais forno), mais um segundo nadando naquele mar de gusa derretida e a radiação da Luzinete me reduziria a mera lembrança de pó de peido. Resultado, arredondei o bico em outro desculpa, ainda mais caramelado, e fui proteger a imunidade celular debaixo do coreto do senhor Melquíades, que, como era de prever, me recebeu com as mais sensibilizadas assoadelas do venerável tabaqueiro.

Passei o resto da manhã patinando nas circunvoluções cerebrais. Como camuflar no relatório das despesas a maconha da Manuela, a viagem aos tobogãs de dona Paulina e o repouso do guerreiro em Itabira? Nem traduzindo para javanês todas as epístolas aos tamiceiros São Canguçu operaria tal milagre. Era muito marechal para uma simples contramarcha ao Rio de Janeiro.

Dizem que a memória é a mina de ouro que começa no bolso do paciente e termina na conta bancária do analista. Não sei, não sou paciente nem analista, mas foi a memória que me salvou. Jogado contra a vidraça pelo tufão de mais uma militante cornetada do senhor Melquíades, eis o doutor Epaminondas colado no vidro, Colombo, forçado, um dia, a botar um ovo em pé, que é que faz? Faz, exatamente, o que nunca ninguém tinha feito. Bate a ponta do ovo na mesa e pronto, resolvido o problema. Ora, foi, justamente, pensando que, se Colombo fez o que nunca ninguém tinha feito, eu também podia fazer a mesma coisa. E fiz. Fiz mesmo. Aumentei o volume do *largo* do *Inverno* e pronto, resolvi o problema. Eu não sabia que merda era o largo do inverno, mas já que ele era doutor em trovoadas, embarquei na canoa. Se os ovos em pé e as casas decimais fizeram o que nunca ninguém tinha feito, eu também podia fazer a mesma coisa. E fiz. Fiz mesmo. Não apresentei nenhuma nota, nem sequer o bilhete da passagem, nada, e, quando disse ao doutor Epaminondas que tinha perdido a maleta, ele não titubeou. Não sei, não minero bolso de paciente, mas acho que o doutor Epaminondas odiava tanto o verbo titubear quanto adorava as estações do vivaldino, ambos eram paixões e paixões não se limitam, extravasam-se. Turbinou todos os decibéis possíveis do inverno, assinou um cheque particular e só me perguntou se já tinha algum suspeito.

– Peguei uma boa pista no Rio de Janeiro, doutor Epaminondas.

– Ótimo. Ótimo.

E ambos ficamos satisfeitos. Ficamos satisfeitos, assim, o esticador do vivaldino pensando que dentro daquelas paredes forradas com seda e cobertas de molduras maiores do que os quadros, madeiras laqueadas a dourado, cortinas adamascadas e tapetes mais grossos do que pneu de caminhão, o único bobo era eu, e eu pensando que ele ainda era mais bobo do que eu. Como dizia meu velho pai, mentira dividida por dois não é mentira, é o melhor entendimento.

Nem passei pela saleta das turbinas. A radiação ainda devia estar na temperatura de um □□□□̃□□□□□ (para quem esqueceu o traçado, sem nada a ver com tarô, cor de anjo, caminho de Santiago ou outra qualquer quejandice, apenas, grafado assim, alto-forno parece muito mais alto e muito mais forno) e fugi da gusa líquida. Preferível enfrentar a caninagem do fila pólo sul e esperar a gusa arrefecer. Sem notícias de Manuela, almocei papalmente e fui ao banco receber o cheque do pranchador da radiação da Luzinete.

Regenerado pelo calor das medalhas dos marechais retinindo no bolso e digerido um churascão à gaúcha por dois Ballantine’s a

condizer, às três horas perfilei-me diante das letras cor de pérola das tabuletas **DEPARTAMENTO DE CRÉDITO, CADASTRO E COBRANÇA** e **NÃO ENTRE SEM BATER**. Aquele "Indeferido em virtude do prazo", quer fedesse a incenso queimado no retratão do papa Pio XII, quer fedesse a sangue vertido em defesa das cristianíssimas terras da Galiza, quer fedesse a fumo velho de cachimbo ou a larapice de qualquer outra sementeira, deveria, obrigatoriamente, constar no despacho da proposta do coronel Romeu Cerqueira. Afinal, era na inviolabilidade dos arquivos do senhor Souza que repousavam as cinzas das decisões do comitê. Batidas as pancadinhas da praxe, o senhor Souza recebeu-me com o balaio pregado na cabeça e a careca escorregando pelas bordas, e as máquinas de calcular prontas a decolar ao menor sinal de alarme matemático.

– E as coisas lá pelo Rio? Muita praia?

– Demais.

– O senhor é que tem sorte.

Concordei, de nada valeria discordar, na Mercúrio, todas as viagens ao Rio de Janeiro eram comentadas. Mesmo para o balaio do senhor Souza, pegar um bom bronzeado era tão importante quanto fazer um cálculo até à milésima casa decimal. Uma olhada ao visor da máquina da esquerda, um sorriso indicando mais um cálculo milimétrico e a satisfação do senhor Souza babou pelos tapetes.

– E então?

Então, dizia meu velho pai, paga e bufa, que dinheiro custa a ganhar. Acendi um cigarro e puxei a devagar-se-vai-ao-longe, o começo e o fim são só substantivos. O senhor Souza acendeu também uma cigarrilha, concordando, e o ambiente equilibrou-se. Bisei a devagar e mandei ver.

– Muito serviço?

– Demais. Em julho começam as férias e em junho todo mundo se endivida. Só na primeira semana as nossas operações já aumentaram...

Cavalgou a máquina da direita e, segundos depois, os números soltaram as rédeas e o Sétimo de Cavalaria entrou pela janela.

– Exatamente 17,29%, já descontada a inflação.

Mas o meu problema não era a inflação, eram os arquivos. Com os barnabés montando guarda, a letra R ficava mais difícil de alcançar do que a promessa do governo de equilibrar o orçamento. Mas valia a tentativa.

– O senhor tem aqui arquivo que não acaba mais.

– Mais de trezentas mil fichas, todas arquivadas pela seqüência exata do primeiro nome. É um método que eu venho estudando e...

Um barnabé aproximou-se com uma proposta na mão e o maior ponto de interrogação impresso na testeira. Aproveitei a misericórdia do ponto e fui procurar o arquivo da letra R. A ver pelo tamanho do olho do barnabé, a explicação deveria exigir cálculos mais do que milimétricos. Na mosca. O senhor Souza pegou a máquina da esquerda e mergulhou nos algarismos.

Abri a gaveta dos Romeus. Romeu Abba, Romeu Abdias, Romeu Antônio dos Santos, Romeu Arruda, Romeu Boamorte, Romeu Cardoso, Romeu Cardoso da Silva, Romeu Carta, Romeu Cerqueira, Romeu Conde Navarro e mais um palmo de Romeus. Espiei os cálculos do senhor Souza, o barco do barnabé ainda navegava nas primeiras casas decimais, e mandei ver. Peguei a proposta do coronel Romeu Cerqueira e lá estava o carimbo e a assinatura do balaio, João Neves de Souza, autenticando o carimbão do despacho “Aprovado pelo Comitê”. Fechei a gaveta com o mais angélico puta que pariu e afoguei o eureka no buraco da laringe. Se o epitáfio do coronel estava devidamente gravado na lápide, como é que os tobogãs de dona Paulina tinham recebido o caixão com o sambalelê daquele “Indeferido em virtude do prazo”?

– E então? Gostou do meu sistema?

Atrás de mim, o senhor Souza sorria, a máquina de calcular pronta para qualquer explicação menos semântica.

– É o melhor arquivo de Belo Horizonte. Cada arquivista arquiva a sua letra e até as preposições mais simples entram na ordem alfabética.

Horas são horas, mas a hora da verdade é uma só. E, mesmo assim, dependendo da marca do relógio. Rolex, por exemplo, tem aos montes por aí, mas a maioria é made in Paraguai. Encarei o senhor Souza como encarava, em tempos sem Rambo & Cia, o xodó do **THE END**, e mandei ver a perfuratriz da quer-ver-só?, aquela do se viu, viu, se não viu, nunca vai ver.

– Quem envia as propostas para o arquivo?

A máquina de calcular só não pulou da mão do senhor Souza porque ele descarregou as baterias com o choque.

– Quem? O DESOP.

E foi aquela pausa, as baterias recarregando.

– Depois de enviar os memos a todos os departamentos, para que cada um faça o que lhe compete, o que nem sempre acontece, isso eu lhe garanto, mas essa história fica pra outra hora, o DESOP manda-

nos as propostas e aqui o sistema funciona. Nós conferimos os dados, batemos as boletas para a computação, introduzimos os dados no sistema, emitimos a listagem da cobrança, e arquivamos as propostas. É um sistema perfeito, todas as boletas são numeradas.

O senhor Souza acendeu uma cigarrilha e a velha quer-ver-só? sofreu a mais feroz imitação.

– Como as boletas para a computação são numeradas, não há condição de haver a menor falha. Até mesmo porque, se houver, eu dispenso o arquivista responsável. Aqui não se cantam boleros, nem se faz de conta que namorada é cliente.

Não só a indignação do senhor Souza era louvável, como também era procedente. O senhor Aparecido enchia o saco dos corredores com os *besame*, *besame mucho*, e os operadores da mesa de open market namoravam mais do que figurante de novela, afirmava o eletromagnetismo da radiação visual. Só que, afirmava eu comigo mesmo, nem a numeração das boletas para a computação, nem a dispensa do arquivista responsável revolveriam o problema. A emissão dos cheques era responsabilidade da Tesouraria e as máquinas de calcular do senhor Souza não rezavam missa na igreja do pastor Lima. Por isso, o senhor Souza podia receber uma proposta com o despacho “Aprovado pelo Comitê” impresso até em alto-relevo e os tobogãs de dona Paulina podiam receber o mesmo despacho traduzido no javanês do larapião, “Indeferido em virtude do prazo”. E quando se descobrissem os atrasos, como cobrar um devedor que não devia? De nada valeriam os cálculos frenéticos do senhor Souza e a demissão do arquivista responsável. A Tesouraria apresentaria o memo do DESOP, autorizando a emissão do cheque, os tobogãs de dona Paulina apresentariam o memo javanês “Indeferido em virtude do prazo”, e a Mercúrio, atenta aos apitos do mercado, cravaria o primeiro enunciado da ***Lei siamesa de bem cavalgar qualquer hipótese*** no cabo-de-guerra quacre versus tobogãs e babau, pára com isso, se a festa do Pentecostes era sempre no Dia do Senhor, a de 1984 tinha sido ontem, 10 de junho, e a de 1985 seria em maio, no dia 26. Como dizia meu velho pai, quando se tira o sofá da sala, a sala só fica sem sofá.

Capítulo 19

Para meu espanto, Manuela apareceu na terça-feira à noite, no hotel, já passando das dez horas. Eu ainda não tinha tirado o sofá da sala e não engolia a história daquele larápio que parecia falar javanês em português. Se já tinha havido outros roubos, porque é que o doutor Oliveira dizia que não acreditava, o doutor Laurelino dizia que era impossível e o senhor Pereira Mendes nem dizia que não acreditava, nem que era impossível? Mas, por mais que prensasse os miolos, nenhum besouro batia na vidraça.

Mais puto do que cafetina em noite de sexta-feira Santa, mandei a larapiagem às urtigas e alentei um Ballantine's caprichado. Foi aí que a recepção me ligou, dizendo que tinha uma senhora me esperando. Quem me esperaria na recepção numa noite de terça-feira, sem besouros batendo nas vidraças e com o fila pólo sul metendo gazuas em todas os trincos das janelas? A sensação visual não seria. Àquela hora, se as aulas da faculdade tivessem terminado, o doutor Epaminondas já devia estar experimentando a flexibilidade da prancha dos mergulhos, pronto a nadar de braçada na maior profundidade. Manuela? Seria Manuela, a que veio na contramão e sempre aparecia na contramão?

Esgoelei o Ballantine's, reforcei a carteira com as medalhas de mais alguns marechais, enfiei o velho Taurus no coldre e desci, devidamente protegido para qualquer andadura, mesmo que incluísse a maior caninagem de todos os filas pólo sul. Manuela esperava-me já na porta, com o mesmo poncho mexicano e o mesmo gorro de Itabira.

– Vem comigo?

– Precisa de mais grana?

– Quer vir ou não?

Colocou as chaves do carro na minha mão e foi indicando o caminho. Pensei em nova plantação de canabis, mas não, o caminho era outro. Subimos a BR e, na portaria da filial do Morro da Mangueira, entramos à esquerda numa curva que parecia a subida da Serra da Piedade. Depois da curva apareceram as primeiras casas. Grã-finas, coloniais. Ali até que se podia puxar um fumacê, mas

nenhuma daquelas casas era metida a boteco sem porta como o barraco do Vietnã metalizado. A ver pelo tamanho e pelo verde dos jardins todas tinham conta na matriz do Citibank of New Sweepstake.

Rodamos por algumas ruas e, de repente, ao dobrar uma esquina, lá estava o estúdio das filmagens do seriado *Chaparral*. Varanda de troncos, cadeiras de vime, e rodas e carros de bois espalhados no jardim. Nenhum ruído, nenhuma luz, mas Manuela sabia o que fazer. Três toques curtos e seguidos na campainha, e alguém destravou a porta da grade do jardim.

Tranquei o carro e segui Manuela, a mão direita suando na coronha do velho Taurus. Mesmo sem plantação de canabis e sem barraco metido a boteco sem porta, aquele *Chaparral* fedia longe a embalo da pesada. Entramos numa sala do tamanho de um galpão e o diretor do episódio, um jaqueta sem mangas e fita de kamikaze na testa, veio ler o argumento. Beijou Manuela na boca e eu já não gostei da leitura, e ele arredou com o pé dois figurantes escorados na parede. Sentamos no chão e o kamikaze mandou aumentar a barulhada da vitrola e todo mundo fazer círculo, e foi sentar no lugar dele, entre duas gueixas peitudas, já bem acima do paralelo 38. O resto do pessoal mal se via, feito zumbi na névoa do fumacê.

Manuela enrolou um baseado e deu uma puxada, e o kamikaze rezou a missa. Um que tosse aqui, outro que espirra lá, o cara do meu lado olhando de banda o meu cigarro e Manuela quase levitando. Não era a minha cama, mas deixei o lençol me cobrir. Não podia deixar Manuela virar balão e rebentar nos cornos do teto.

Terminado o Kyrie, começou o Credo. A gueixa da direita meteu uma garrafa na mão do kamikaze, ele emborcou duas goladas e a garrafa correu a roda. Não bebi. Pegar cirrose de uísque de álcool pintado com iodo só quando corria atrás da bicharada perdida no Aterro do Flamengo. Depois que engoli o primeiro *embeurée d'escargots*, se morrer, morro de Ballantine's, no mínimo. O careta do meu lado olhou-me de banda outra vez, mas só abriu a boca para mamar a garrafa. Manuela esfregou a guimba do baseado no chão, guardou-a na bolsa, bebeu dois goles e passou-me a garrafa que vinha na contramão. Cheirei. Cachaça. Bebi um gole mais ou menos, passei-a ao olharino e começou o Benedictus.

A gueixa da esquerda empurrou um magrelo nu para o centro da roda e foi aumentar a trovoada da vitrola. O anão pulou como se o chão fosse de brasa, mas não passou da pulação. Desmilingüiu antes da música terminar e sumiu na fumarada do canto mais distante. Alguém destroncou a vitrola, Manuela enrolou outro baseado, um

lourão, mais pescoço menos pescoço, xerox do Vietnã metalizado do barraco metido a boteco sem porta, arrastou para o meio do círculo uma mesa baixa com uma lamparina acesa, uma garrafa de água, uma colher, uma seringa e um saquinho de pó, e começou o Agnus Dei. Diluído o pó e fervida a água, o xerox encheu a seringa, as gueixas fizeram-lhe um torniquete no braço, ele espeta a agulha na veia e manda ver. A uma ordem do kamikaze a zumbizada levanta-se, correndo, e faz fila junto da mesa, as gueixas encarregadas da produção. Aí, fim do argumento, segurei Manuela.

– Me larga.

Com Manuela me chutando e gritando, me larga, me larga, o Maracanã veio abaixo. A zumbizada cercou-nos e o kamikaze deu uma de delegado em rendez-vous de terceira.

– Larga ela, porra.

Armou o soco, mas não chegou nem a botar o dedo no gatilho, as seis polegadas do cano do meu trezoitão encostaram na cara dele e a ponta da mira entrou dentro do nariz, e fim da missa. De joelhos, todo mundo bateu no peito, mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa, e o kamikaze foi na frente, servindo de sacristão. Meti Manuela no carro e, Tora! Tora! Tora!, que Hiroshima pegou fogo, só parei na Rua Universo. Mas só deu tempo de abrir a porta. Um carro parelhou com o Voyage e parou, e a minha cabeça virou coco.

Não sei quanto tempo passeei do outro lado nem vi a cor dos anjos, mas quando abri os olhos, vi duas Manuelas chorando, encostadas no carro, e todos os meus ossos estalavam. Devagar, mexi um dedo, gemi, mexi um pé, gemi mais, mexi uma perna, doeu paca, mexi um braço, quase gritei, mas, de mexe em mexe e de gemido em gemido, fui fazendo as soldas e sentando a bunda no asfalto, e consegui ver só uma Manuela. Aí, vieram as preocupações. Primeira, o velho Taurus. Segunda, a carteira. Tudo certo. O trezoitão continuava no coldre e as notas do marechal idem na carteira. Sorri, apesar das soldas ainda não consolidadas, os filhos da puta não eram profissionais, eram bocós. Não tinham levado nada, nem quebrado nenhum osso.

– Quem foi?

Manuela deixou-se cair no chão e arrastou-se para junto de mim.

– O Lem, o Lulu e o Bozó.

– O da fita na testa, o lourão e o da dança?

Manuela não respondeu, apenas acenou com a cabeça, mas a confirmação ficou escrita.

– Acende um cigarro pra mim?

Puxei a primeira tragada e fiquei tonto. Normal. Não era a primeira vez que levava umas porradas bem dadas e sabia como era. Na segunda já melhorou e, na terceira, já pude levantar.

– Me leva no hotel?

O recepcionista estranhou o sangue, estranhou a mancharia da fachada e os lábios maiores do que bunda havaiana, mas não se escondeu debaixo do balcão, nem rezou grandes padres-nossos. Entregou a chave e desejou as melhores boas-noites. Manuela subiu comigo e o resto correu tudo nos conformes. Me deu um Ballantine's no capricho, me deu um banho idem e dormiu no hotel. Ponto, sem parágrafo, abre aspas, o kamikaze, o xerox do Vietnã metalizado e o anão dançarino eram problema só meu. Ponto, fecha as aspas e fim. Como dizia meu velho pai, é no fim que a merda começa.

Capítulo 20

A minha entrada na Mercúrio, naquela manhã de quarta-feira, 13 de junho, estourou mais índices de audiência na Rádio Corredor do que a bomba da emenda do presidente Figueiredo, propondo eleições diretas para 1988 tinha estourado no Jornal Nacional da TV Globo dois meses antes. O limite foi o céu. Os bandeides que o farmacêutico tinha colado na minha cara foram muito mais comentados do que a redução do mandato presidencial, também proposto pela emenda, e até o grito da sensação da Luzinete valeu mais pontos do que as novas prerrogativas propostas ao congresso.

– Meu Deus, Eduardo, você tá horrível!

– Tive que apartar uma briga.

Pulei fora do ringue e fugi da abelhudice dos repórteres. O percentual do senhor Melquíades, como sempre, soletrava todas as sílabas do jornal e recebeu-me com os mais afinados clarins. A cornetada reboou pelas paredes e avalanchou os corredores.

– O que foi que aconteceu, senhor Eduardo?

– Tive que apartar uma briga.

E, de briga em briga, aquele tive que apartar virou norma de atendimento telefônico, Mercúrio Matriz, às suas ordens. O Pepsamar do senhor Mendes recomendou água boricada, o *besame* do senhor Aparecido recomendou solução de arnica a 3%, as máquinas de calcular do senhor Souza recomendaram o doutor Hipólito, médico da Mercúrio, as guias do bigode do senhor Pereira Mendes perguntaram se eu precisava de alguma coisa e até a Donana, a chefe da limpeza, aconselhou bifes crus para chupar as pisaduras. Só o sangue vertido em defesa das cristianíssimas terras da Galiza, o cachimbo fumegante e as epistolas de São Canguçu aos tamiceiros ficaram no *paddock* e não participaram do páreo. A corrida foi ganha, por mais de cinco intenções, pelo *besame, besame mucho* do senhor Aparecido, reforçado, valendo a ocasião, por *aquellos ojos verdes* e *tu me acostumbraste,* trauteados em todos os corredores e banheiros. Convencida do valor da percentagem, a radiação da Luzinete disparou um contínuo na primeira farmácia manipuladora, com ordens

expressas de trazer os 3%, e, em menos de meia hora, um frascão da percentagem e um pacote de compressas de gaze aterrissaram na minha mesa. O senhor Melquíades aplaudiu o maratonista com a cornetada mais apropriada às circunstâncias e enfatizou as qualidades medicinais da solução.

– Arnica faz muito bem.

Mais pressionado do que Jesus Cristo nas bodas de Caná, arniquei a pele que sobrava dos bandeides e decidi que era hora de dar um descanso às antenas da Rádio Corredor.

– Luzinete, o doutor Oliveira...

– O doutor Oliveira tá em Brasília, com o doutor Laurelino. Você melhorou?

– Melhorei, obrigado.

Melhorei, porra nenhuma. Sem a bênção do doutor Oliveira não seria fácil mexer no ossuário da Tesouraria e eu precisava saber sobre que banco o cheque do coronel Romeu Cerqueira tinha sido emitido. Logo que identificasse a assinatura do endosso, finis, adeus roscas do cano do larápio, e o caso estaria resolvido. Coloquei o telefone no gancho e resolvi dar uma de Humphrey Bogart, detetive em P&B. Cigarro fumegando no canto da boca e todos os detalhes da real entrando pelos olhos, quem sabe o Espírito Santo orelhava e as idéias acasalavam? Comecei pela janela. O sol faiscava nos vidros e brilhava no pêlo dos tapetes. Atraídas pelo calor, duas moscas voavam de pega-pega dentro do tubo da luz e ora subiam e quase rasavam o esmalte do teto, ora mergulhavam e quase se embolavam no chão. Perfeito. Real mais detalhada só mesmo em Hollywood, mas à la Rambo & Cia, que a Hollywood Detectives Corp., estendida no 1.009º andar do Showy Building, Hollywood Boulevard, LA, sempre clean, nunca ciscou terreiro de galo garnisé musculado à força de efeitos especiais. Só que as moscas cansaram e eu também, e a campainha do telefone resolveu fazer coro com mais uma cornetada do tabaqueiro cantador.

– Alô?

Era a radiação da Luzinete avisando os navegantes perdidos em detalhes.

– O doutor Epaminondas quer falar com você.

Duas pancadinhas na porta, uma voz abafada disse entre, e o inverno do vivaldino congelou até o adesivo dos bandeides. Mas não me importei. Sentada na minha poltrona favorita, a careca do pastor Lima brilhava sobre uma camisa cinza de madras, devidamente enfeitada por uma gravata de listras verdes, e o freezer não devia durar

muito. Ledo engano, engano ledo, como dizia, nos meus tempos de colégio, aquela admiradora da Laguna, revirando os olhos em suculentíssimas lembranças. Só na semana seguinte o doutor Epaminondas despediu a barba sem bigode do quacre, refestelou-se no cadeirão, acendeu um cigarro e puxou a já mais do que elementar tragada bichadissíma.

– E então? Como foi essa briga?

– Não foi briga, doutor Epaminondas. Eu tive foi que apartar uma.

– O doutor Hipólito já viu?

– Não precisa. Na verdade, o susto foi maior.

A campainha do telefone vermelho das comunicações pessoais entrou na guincharia do inverno e o doutor Epaminondas fez um gesto antes de atender.

– Se precisar...

O gesto foi perfeito e, um segundo depois, a trovoada do vivaldino zoava só para a ossatura dos dois metros. Voltei ao meu percentual mas não ao Humphrey Bogart, detetive em P&B. Chegava de detalhes da real, o que eu precisava era do Espírito Santo, e num vôo bem rasante. O senhor Melquíades recebeu-me na maior pompa e circunstância, com uma cornetada que nem o melhor Ballantine’s no capricho, e, de repente, o que é que acontece? O Ballantine’s me lembra malte e o malte me lembra cevada e a cevada me lembra pecado venial e o pecado venial me lembra o madras cinzento da camisa do quacre. Quem diz que São Tomé só acreditava no que via, não conhecia São Tomé. Como dizia meu velho pai, ver melhor ou ver pior depende só da intenção. Parafusada a cara das grandes incumbências, corri ao santuário tesoureiro e mandei ver.

– Senhor Lima, o doutor Epaminondas quer ver os extratos dos últimos dez dias.

– De todos os bancos?

– Todos.

– O senhor mesmo leva?

Na mosca. Para quem acredita em Deus, quem fala em nome de Deus vale por Deus. Com a pasta mais agarrada na mão do que carrapato em cu de boi, entrei no banheiro do primeiro corredor e tranquei-me numa das privadas. Não era o lugar ideal, mas, serventia por serventia, ideal era qualquer porta que fechasse. Apenas dois cheques de duzentos milhões tinham sido descontados, um no dia seis e outro no dia oito. Apurei o ouvido, não fosse o *besame, besame mucho* do senhor Aparecido aparecer para escovar as melenas e corri

ao DESEG (Departamento de Serviços Gerais, também para os não iniciados), xerografei pessoalmente os dois extratos e, aproveitando a dúvida dos contínuos sobre quem comia a mais nova operadora da mesa de open, telefonei ao evangelho pastoral.

– Senhor Lima, o doutor Epaminondas pede para verificar os portadores de dois cheques de duzentos milhões, um descontado na quarta-feira, dia seis, e outro descontado na sexta, dia oito.

– Um momento, por favor.

Meu velho pai tinha razão, depois da punheta, Deus foi a maior invenção da humanidade.

– Romeu Cerqueira, cheque nº 655.634 e Construtora Leviatã & Irmão Ltda, cheque nº 655.759.

– Obrigado, senhor Lima.

Puta que pariu, o larápio já não era nem larápio, era Mandrake. Mandrakão mesmo. O malote chega em Governador Valadares na quinta-feira e ele papa o cheque no mesmo dia. Grande Mandrake. Voltei ao banheiro, tranquei-me outra vez na privada e ventilei os humores até esvaziar o balão. A minha digestão merecia. O *besame* do senhor Aparecido entrou pouco depois, passou do canto ao assobio e saiu. Saí atrás e fui entregar a pasta ao guardião do ossuário.

– Senhor Lima, o doutor Epaminondas quer saber quem endossou aqueles cheques, pode ser?

O madras, de cinza ficou branco.

– Isso eu não tenho condições. Só pedindo uma cópia no banco.

– Eu mesmo posso pedir? O doutor Epaminondas...

O doutor Epaminondas estava navegando no inverno e nem sonhava a contravenção que eu mandava ver no pó do ossuário.

– Eu bato o pedido agora, agora. E é só o senhor entregar, que eles dão na hora. O gerente é muito nosso amigo.

Na mosca. O gerente pareceu até o doutor Epaminondas, nem titubeou. Apesar da arnica e dos bandeides na minha cara, a cópia dos cheques aterrissou na mesa mais rápido do que os aviões aterrissavam no aeroporto de Confins. Banquei a mais digna ossatura do doutor Epaminondas e estiquei uma de enviado especial.

– Foram depositados em que contas? O doutor Epaminondas...

O nem titubeou pegou os cheques, olhou frente e verso e vice-versa, e fez a melhor serventia da casa.

– Este, da Construtora Leviatã & Irmão Ltda, na conta da construtora. Este, de Romeu Cerqueira, foi pago.

– Pago?

– Meu senhor...

Aquele, meu senhor, cheirava a incenso queimado no retratão do Papa Pio XII, mas nem cocei a comichão.

– ... a Mercúrio avisou que seria recebido e, como o endosso foi devidamente abonado, o cheque foi pago. Alguma dúvida?

– Não, não. Vai ver, foi esquecimento do doutor Epaminondas.

Dizem que o Brasil é o país do futuro e é mesmo. A continuar a assombração do sabe com quem está falando, só vai sobrar é continência. Mas isso é problema de quem sobrar. Se não sobrar ninguém, apaga a luz, fecha a porta e vamos todos para a filial de Miami, que lá também se fala português. Agradeci, em nome das estações do vivaldino e do quacre, e saí antes que algum sininho tocasse no pescoço do nem titubeou. O endosso do cheque do coronel parecia ser o mesmo rabisco do “Indeferido em virtude do prazo” que os tobogãs de dona Paulina tinham recebido. Por baixo, outro rabisco, abonando o endosso. Rasguei a cópia do irmão Leviatã, xerografei a cópia do coronel para os meus arquivos pessoais de segurança e fui acordar a musculatura estomacal. O Mandrake era bom de corrida, mas eu também tinha meus momentos de sprinter. Logo, logo se veria quem papava o troféu daquele páreo.

Quando voltei do almoço a radiação da Luzinete já não me olhou como se eu tivesse acabado de sair do banheiro feminino. A Rádio Corredor já farejava outros banheiros e os meus bandeides já não espantavam nem a mim. Ainda bem, porque tudo, agora, dependia da minha própria condição eletromagnética.

– Preciso de um favor.

– Melhorou?

– Cem por cento.

– Que favor?

– Eu não sei se assinei a ata daquela reunião do comitê.

– Ate da reunião do comitê? O comitê não faz atas.

– Mas foi feita. Eu vi.

A sensação da Luzinete tirou de uma pasta uma folha de papel e mostrou-a como o velho Araribóia teria mostrado as vergonhas da Iracema ao espantado Caramuru. Sem o menor interesse pelo valor do material exposto ao léu.

– Isto? Isto não é ata, é só pró-forma. Depois que o Souza arquiva a proposta vai pro lixo.

– Dava para dar uma estudada? Quem sabe pode me servir de modelo no departamento de exportações?

Era um bom jogo e, mesmo sem rede, valia a melhor marca da raquete. A radiação returbinou os geradores, sorriu, não disse eu sei, mas o espirito da coisa voou longe.

– Se é pra uma boa causa...

– Você é um anjo.

– Eu sei.

Agora, sim, o esparrame do eu sei ganhou de enfiada todas as raquetes dos tobogãs de dona Paulina, naquela polaríssima quinta-feira. Voltei à privada do banheiro, não por necessidade ou dever de ofício, mas para que o meu percentual não colidisse com o percentual do senhor Melquíades. Dividir a mesma sala é como dividir a mesma cama. Por mais que cada um vire para seu lado, há sempre um lado comum.

Tranquei a porta e, logo em seguida, o *besame, besame mucho* do senhor Aparecido entrou pelas frinchas e tiniu nos meus ouvidos. Esperei que o último *mucho* dobrasse a esquina do primeiro corredor e, mesmo na tampa do vaso, estendi as duas folhas de papel. A xerox do cheque do coronel e o pró-forma do comitê. Ou eu muito me enganava ou o Mandrake sifu.

Sifu. O rabisco do endosso tinha sido escrito com o sangue vertido em defesa das cristianíssimas terras da Galiza e o rabisco do abono também constava do pró-forma. Fácil, fácil demais, cochichou o pé da minha orelha no pé do meu ouvido, por quê tanta facilidade, Mandrakão? Cochilo de noite mal dormida ou sacada de lâmpada de Aladim? Botei os pés cochichantes nos sapatos, mas o cochicho valeu. Fosse noite em claro ou mágica de gênio, o Mandrake sabia o que fazia. Se não soubesse, não teria trocado o muque do Lotar pó-de-sapato pela insustentável leveza das asas do beija-flor de mosquito. A ver vamos, que se não formos não veremos, como dizia o vascaíno Abílio Quitandeiro em véspera de Maracanã de Vasco e Flamengo. Portanto, dane-se a noite mal dormida ou a sacada da lâmpada, se o Mandrake era Mandrake eu também era mais eu, o *royal straight flush* jogado no Hotel das Paineiras não me deixava mentir, e fim. Ponto, sem parágrafo e sem aspas, o caso da Mercúrio estava resolvido.

Voltei ao meu percentual e, como era de prever, o senhor Melquíades recebeu-me no maior entusiasmo. A cornetada afinou tanto, que deve ter espantado até os pilotos automáticos dos aviões da ponte aérea. Mas eu também estava satisfeito. Finalmente, sabia que aquela espirralhada nada tinha a ver com o Mercedes vermelho e com cebolão de ouro do tamanho da medalha-mor das Olimpíadas, ambos tinindo de novos, e era mais inocente do que barata em cozinha de

restaurante japonês. Afinal, com sessenta e cinco anos, uma mulher trinta e sete anos mais nova e já no sexto mês de gravidez, se o carro e o relógio não pagavam nem a angústia das brochadas, imagina o que não seria a vergonha de uma acusação sem fundamento? Uma injustiça ainda maior do que o governo confessar a falência do Tesouro Nacional e botar na cadeia os mamadores. Quase pedi ao senhor Melquíades que repetisse a cornetada, mas bem dentro do meu ouvido. Eu merecia.

Capítulo 21

A admiradora da Laguna, aquela que revirava os olhos em suculentíssimas lembranças nos meus tempos de colégio, sempre dizia que a palavra mais importante da língua portuguesa era aquele "Fico!", lambido no orelhão da Marquesa de Santos e transmitido pela Rádio Chalaça, liderando uma cadeia nacional. Nada. O meu amarelo "Cheguei!" deu de 1822 a 1984 na ficada. Como muito bem dizia meu velho pai, a gente só fica depois que chega.

E eu cheguei na Mercúrio muito mais orgulhoso do que o Zico ao bisar, em 1982, os 21 golaços do Campeonato Nacional de 1980, embora fosse uma quinta-feira ainda mais polar do que a dos tobogãs de dona Paulina, com direito a desfile de freezers e pingüins na Avenida Afonso Pena. Mas a micareta dançada pela caninagem do fila pólo sul era o que menos importava. O importante é que eu tinha chegado ao favo da abelha-mestra muito mais rápido do que a renúncia do senador José Sarney chegou à presidência do PDS. A comparação não tem nada a ver, nunca fui senador nem filiado ao PDS, mas serve para dar uma idéia de quem, neste país, ganha o café da manhã sem pagar a diária do hotel.

Fui de táxi. Mais orgulhoso do que o Zico pelo bis e com um cheguei daquele tamanho, ir a pé desmerecia. Mas de nada valeu a corrida. Se o senador tinha renunciado no dia onze, o doutor Epaminondas ia naquela manhã ao Rio de Janeiro.

– Almoço das Financeiras Independentes. Mas volto ainda hoje.

– Então eu falo com o senhor amanhã.

– Ótimo. Ótimo.

Sem notícias de Manuela e não querendo queimar a mão na radiação da Luzinete, certamente mais vigiada do que a votação da emenda Dante de Oliveira, que previa eleições diretas já para 1985 e afundou por causa disso, mandei ver mais um daqueles almoços papais, onde o único substantivo feminino permitido era uma dose caprichada de Ballantine's.

Digerido o almoço e o orgulho do cheguei, que não chegou, retornei à Mercúrio e ocupei o meu percentual na sala dos espirros. O

senhor Melquíades já tinha ultrapassado a barreira dos anúncios classificados e assoava o nariz na forma do costume. Não me perguntou como iam os trabalhos e eu também nada lhe disse. Nem podia. Detetive é como banco, se quebra sigilo, quebra tudo.

Acompanhado pela cadência das cornetas, seqüenciei os vôos do beija-flor de mosquito e caprichei no relatório, letra e harmonia. Se não podia fazer o que o doutor Epaminondas tinha feito com as estações do vivaldino, multiplicar *A Primavera*, *O Verão* e *O Outono* por 11 e *O Inverno* por 13 vírgula ene casas decimais, desprezando as sobras de eme casas idem, e chegar a um multiplicador médio de 11 também vírgula ene casas decimais que, desprezada a sobra de eme casas idem nada resolveu e as oito horas da gravação só foram obtidas aumentando o volume do tal de *largo* do *Inverno*, pelo menos, no meu relatório, se faltavam vírgulas e casas decimais, sobravam documentos.

Deixei o senhor Melquíades esmagar os últimos besouros na vidraça e a radiação da Luzinete desligar as fontes geradoras, e, antes que a Donana dos bifes crus chaveasse o DESEG, tirei uma cópia do escrito e fui estudá-la no hotel. Na mosca. Mesmo sem os onze artigos do AI-1, aquele do agora mandamos nós e fecha a boca senão fica sem dentes, nem o fantasma do adolf doutor Francisco Campos, que mandava mais nos corredores do açougue da Central da Rua da Relação do que o ministro da Justiça, teria peito para refazer o nó da gravata-borboleta do beija-flor de mosquito. Como dizia meu velho pai, e dizia muito bem, só dá ponto sem nó quem não tem linha.

Consumado o trabalho, nunca uso mas adoro o sabor deste consumar, lembra um cheiro do Johnnie Walker de 1820, que não existe mais mas ainda tem a fama, fui tratar de mim para mim. Enquadrei o trezoitão dentro do coldre, deixei recado na recepção para o caso de Manuela resolver abrir o pára-quedas e fui jantar na Casa dos Contos, caso idem. Peguei uma mesa bem no centro da varanda, pedi um bife mal passado e um Ballantine's no calor, e comecei a comer e a rezar para que Manuela abrisse o pára-quedas. Nada demais, fora o desejo de a ver, ainda tinha dois bandeides na testa e queria que ela os retirasse.

Mas não foi o pára-quedas de Manuela que aterrou na minha mesa, foi o cachimbo do senhor Pereira Mendes. E foi bom, além de gostar dele, também teria um ajudante na matança do tempo. Pedi mais um Ballantine's, o senhor Pereira Mendes preferiu um gelo picado com cheiro de cerveja e disse que estava esperando um diretor de teatro. Parecia que, finalmente, além dos jurados dos concursos,

alguém também achava que valia a pena montar as peças dele. Dei-lhe os parabéns e agradeci o Saramago e o Murilo, e o senhor Pereira Mendes, satisfeito, logo sentou na mesa um porrilhão de convidados. Um H., uma Adelina, um Baltasar Sete-Sóis, uma Blimunda, uma Bárbara, um Zacarias e até um velho Ex-Mágico, figuras que eu desconhecia, mas a quem ele afiançou a melhor das qualidades.

Gostei da prosa, mas o tempo estava morto e o pára-quedas de Manuela não abria. Pedi a conta e o senhor Pereira Mendes dispensou os convidados, e uma voz, do outro lado da rua, me chamou. Era Manuela, debruçada na janela de um táxi. Larguei a conta e o espanto do senhor Pereira Mendes, e rompi pelas escadas.

– Quê que...

– Tou ruim. Me ajuda. O Lem...

Fechou os olhos e o corpo escorregou no assento. Chamei o senhor Pereira Mendes no grito, Manuela parecia desmaiada, e os bigodes aterrissaram num segundo.

– Tá passando mal?

– Desmaiou.

– Sabe onde é o Pronto Socorro?

– Não.

– Eu sei.

Entramos no táxi e o motorista arrancou, Manuela estrebuchando e um fio de baba escorrendo pelo queixo.

– Dá pra ir mais rápido?

O motorista pisou fundo e deu uma olhada no espelho retrovisor.

– Quando ela fez sinal, lá na Afonso Pena, já não tava muito bem, não. Eu até pensei, sabe como é que é...

No Pronto Socorro, o senhor Pereira Mendes pagou o táxi e ajudou-me a carregar Manuela. Na recepção, uma moça gorda chupava um cigarro como se fosse um pirulito.

– Senhorita, por favor, tá passando muito mal.

Um livro foi aberto e o cigarro baforou na minha cara.

– Nome do paciente.

– Senhorita...

– Nome do paciente.

Meu pai e meu padrinho podiam saber de muitas coisas, afinal tinham nascido nessa tal de Serra do Gerês, onde, minha mãe me contava, no tempo em que as cobras falavam até as galinhas entendiam, mas uma coisa eles não sabiam, não foi Deus, nem foram os barbeiros que inventaram a burocracia. O senhor Pereira Mendes

abriu a bolsa de Manuela, mostrou a carteira de identidade e o velho Taurus tremeu.

– Residência.

A minha mão tremeu também e o pirulito fumegante percebeu. Devolveu a carteira e nós carregamos Manuela até encontrar uma enfermeira.

– Quê que ela tem?

– Não sei. Tá passando muito mal.

– Botem ela ali.

Colocamos Manuela numa maca e saímos. Junto da recepção, um policial militar olhava para mim. Será que o charutão me tinha dedurado? Se tivesse, nem o pirulito a salvaria. Não tinha. O policial apenas lavrou a ocorrência e eu contei ao senhor Pereira Mendes quem era Manuela. Ele escutou sem dizer nada e, no fim, só disse, vamos esperar.

Esperamos. Manuela morreu às três horas da madrugada, de parada cardíaca, no dia 15 de junho de 1984, sexta-feira, conforme constou no laudo oficial. Mas eu sabia o que valiam laudos oficiais. Nos meus tempos de pega-ladrão e cata-milho de bicheiro fiz centenas e todos valiam titica de galinha.

Capítulo 22

No tempo em que as cobras falavam e até as galinhas entendiam, devia ser fácil conviver com os outros. Deixei o senhor Pereira Mendes no Pronto Socorro e mandei um táxi tocar para a casa de Manuela. Mas as cobras já não falavam nem as galinhas entendiam, e o pai não quis saber e só a mãe me acompanhou. O corpo de Manuela foi liberado de manhã e o senhor Pereira Mendes levou-me para o hotel.

– O senhor vai na Mercúrio?

– Vou.

– Eu tou pregado.

– Obrigado por tudo.

– Esqueça.

– Perdeu até o seu encontro.

– O senhor perdeu muito mais.

Abracei-o e o recepcionista entregou-me a chave e um recado. Nem o li. Entrei no chuveiro e deixei a água gelada virar canino de fila pólo sul. Foda-se. Manuela nunca mais escreveria outro recado para mim.

Fui a pé para a Mercúrio, indiferente ao gelo picado das calçadas e às trombadas de quem vinha contra mim, e nem o grito da sensação visual me assustou.

– Meu Deus, Eduardo, outra briga?

– O doutor Epaminondas já chegou?

Abri a porta sem bater e nem a primavera do vivaldino jardinou flores no meu canteiro. O doutor Epaminondas escutava o compasso dos passarinhos e o vôo das abelhas, e fazia do cigarro uma batuta. Talvez por falta das duas pancadinhas na porta, olhou-me como se o tivesse arrancado da prancha dos mergulhos e fez o gesto de esmagar o cigarro no fumê cinzelado do cinzeiro.

– Outra briga?

– Apenas uma noite mal dormida.

O gesto parou no meio e o cigarro sumiu na mais perfeita cova-funda.

– Ótimo. Ótimo.

– Faz favor.

Entreguei-lhe o envelope e sentei-me. Se a velha Madame Francine ainda fosse viva talvez me oferecesse um chá de camomila ou um licor de araçá, mas o doutor Epaminondas apenas abriu o envelope e folheou, rapidamente, a papelada, como se ele próprio a tivesse ditado às fontes geradoras da radiação da Luzinete.

– Perfeito. Há muito que eu desconfiava do Melquíades.

Lembrei do pirulito fumegante, nome do paciente, residência, lembrei de Manuela, tou ruim, me ajuda, e esbagacei o compasso dos passarinhos e o vôo das abelhas.

– Doutor Epaminondas, o senhor sabe muito bem que não foi o senhor Melquíades. O senhor Iglésias endossou aquele cheque e o senhor abonou o endosso.

O doutor Epaminondas parafusou a cara de campeão mundial de saltos ornamentais e subiu na prancha dos mil metros.

– Senhor Eduardo, o senhor é um profissional, e um profissional muitíssimo bem recomendado, portanto vai entender perfeitamente a essência do motivo. E eu digo, vai entender a essência, porque todo motivo tem dois lados, como o senhor muito bem sabe. O lado que se vê e o lado que não deve ser visto.

Lembrei da aula magna do nosso segundo encontro, o tabaqueiro do senhor Melquíades acompanhando o solstício do verão do vivaldino com as mais militantes cornetadas, o pelicano+mais do doutor Oliveira cinturando as ondulantes muralhas da barriga e tentando não dormir, o cotovia-menos do doutor Laurelino saltitando nos torrões da sementeira e ciscando no adubo, e ajeitei-me na poltrona. O doutor Epaminondas, que era peagadê em prolegômenos, respirou fundo, abriu os braços, concentrou-se e, acompanhando o desabrochar das rosas em botão, mergulhou no meio dos dois lados.

– Senhor Eduardo, o senhor foi contratado para resolver um problema das empresas que eu dirijo.

Emergiu da espuma das ondas, nadou até ao parapeito do motivo e apoiou-se na essência. A largura da piscina era apenas a largura da mesa e os finalmente trombaram no assunto.

– Como eu considero o problema resolvido, não há mais nada pendente. A não ser, evidentemente, efetuar o pagamento.

Fez a pausa do considerando antes das palmas e subiu, sorridente, ao pódio da vitória.

– Apenas questão de método. O senhor tem os seus métodos e eu tenho os meus.

Lembrei do *royal straight flush* jogado no Hotel das Paineiras, aquele negão que cavalgava os lombos do marido da madame soldando o primeiro elo da reação em cadeia que me trouxe ao boudoir da velha Madame Francine, e que me levaria ainda a muitos outros boudoires se eu continuasse engolindo os *embeurrées d'escargots* de cada dia, e parafusei a cara do mais perfeito sim-senhor. Realmente, era apenas questão de método, ou cavalgado ou cavalgando. Cavalgando, madame, e vamos ver quantos dígitos tem o bônus e com quantos adjetivos se comporá a carta das referências. Mas uma coisa eu ia jurar até morrer, se era apenas questão de método, o meu era muito mais honesto. Eu nunca tinha roubado de mim mesmo. Satisfeito com a vista do meu perfeitíssimo sim-senhor, o doutor Epaminondas acendeu um cigarro e botou nas bancas a segunda edição, revista e aumentada, da mais perfeita cova-funda.

– Naturalmente, foram guardadas cópias de todos os documentos, mas, dado que o trabalho foi absolutamente sigiloso e a polícia não será envolvida, eu presumo que um segundo bônus consideraria a devolução dessas cópias e um novo relatório seria também considerado.

No melhor dos estilos Luís XV, daqueles à salto de sapato de banquete de madame, pegou o telefone vermelho e apertou o botão específico das comunicações pessoais.

– Luzinete, pede ao Oliveira que venha ao gabinete.

Como dizia meu velho pai, mais vale um pássaro na mão do que duas mãos sem nenhum pássaro, ou seja, jurar ou não jurar só vale se cumprir, e eu queria era cumprir o meu contrato e receber a minha grana. Portanto, dane-se o eu nunca tinha roubado de mim mesmo, e vamos trocar de carro e ver outras necessidades, Mandrakão. O doutor Epaminondas não conheceu meu falecido pai, o velho Eduardo da Micas do Ferreiro, tenho certeza, mas, pelos vistos, também entendia de pássaros e das outras necessidades. Não me acusou de perjúrio nem estranhou o descompasso daquele agressivo faz favor comparado com o sorriso capachildo do mais perfeito sim-senhor. Colocou o telefone no gancho e bisou a cova-funda.

– No fim do almoço, então, terminaremos.

A questão de método do doutor Epaminondas tinha sido tão bem fundamentada pelo extra de dois bônus que me fez esquecer até de acompanhar as edições das covas-fundas e só acendi o primeiro cigarro já no corredor. Não sei latim, nem de missa, nem de cozinha, mas, se soubesse, faria como a admiradora da Laguna, aquela que revirava os olhos em suculentíssimas lembranças nos meus tempos de

colégio, depois do orgasmo daquele “Fico!” lambido no orelhão da Marquesa de Santos, e que também gostava de perfumar os gorgomilos com um ou outro Chanel da velha flor do Lácio, *homo sum, humani nihil a me alienum puto*. Sou homem e nada do que é humano me é estranho, gargarejava a suculentíssima, os olhos em alvo na visão beatífica daquele puto, que ela rolava na língua como se fosse um talo de cana açucareira.

Mas o latim era o que menos importava, o mais importante era a satisfação das duas partes, e as partes estavam satisfeitas. O doutor Epaminondas tinha resolvido o problema do motivo, fosse ele qual fosse, e eu também tinha resolvido o problema das minhas necessidades. Portanto, madame, viva a suculentíssima da Laguna e o seu talo de cana açucareira e aquele Porsche dourado que há muito eu namorava na Import Car de Botafogo, amém e finis.

Capítulo 23

Era a minha última noite em Belo Horizonte e, apesar de ser sexta-feira, talvez algum sinal enguiçasse no vermelho e impedisse o trânsito na prancha dos mergulhos ou o próprio doutor Epaminondas preferisse nadar de braçada na essência do motivo, não sei, mas o fato é que, substantivado um novo relatório nos conformes do total dos dois bônus, mas sem deixar buraco onde entrasse rosca futura de algum *royal straight flush* do fã do vivaldino, entregues as cópias e documentos do antigo, e recebido o cheque do pagamento e achados também conformes os adjetivos da carta das referências, a radiação da Luzinete ligou as fontes geradoras e encheu de manjerico e de flor de laranjeira os percalços do meu caminho.

– Vamos jantar logo mais?

O eletromagnetismo do convite espantou-me, mas cortei o saque à doutor Epaminondas, sem titubear.

– Claro.

– Então, às oito no Dona Derna. Sabe onde é?

– O motorista do meu táxi saberá.

A radiação turbinou as fontes geradoras e o sorriso poliu até o esmalte das paredes.

– Sem bolo?

– Sem bolo.

Não me despedi de ninguém. A não ser o senhor Pereira Mendes, nenhum mercuriano adubava o meu quintal. Mas eu não queria despedir-me do senhor Pereira Mendes. Manuela iria ocupar o lugar do H., da Adelina, do Baltasar Sete-Sóis, da Blimunda, da Bárbara, do Zacarias e do velho Ex-Mágico e eu não queria falar dela. Como dizia meu velho pai, falar não adianta, adianta conversar, e eu não podia mais conversar com Manuela.

Desci para o centro e comecei a preparar a minha despedida. Em três casas de roupas da Avenida Afonso Pena comprei um chapéu, um blusão de couro e um par de luvas, tudo preto, e guardei os embrulhos num armário de aluguel da estação rodoviária. Comprei um mapa da cidade e a passagem de volta ao Rio de Janeiro, no primeiro

vôo da manhã seguinte, e voltei para o hotel. Pouco passava das cinco e, não sei nem por quê, nem vontade tive de caprichar um Ballantine's. Liguei a televisão, estudei o mapa, e deixei-me congelar ao som dos latidos do fila pólo sul.

Saí às sete e pouco, os segundos do alarm do meu Casio chrono não tinham mais importância, o cheque e a carta de referências aferrolhados no cofre do hotel e o velho Taurus cochilando no sovaco. Mesmo que não houvesse sinal enguiçado no vermelho e o trânsito estivesse desimpedido na prancha dos mergulhos, naquela noite não haveria competição de saltos ornamentais. Às onze horas, no máximo, começaria a despedida e a radiação da Luzinete, mesmo provocando a melhor sensação visual, não fazia parte dela.

O táxi deixou-me no Dona Derna antes do eletromagnetismo escurecer todas as lâmpadas e pedi um Ballantine's mais por dever de ofício do que por vontade de beber. Era estranho, eu sabia que era estranho, mas muita coisa estranha tinha acontecido. Não era só Manuela, era também aquele apenas questão de método do apurador das casas decimais da gravação do vivaldino. A ser apenas questão de método, por que é que o Maria Lúcia trinta e sete anos mais velho do que a gravidez da mulher tinha que calçar a meia furada e não o *besame, besame mucho*, ou outro qualquer cata-milho do boudoir da velha Madame Francine? Será que as epístolas de São Canguçu aos tamiceiros rezavam a verdade, nada mais que a verdade, e dentro daquelas paredes forradas com seda e cobertas de molduras maiores do que os quadros, madeiras laqueadas a dourado, cortinas adamascadas e tapetes mais grossos do que pneu de caminhão, todo mundo sabia rezar missa em latim e só o velho Melquíades rezava em português? Problema da língua. Desde que não voltasse a correr atrás de bicharada perdida no Aterro do Flamengo eu rezava qualquer missa.

A radiação iluminou a minha mesa às 20:05 00, horário do fuso do pulso dela, 20:20 01, horário do fuso do meu pulso e foi no balanço da diferença que a idéia pintou na ombreira da porta. Quem sabe, com jeito, a eletromagnética confirmava as epístolas de São Canguçu aos tamiceiros ou botava o meu cavalo na raia e eu ganhava o páreo da questão? Na maior seriedade, peguei a agenda e fiz as contas.

– Tá vendo? Oitocentos e noventa e nove segundos. Se fosse o doutor Epaminondas jogava as estações pela janela.

Nada. A isca foi pequena e a radiação desintegrou-a.

– Já pediu?

– Eu? Eu sou cavalheiro.

– Mesmo com dois bolos?

– Faz parte. Quem tem primo doente, já viu.

– E ele?

– Vou ver amanhã.

– Fique pra segunda.

– Não dá. Tou preocupado. Ele mora só.

O garçom também estava preocupado e matamos os dois coelhos. Pedimos o jantar e esquecemos o meu primo.

– E o departamento de exportações?

– Pifou.

– Pifou? Pifou por quê?

– O senhor Iglésias...

– Aquilo é uma anta. Não sei nem como o doutor Epaminondas ainda agüenta.

Quem sabe um Ballantine’s bem medido abriria uma picada e o meu jeep atravessaria a floresta?

– Toma um uísque?

– Uma boa.

Chamei o garçom e pedi dois, e acendi um cigarro e fiz o que tinha feito quando cheguei na Mercúrio e a radiação me provocou a maior sensação. Puxei a mais tunelizada cova-funda e deixei o fumo sair, devagar, pelo nariz e pela boca. Dependia sempre de chuvas e trovoadas, mas, às vezes, dava certo. Um sorriso eletromagnético tirou um maço de cigarros da bolsa e pegou um. Deu certo. Acendi o cigarro, a radiação puxou também uma muito bem tunelizada cova-funda e lá vou eu.

– Sabe de quem é que eu tenho pena? Do senhor Melquíades.

– Também já soube?

Na mosca. Só faltava o garçom ter um par de asas e trazer logo os Ballantine’s, e seria o maior anjo do pedaço. Na hipótese de as asas terem sido tosquiadas, tratei de fazer a sensação mastigar um chiclete.

– O quê?

– O Doutor Epaminondas dispensou-o. Logo depois que você saiu.

– Não sabia.

– Mas não tenha pena, não. Levou uma grana pretíssima. Eu vi o cheque.

Um *zzzzzzzz* nas minhas costas e o arcanjo protetor dos chicletes baixou dois copos na mesa. Peguei o meu e levantei-o.

– Saúde.

A radiação ligou as fontes geradoras e levantou também o dela.

– Saúde.

Foram dois goles de placa. O meu com um pouco mais de efeito e menos força e o dela direto, bola no canto e o goleiro crucificado na trave. Viu? Com o jeep voando nos cipós quem precisa de Tarzan?

– Mas foi dispensado por quê? Não era um assessor de confiança, além de ser um dos funcionários mais antigos?

Outro goleiro crucificado na trave e as fontes geradoras turbinaram.

– Que fique entre nós, mas, hoje, logo depois que o Melquíades saiu, eu acertei de vez com o doutor Epaminondas. Ele vai botar o apartamento no meu nome, já paga a faculdade e, quando eu me formar, isso eu não disse pra ele, mas tchau e bênção, foi bom mas, agora, cada um no seu canto, tá entendendo? Velho não é comigo, não. Gosto muito de grana, mas gosto mais da cama. Mas a Lu, não. Fez questão de engravidar, bateu pé, tantas fez, tantas armou, que deu no que deu. Nem o Mercedes e o Rolex deram jeito, e o Melquíades entrou de São José naquele casamento e, hoje, pagou o pato. Mas pagou, assim, trezentos e cinqüenta milhões na mão, eu vi o cheque, era da conta particular do doutor Epaminondas, e um apezão em Campinas.

Mais um goleiro crucificado na trave e nem gelo sobrou no copo.

– Agora, quê que ele faz? Vai pra Campinas, bota a grana pra render e pronto, a Lu não aporrinha mais ninguém.

– E se ela não topar?

– Quem? A Lu? Com trezentos e cinqüenta milhões na mão, um casarão e um marido com mais do dobro da idade dela, a Lu pode ser o que for, mas burra ela não é, isso eu garanto.

Quando o Gabriel trouxe a comida entrei no céu atrás dele. A verdade, nada mais que a verdade, das epístolas de São Canguçu aos tamiceiros valia bem aquele, boa-noite, Mercúrio Bahia, às suas ordens, e dentro daquelas paredes forradas com seda e cobertas de molduras maiores do que os quadros, madeiras laqueadas a dourado, cortinas adamascadas e tapetes mais grossos do que pneu de caminhão, nem o velho assoador de nariz seria bobo. Com trezentos e cinqüenta milhões na mão qualquer padre lhe rezaria qualquer missa. E o Mandrake, que fez o que nunca ninguém tinha feito, não aumentou só o volume do *largo* do *Inverno* para chegar às oito horas da gravação do vivaldino. Sem ameaçar sequer a mais inconveniente mosca varejeira, mostrou o caminho da Delegacia de Falsificações e Defraudações a qualquer barnabé menos atento e livrou-se da prancha

escorregadia da Lu com um sobrenatural da melhor qualidade: conta particular forrada à custa dos lucros cessantes da Mercúrio e o chute no balde do senhor Melquíades oficializado com as *Considerações Finais* de um relatório mais fajuto do que ministro da Fazenda garantindo o controle da inflação. Grande Mandrake. O meu *royal straight flush* do Hotel das Paineiras era pinto junto dele.

Deixei a radiação eletromagnética em casa às dez, desbobinada por três Ballantine's apressados e uma truta passada na manteiga, e mandei o táxi tocar para a estação rodoviária. Troquei o casaco de couro pelo blusão, coloquei o chapéu, calcei as luvas e olhei-me no espelho do banheiro. Perfeito. Se o blusão fosse gabardine nem a cara seria minha, seria o Humphrey Bogart, detetive em P&B no mais perfeito retratão à Pio XII. Guardei o casaco no armário e mandei o motorista parar na Rua Patagônia, esquina com a Rua Nicarágua, nos conformes do mapa da cidade. Deixei o táxi desaparecer na primeira curva, entrei na BR e, na portaria da filial do Morro da Mangueira, virei à esquerda.

Não sabia o nome da rua, mas conhecia o estúdio e tinha a noite inteira para fazer a filmagem. Meandrei ruas e ruas e dobrei mais esquinas do que puta caça-níqueis, e por duas vezes pensei ter encontrado a varanda de troncos, as cadeiras de vime e as rodas e os carros de bois espalhados no jardim. Mas o Chaparral não tinha cães de guarda e nas duas casas havia mais olhos de dobermanns do que flores de buganvília. Continuei procurando. Tinha tempo e tinha que fazer a despedida.

Alguns cigarros depois e três carros fazendo de motel, finalmente dobrei a esquina do pecado e o Chaparral apareceu. Nenhum ruído, nenhuma luz, mas eu também sabia o que fazer. Limpei o suor do velho Taurus, saltei a grade, três toques curtos e seguidos, como Manuela tinha feito, e corri para a varanda. A porta do jardim foi destravada, ninguém entrou, e, pouco depois, o anão dançarino estava do meu lado. Mas não teve nem tempo de olhar as carroças destroçadas pelos índios. As seis polegadas do cano do trezoitão entestaram nos cornos dele e, plim-plim, vamos aos nossos comerciais, que já é hora de forrar a conta na matriz do Citibank of New Sweepstake.

– Quem é, Bozó?

Na mosca. Era a voz do kamikaze e se o xerox do Vietnã metalizado também filmasse naquela noite, teríamos o melhor episódio da série, digno de um **THE END** à Clint Eastwood e amigos Smith & Wesson.

– Diz que não tem ninguém.

O palito-de-gafieira interpretou o doutor Epaminondas na maior dignidade e nem titubeou.

– Não tem ninguém.

– Fecha a porta.

Porta fechada, entramos na sala das filmagens, o anão tremelicando na frente e o velho Taurus bichanando a nuca dele. Dizem que profissional de boteco não ocupa mesa às sextas-feiras, quem torra garçom na sexta-feira é amador, a semana enfiada no batente e o cu doidão por dar uma de entendido. Pelos vistos, no Chaparral acontecia a mesma coisa, ou, então, a hora ainda não tinha acontecido. No salão do estúdio havia mais espaço do que tempo e nem figurante reclamava pagamento. Apenas o kamikaze, ainda com a fita na testa, sultanava no sofá e o xerox do Vietnã metalizado zanzava junto da vitrola. Uma porrada na nuca do palito e ele vira sapoti esborrachado no chão. O sultão kamikaze nem se mexeu, mas o xerox quis dar uma de batente de barraco metido a boteco sem porta e pulou para cima de mim. Pulou, assim, quando as patolas chegaram perto o trezoitão chegou primeiro e foi aquele destempero. Metade dos dentes voou e a outra metade sumiu no oco das goelas.

– Calado. Se piar, já viu.

Ajeitada a cama do palito e do batente, o kamikaze virou bola preta em admissão de country clube pedigree.

– Tem mais gente na casa?

– E se tiver?

No sofá, junto do kamikaze, um telefone só pedia a Deus que alguém se lembrasse de ligar.

– Se tiver...

Meio metro de distância e o cano do trezoitão enfiado no olho, e o problema resolveu-se.

– Não.

– Quem é Lem?

– Eu.

– Lulu?

O kamikaze apontou o xerox do Vietnã metalizado com as mãos na cara, escorrendo sangue. Apontei o sapoti esborrachado, que tentava levantar-se.

– O Bozó é ele?

O kamikaze acenou com a cabeça. Atravessei a sala, recuando, e rebentei o fio do telefone junto da porta. Puxei-o e ele soltou do lambri mais de seis metros. O kamikaze continuava imóvel, olhando

para mim, talvez pensando que eu fosse um pardal bobo e ele podia virar gato caçador. Mas um kamikaze como ele não conheceu meu velho pai, se tivesse conhecido nem pensaria, quem pensa só gasta tempo.

– Todos encostados na parede, de mãos nas costas.

O kamikaze, de cara amarrada, o xerox do Vietnã metalizado, engolindo o que tinha sobrado da queixada, o palito-de-gafieira, ainda sem fuso, mas todos obedeceram. Chamei o palito e dei-lhe o fio do telefone.

– Amarra as mãos deles.

Mãos dos dois amarradas, o gafieira olhou para mim. Apontei o xerox do Vietnã metalizado.

– Encosta junto dele.

Amarrei as mãos do nanico dançador, enrolei mais fio nos pulsos dos outros dois e abri a porta. Era um perfeito três-em-um, rádio, toca-fita e toca-disco, bom, bonito e barato, pronto para entrega.

– Quem piar, fodeu-se.

A rua estava deserta e ninguém piou. Como dizia meu velho pai, foder é bom, mas se foder, nem morto. Subimos a rua, devagar, até terminarem as casas, se alguém olhasse de uma janela e nos visse, veria apenas quatro bêbados, três cambaleando na frente e um atrás. No fim da ladeira a rua fazia uma curva e acabava no mato. Morro de um lado, pirambeira do outro, até que era bonito olhar Belo Horizonte luzindo lá embaixo.

Nem mandei que parassem. Três tiros e os corpos caíram na borda da pirambeira. Lembrei de Manuela caída no assento do táxi, estrebuchando e um fio de baba escorrendo pelo queixo, e chutei o três-em-um-já-entregue mato abaixo. Botei o velho Taurus na cama e saí assobiando. Se Manuela pudesse ver gostaria de ouvir, mesmo desafinado, aquele *tira o seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor*, dos violões Guilherme de Brito e Nelson Cavaquinho.

Troquei a roupa no banheiro da estação rodoviária, deixei o chapéu, o blusão e as luvas no armário e na Avenida Afonso Pena joguei a chave num bueiro e fui para o hotel. Levaria dias para encontrar aquela fantasia 3 x 4 de Humphrey Bogart, detetive em P&B. Satisfeito, acendi um cigarro e banquei o doutor Epaminondas, nem titubeei em puxar a maior das covas-fundas. Era a primeira tragada depois que a radiação da Luzinete tinha desbobinado com três Ballantine's apressados e uma truta passada na manteiga, mas valeu o sacrifício. A minha despedida estava feita. Pedi à telefonista que me

chamasse às seis horas, tomei um banho, tracei o resto da garrafa de Ballantine's, deitei-me e fiquei pensando no meu **THE END**. Se Manuela estivesse ali comigo não teria havido despedida.

CUNHA DE LEIRADELLA

leiradella@sapo.pt